



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA RACHEL FIÚZA MOREIRA

**A (DES)ORDEM DO MUNDO NA ORDEM DO ESPELHO: ANÁLISE DOS EFEITOS
DE SENTIDO NO SEQUENCIAMENTO DAS NOTÍCIAS NO *JORNAL NACIONAL***

Maceió/AL

2016

MARIA RACHEL FIÚZA MOREIRA

A (DES)ORDEM DO MUNDO NA ORDEM DO ESPELHO: ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO NO SEQUENCIAMENTO DAS NOTÍCIAS NO *JORNAL NACIONAL*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGL-UFAL), como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Maceió/AL

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

- M838d Moreira, Maria Rachel Fiúza.
A (Des)ordem do mundo na ordem do espelho: efeitos de sentido no sequenciamento das notícias no Jornal Nacional / Maria Rachel Fiúza. –2016. 118 f. : il.
- Orientadora: Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante.
Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2015.
- Bibliografia: f. 94-101.
Apêndice: f. 102-118.
1. Análise do discurso. 2. Telejornalismo – Análise do discurso.
3. Jornalismo. 4. Televisão. 5. Estádio de espelho. I. Título.
- CDU: 81'42

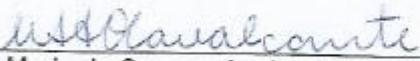
TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA RACHEL FIÚZA MOREIRA

Título do trabalho: "A (DES)ORDEM DO MUNDO NA ORDEM DO ESPELHO: ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO NO SEQÜENCIAMENTO DAS NOTÍCIAS NO JORNAL NACIONAL".

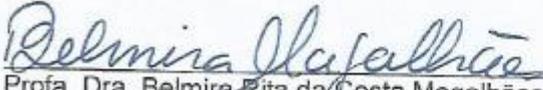
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

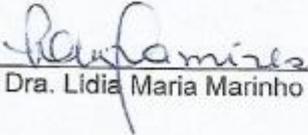


Profa. Dra. Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante (PPGLL/Ufal)

Examinadores:



Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães (PPGLL/Ufal)



Profa. Dra. Lidia Maria Marinho da Pureza Ramires (Ufal)

Maceió, 02 de maio de 2016.

AGRADECIMENTOS

Ao Rodrigo, filho querido, por existir na minha vida.

À minha mãe, ao meu pai (em memória), à minha irmã, irmãos, cunhado, cunhadas e sobrinhos, pelo apoio e incentivo, sempre presentes, longe ou perto.

À professora Socorro Aguiar, pela acolhida na orientação sempre de maneira tão segura e gentil.

Ao amigo-irmão Heder Rangel, parceiro de tantos caminhos, meu primeiro leitor e que sempre acreditou que eu poderia ir mais longe.

À amiga Lídia Ramires, pelo carinho na preparação até a banca de qualificação, sem ela o caminho teria sido muito mais difícil.

À professora Belmira Magalhães, pelas suas preciosas observações e contribuições na banca de qualificação e ao longo de todo curso.

Ao professor Helson Sobrinho e a todos os professores do PPGLL-UFAL, pelo convívio e pelas contribuições nas salas de aula e nos corredores da FALE.

Aos queridos amigos e amigas, companheiros de jornada, pelo carinho e troca de experiências durante o Mestrado. E a todos que direta e/ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. É claro que a mídia desempenha também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e a sua expressão final. (RODRIGUES, 2002)

Os homens da mídia vivem repetindo que o dever dos jornais e da televisão é dar a 'notícia'. Mas 'notícias, há milhares delas espalhadas pelo mundo. O que me espanta é o critério que se usa para pinçar, das milhares que há, as notícias que irão ser servidas aos leitores como comida. É preciso reconhecer que os jornais e a televisão são os fatores mais importantes na educação do povo. Jornais e televisão têm a missão ética de contribuir para que o povo seja melhor. Se o povo só se alimenta de comida pútrida, ele passará a gostar do pútrido. E, ao final, ficará também pútrido. (RUBEM ALVES, 2014)

RESUMO

Fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de filiação pecheutiana (AD), esta dissertação analisa os efeitos de sentidos nos espelhos do *Jornal Nacional*, programa jornalístico apresentado diariamente na Rede Globo de Televisão. O *corpus* analisado se constitui de quatro semanas de telejornal, entre os meses de junho, julho e agosto de 2015, disponíveis no *site*Globo.com. Além de estar embasado em autores da AD, entre os quais Pêcheux, Orlandi e Maldidier, nosso percurso teórico inclui ainda estudiosos do jornalismo, como Paternostro, Rezende, Traquina e Lage. Com isso, buscamos compreender as condições de produção do discurso jornalístico na televisão brasileira, ou seja, do telejornalismo. Em nosso gesto de interpretação, analisamos como os **espelhos** sequenciamento das notícias no telejornal - produzem sentidos a partir daquilo que apresentam e que silenciam, no tocante ao arranjo jornalístico. Partindo da perspectiva de que o telejornal é um espaço diário de construção de sentidos, negando, assim, o entendimento de um discurso jornalístico imparcial e transparente, compreendemos que o sujeito desse lugar de análise se constitui nas práticas sócio-históricas e nas lutas ideológicas de uma determinada formação social. Logo, todo discurso está entrelaçado nas relações sociais e são essas relações que sustentam seus efeitos de sentidos. A partir das leituras, discussões e análises realizadas, foi possível compreender, dentre outros aspectos, que a organização e funcionamento dos espelhos dos telejornais estão relacionados a práticas dos sujeitos jornalistas que ocupam uma determinada posição na sociedade e que, a partir desse lugar, assumem uma posição ideológica no cenário discursivo dos telejornais.

Palavras-chave: Discurso. Jornalismo. Espelho. Televisão.

ABSTRACT

This work is based on theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis (AD), in line with its founder Michel Pêcheux and analyzes the effects of meaning in the mirrors of the Jornal Nacional, news program of the Globo Television Network. The analyzed corpus is composed of four weeks of television news transmitted between the months of June, July and August 2015 and available at the station site. To accomplish the analysis, we tread a theoretical path grounded in authors like Pêcheux, Orlandi, Malidier, among others. It also included some journalism scholars, as Paternostro, Rezende, Traquina and Lage, seeking thereby to understand the journalistic discourse production conditions on Brazilian television, that is, the television news. In our act of interpretation, we analyze how the mirrors - sequencing of the news in television news - produce meanings from what we are and which are silent with regard to journalistic arrangement. This work of the realization that television news is a daily space for the construction of meanings, denying the understanding of a fair and transparent journalistic discourse. We emphasize that this place analysis, the subject is constituted in the socio-historical practices and ideological struggles of a given social formation thus, we understand that every discourse, producing historical subjects, is interwoven in the social relations and it is these relationships that sustain its effects directions. From the readings, discussions and analyzes, it was possible to understand, among other things, to build the mirrors of news programs are practical subjects journalists who occupy a certain position in society and, from that place take an ideological position in the discursive scenario TV news.

Keywords: Discourse. Journalism. Mirror. Television.

A meu pai (em memória)
A meu filho, vida que segue.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LINGUAGEM E DISCURSO: FUNCIONAMENTO HISTÓRICO SOCIAL	14
2.1	Língua, linguagem e sociedade	14
2.2	O discurso como materialidade das relações: maneiras de entrelaçamento	18
2.3	Discurso, ideologia e sujeito.....	21
2.4	Categorias da AD: dispositivos teóricos e procedimentos metodológicos.....	24
2.5	As três épocas da AD e a questão da heterogeneidade discursiva.....	29
3	O PROCESSO DISCURSIVO DO JORNALISMO E DO TELEJORNALISMO .	34
3.1	O funcionamento da linguagem no jornalismo e no telejornalismo.....	34
3.2	As inter-relações de linguagens.....	39
3.3	Produção e execução do processo discursivo do jornalismo e do telejornalismo	43
4	UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O DISCURSO DOS TELEJORNAIS	52
4.1	Condições de Produção da Televisão Brasileira	52
4.1.1	O Jornal Nacional (JN) e o Projeto da Televisão em Rede	57
4.2	O Telejornalismo e seu funcionamento	63
4.3	Espelhos: um corpus em movimento.....	68
4.3.1	Os espelhos do Jornal Nacional.....	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94
	ANEXOS	102

1 INTRODUÇÃO

Vamos falar sobre **espelhos**. Espelhos que tentam **refletir** um plano de voo, uma intenção, um roteiro de apresentação, mas, que também podem **refratar**, desviar a direção, mudar e produzir novos sentidos. Os espelhos que nos interessam não estão nas paredes. Desenvolvidos para serem apresentados nas telas das TVs, eles possuem uma espécie de moldura que enquadra, que recorta o que deve ser dito.

Construir um **espelho** é o primeiro passo para um telejornal **ir ao ar**. Antes de abordar o seu funcionamento, vamos considerar a comunicação na contemporaneidade, pensar sobre as diversas mídias; afinal, estamos inseridos nos processos midiáticos, e de tal maneira que não é possível imaginar a sociedade fora desse universo de inter-relações. Dentre as diversas mídias - impressas, eletrônicas ou digitais -, nosso olhar se direciona para a televisão, especificamente para o telejornalismo. Corroborando com Rodrigues (2002), compreendemos que a mídia, cujo desempenho abrange uma variedade de funções na sociedade, tem no discurso o seu objetivo e sua expressão final. Discursos produzidos a partir de milhares de informações espalhadas pelo mundo, onde somente algumas serão “escolhidas” para virar notícias. Daí lançarmos a pergunta: que critérios são usados para pinçar, entre tantas informações, aquelas que serão “servidas aos leitores como comida”? Aquelas que são servidas através das telas de TV espalhadas pelo país desde o século passado.

Maior símbolo da mídia de massa no Brasil a partir de 1950, a televisão, para a maioria das pessoas, é a única fonte de informação diária. Atualmente, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2014)¹, 97% da população do país possuem ao menos um aparelho de televisão em sua residência. Mesmo considerando a expansão da Internet, a TV ainda ocupa o lugar de protagonista no cenário midiático brasileiro. Nesse sentido, entendemos que “as reflexões sobre a televisão são hoje um modo privilegiado de se pensar a sociedade, essa mesma chamada sociedade de massas, sociedade de consumo, sociedade do espetáculo” (SILVA, 2012, p.13).

O interesse em investigar o funcionamento dos discursos que circulam na televisão, em especial o jornalístico, teve como impulso o laço acadêmico-profissional que possuímos com a televisão. Partindo do ponto de vista de que o **telejornal** é um espaço de construção de

¹Disponível em: <http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesqti-gvcia2014ppt.pdf>. Acesso em: 12 set 2015.

sentidos, entendemos que seu discurso não é neutro e nem imparcial. O telejornal, seus modos de significar, é o nosso lugar de observação.

Intitulada **A (des)ordem do mundo na ordem do espelho: análise dos efeitos de sentido no sequenciamento das notícias no Jornal Nacional**, esta dissertação adota como parâmetro de análise o estudo do discurso midiático que vai além do que estabelece o modelo focado na relação emissor/mensagem/receptor. Logo, não tratamos a comunicação como mera troca de informações. De outro modo, seguimos a base teórica e metodológica da Análise do Discurso Francesa (AD), perspectiva fundada na França, em 1969, que tem como maior expoente Michel Pêcheux. Com isso, buscamos desvelar os efeitos de sentidos que atravessam os **espelhos**², através dos quais é montado o sequenciamento das notícias previamente “escolhidas”, exibidos diariamente no **Jornal Nacional**, da TV Globo.

Por que analisar esse sequenciamento? Assistindo aos telejornais, percebemos que a estruturação do **espelho** não é apenas uma montagem de caráter editorial, no qual os assuntos similares eram agrupados em blocos que seguem uma determinada temática. Em nosso gesto de interpretação, identificamos que montar um **espelho** é fazer escolhas e tomar uma série de decisões. Assim, além de definir quais assuntos serão pautados em cada edição do telejornal, é necessário decidir de que maneira esses assuntos serão mostrados - se através de grandes reportagens ou apenas de uma simples nota lida pelo apresentador. É preciso definir também o tempo que será dedicado a cada notícia - vale ressaltar que o fator tempo é a moeda mais valorizada na programação de uma emissora, visto que esse meio trabalha com fluxos temporais; tudo na TV é dividido por frações de tempo. E tempo, na Formação Social Capitalista, é sinônimo de dinheiro. Ou seja: *Time is Money!* (Tempo é dinheiro!)

Uma série de questões é ainda observada e convocada na montagem do **espelho**. Qual o assunto merece abrir a edição do dia? O que vai merecer maior destaque? Qual tema virá em seguida? O que entrará nas manchetes das notícias que abrem o telejornal? São questões que nos inquietam e que nos impulsionam a buscar respostas para entender o funcionamento discursivo e os efeitos de sentido produzidos pelos **espelhos** do **JN**, em especial. Compreender esses efeitos de sentido não é uma tarefa simples, haja vista que precisamos ver

² Nessa dissertação não trabalharemos com a teoria de Lacan sobre o “Espelho”, embora saibamos da importância desta para os estudos da psicanálise. O estudioso e psicanalista francês, Jacques Lacan, abordou este tema em um texto intitulado “O Estádio do Espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica”(IMANISHI, 2008).

além do que foi posto na materialidade da língua, em sua evidência, ainda que partamos dela. Conforme Florêncio et al. (2009, p.92), é preciso “buscar as raízes do dizer em suas condições de produção, desconfiar do óbvio, sentir a necessidade de investigar outras pistas”.

A fim de compreender a materialidade discursiva do telejornal em questão, consideramos tanto a escrita falada como a imagem, visto que a linguagem televisiva é essencialmente multimodal. É dessa forma que procuramos “percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto” (ORLANDI, 2012, p. 60). Composto por **24 espelhos do Jornal Nacional**, o *corpus* da presente investigação foi selecionado em quatro semanas de telejornal, transmitidos entre os meses de junho, julho e agosto de 2015. Todos os recortes foram extraídos do *site Globo.com*, que disponibiliza na íntegra, para assinantes, o conteúdo dos telejornais.

A dissertação está organizada em cinco seções, começando por esta introdução e finalizando com as considerações, além dos anexos com os espelhos do JN. Intitulada **Linguagem e discurso: funcionamento histórico e social**, a segunda seção discorre acerca da linguagem, sobre como através desta os seres sociais estabelecem relações cotidianamente. Nessa seção, observamos que Michel Pêcheux compreende a linguagem como inserida internamente nas contradições sociais, pois possui relação com a exterioridade, entendida como uma relação com a memória do dizer, com aquilo que já foi dito em outros lugares, em outras situações. Nesse sentido, partimos do discurso enquanto efeito de sentido entre interlocutores. Na segunda seção, apresentamos ainda o percurso histórico da AD, conceituamos as principais categorias teórico-metodológicas convocadas nas nossas análises, bem como buscamos refletir sobre a ideologia, o sujeito discursivo e a heterogeneidade discursiva.

Na terceira seção, denominada **O processo discursivo do jornalismo e do telejornalismo**, trazemos algumas reflexões sobre o funcionamento e as especificidades da linguagem no jornalismo e no telejornalismo e as inter-relações de linguagem entre quem produz e quem a recebe. Abordamos também os processos discursivos do jornalismo e do telejornalismo, sua produção e execução.

Na quarta seção, **Um olhar analítico sobre o discurso dos telejornais**, investigamos como são construídos os **espelhos** dos telejornais, nosso *corpus* de estudo. Para tanto, partimos de reflexões sobre as condições de produção da televisão brasileira e, nesse campo,

sobre o projeto da televisão brasileira em Rede e a concepção do **Jornal Nacional** como materialização desse projeto. Ainda na quarta seção, após mostrar o funcionamento do telejornalismo, suas especificidades e contradições, apresentamos as análises das sequências extraídas dos espelhos do **Jornal Nacional**.

Com esta dissertação, lançamos um novo olhar, através da perspectiva da AD pecheutiana, sobre o processo de estruturação do telejornal de maior audiência da televisão brasileira, estimulando reflexões sobre o discurso jornalístico na TV - um discurso que, muitas vezes, é apresentado como único, como verdadeiro. Ou ainda, um discurso que mostra que “as coisas são como são”. É assim que o **JN** se mostra para a sociedade brasileira. Buscamos desvelar os efeitos de sentido produzidos pelos **espelhos**, concebendo-os como um gesto de interpretação, a partir de condições sócio-históricas estabelecidas, em que o sujeito sempre fala de um determinado lugar, assumindo uma posição ideológica de classe no cenário discursivo dos telejornais.

2 LINGUAGEM E DISCURSO: FUNCIONAMENTO HISTÓRICO E SOCIAL

A linguagem, em vez de uma fortificação sólida e protegida, oferece no máximo uma tenda, prestes a ser desmontada a cada vez que seu ocupante sai em busca de sítios mais abrigados; uma tenda sujeita à ação dos ventos e tempestades da história e dos abalos sísmicos do poder.

(Eugênio Bucci, 2004)

2.1 Língua, Linguagem e Sociedade

Nosso ponto de partida é a linguagem humana, através da qual os seres sociais estabelecem relações cotidianamente. Essas relações seriam impossíveis sem a linguagem. Contudo, Lukács (2013) observa que, apesar de ser dotada de vida própria, a linguagem deriva diretamente do trabalho. Este, na perspectiva marxiana, funda o ser social. Nesse sentido, o trabalho é a base de todas as formas de práxis sociais.

Para Marx (2005, p. 21),

[...] o primeiro fato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; e isso mesmo constitui um fato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que deve, como há milhares de anos, preencher dia a dia, hora a hora, simplesmente para manter os homens com vida. (MARX, 2005, p.21)

Logo, precisamos estar vivos para transformar a natureza (trabalho) e estabelecer relações sociais. Através do trabalho, o ser social busca respostas para atender suas necessidades, planeja e estabelece finalidades para suas ações. De outra forma, a consciência da atividade produtiva do homem se manifesta na habilidade para antecipar em sua mente o resultado da ação que objetiva pôr em prática. Essa ação dos homens com a finalidade de transformar a natureza, Lukács (2013) vai chamar teleologia primária, a partir da qual surgem os pores teleológicos secundários, as formas mais desenvolvidas da práxis social, onde se tem a ação sobre outros homens, ou seja,

[...] o objeto dessa finalidade secundária já não é um elemento da natureza, mas a consciência de um grupo humano; a posição do fim já não visa a transformar

diretamente um objeto natural, mas, em vez disso, a fazer surgir uma posição teleológica que tenha, porém, como objetivo alguns objetos naturais; da mesma maneira, os meios já não são intervenções imediatas sobre objetos naturais, mas pretendem provocar estas intervenções por parte de outras pessoas (LUKÁCS, 2013, p.84).

Através da linguagem humana é que as relações sociais são percebidas e realizadas, ou, nas palavras de Marx (2005, p.26), “a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os homens, e, portanto, que existe igualmente para mim mesmo pela primeira vez; pois a linguagem, como a consciência, só nasce da necessidade, da exigência de intercâmbio com outros homens”. A partir daí, entendemos que o processo de trabalho irá influenciar continuamente a linguagem, sendo esta o resultado da distância entre sujeito-objeto e a principal mediação estabelecida entre estes. De acordo com Lukács (2013):

Do mesmo modo que com o trabalho, também com a linguagem se realizou um salto do ser natural ao ser social (...) Na medida em que o homem se esforça por precisar cada vez mais o objeto como algo concreto, os seus meios de expressão, as suas designações são tais que permitem muito bem a cada sinal figurar em contextos completamente diferentes. De modo que a reprodução realizada através do signo verbal se separa dos objetos designados por ela e, por conseguinte, também do sujeito que a realiza, tornando-se expressão conceptual de um grupo inteiro de fenômenos determinados, que podem ser utilizados de modo análogo por sujeitos inteiramente diferentes, em contextos diferentes (LUKÁCS, 2013, p. 129).

Produto de uma coletividade que tem origem social, material de expressão da consciência, a linguagem deriva diretamente do trabalho, base imprescindível do ser social, conforme vimos em Lukács (2013). Segundo o mesmo autor, o homem sempre fala ‘sobre’ algo que extrai de sua existência imediata em sentido duplo: na medida em que o objeto é posto de modo independente e como algo concreto. Assim, a reprodução linguística se afasta tanto dos objetos designados como do sujeito que o expressa.

Os estudos da linguagem, que remontam à antiguidade, podem partir de diferentes posições: se a atenção se voltar para a língua enquanto sistema de signos ou de regras formais, a Linguística será a referência principal. Nessa perspectiva, a língua assume uma lógica sistêmica e padronizada e deixa sempre uma linha horizontal de comando (sincronia), entendendo-se que é dessa forma que o sentido linguístico se dá cotidianamente. Simultaneamente, o seu traço vertical (diacrônico) imprime sua marca de maneira forte, desenvolvendo-se por intermédio da temporalidade social. Logo, o sentido linguístico está atrelado a mudanças que ocorrem tanto pelo uso da língua como em seu desenrolar temporal. Por outro lado, se os estudos da linguagem se direcionam para os tradicionais esquemas de comunicação, via Escola Funcionalista, em que o emissor transmite uma mensagem ao

receptor através de um código, que se refere a algum elemento da realidade, a Teoria da Informação se apresenta com suas funcionalidades e soluções. Vale destacar que essas abordagens, apesar de referenciadas em nossa reflexão, não serão as âncoras do nosso trabalho, mesmo porque a ideia de linguagem como instrumento de comunicação, por exemplo, vai de encontro ao que afirma Pêcheux (2009), de que linguagem também serve para não comunicar.

Contudo, é importante retomar essas abordagens a fim de pontuar que o olhar que apresentamos nesta pesquisa parte de uma mudança significativa da concepção da **língua**, entendida não só como estrutura, conforme preconiza Saussure (1973), mas também como uma construção sócio-histórica. Assim, consideramos a ressignificação da língua trazida/apresentada pela Análise do Discurso, cujos estudiosos questionam o sentido literal, evidente, das palavras. É por esse caminho, pois, que enveredamos para compreender o funcionamento da língua que se faz e se refaz em linguagem discursiva.

A seguir, Ferreira (2007) sintetiza o conceito de língua que adotamos:

Importa ressaltar, de fato, que a Análise do Discurso não trabalha com a língua da Linguística, a língua da transparência, da autonomia, da imanência. A língua do analista de discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência (FERREIRA, 2007, p.7).

Desse modo, o nosso olhar se volta para o imbricamento entre **língua** e **história**, abrangendo, necessariamente, as **relações sociais**. Conforme Orlandi (2000, p.9), “não podemos não estar sujeitos à linguagem, aos seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos”. É preciso ter uma relação menos ingênua com a linguagem, acrescenta a autora, que esclarece que essa possível ingenuidade é estabelecida, na maioria das vezes, pelo apagamento dos gestos de interpretação, como se houvesse uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. Na prática do jornalismo, essa relação é posta quando se afirma que **os fatos falam por si**. Quanta ingenuidade! Visto que a interpretação dos fatos, dos acontecimentos é feita por sujeitos que mobilizam várias memórias, de acordo com suas relações sociais, produzindo novas significações, tudo o que um jornalista não pode ser é ingênuo em relação à linguagem, matéria-prima de sua *práxis* cotidiana.

Na ótica da AD, a linguagem é percebida como **ação, transformação**, como um **trabalho simbólico** em “que tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc” (ORLANDI, 1998, p.17). Nessa perspectiva, a linguagem está sempre inserida na sociedade e possui uma relação com a exterioridade, entendendo-se esta como uma ponte com a memória do dizer, com aquilo que já foi dito em outros lugares, em outras situações. Pêcheux e Fuchs (1999, p.164) ressaltam que é essencial considerar a relação linguagem/exterioridade, cuja base teórica os mesmos autores definem “como teoria da determinação histórica dos processos semânticos”. Esse entendimento vai apresentar novas possibilidades teóricas. É o que esclarece Orlandi (2005a):

Na maneira como temos desenvolvido a análise de discurso, ao desmanchar dicotomias, re-definimos o que é língua para a linguística e também para o analista de discurso: a língua é estrutura não fechada em si mesma, sujeita a falhas. Abre-se por aí, a possibilidade teórica de re-introdução do sujeito e da situação no campo dos estudos da linguagem. Re-significado, o sujeito não é origem de si e a situação não é a situação empírica mas linguístico-histórica (ORLANDI, 2005a, p.77).

De acordo com Gregolin (2005, p.101), ao romper com o formalismo da linguagem “neutra”, “Pêcheux propõe que a Linguística precisa acolher a ambiguidade, a contradição, o jogo: essas propriedades intrínsecas ao seu objeto”. De outro modo, Orlandi (2006, p.7) explica que a AD abre uma perspectiva de refletir dialeticamente a linguagem, “que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito (...) a arte de refletir nos entremeios”. Disciplina de entremeio, a Linguística será constantemente solicitada para fora de seu domínio, afirma Orlandi.

Compreender o funcionamento da linguagem jornalística, em especial do telejornalismo, considerando suas especificidades e as características do meio em que circula, é o que buscamos com este estudo. Para isso, concebemos a linguagem como fato social, não transparente, mas opaca. Segundo Orlandi (2002, p.7), “[...] a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descobertas”. Adiante, prosseguiremos com o olhar questionador do analista do discurso, um olhar que não se contenta com o óbvio, com a evidência, porque “[...] não há como esquivar-se de trabalhar com a linguagem sem levar em consideração a interpretação, a ideologia, o inconsciente, a história e, sobretudo, os sujeitos nos seus limites e possibilidade” (FLORÊNCIO et al., 2009, p. 91).

2.2 O discurso como materialidade das relações: maneiras de entrelaçamento

É próprio do analista do discurso ficar inquieto diante dos dizeres que circulam na sociedade. Do discurso político dos partidos de esquerda aos discursos ordinários, (das falas anônimas), das máquinas discursivas às máquinas paradoxais, de um *corpus* fechado de sequências discursivas com condições de produção supostamente estáveis e homogêneas ao primado da heterogeneidade (do *discurso* outro), é importante ficar atento à diversidade de materialidades discursivas que encontramos na sociedade, bem como à forma como elas foram e são abordadas na AD.

Em meio a deslocamentos, reformulações e reconfigurações, a disciplina passa por diversas fases. Assim, Melo (2011, p.37) observa que Michel Pêcheux, principal representante da área, “apresenta muitos pontos de interrogação, demonstrando, assim, uma atitude de permanente inquietação em face a seu empreendimento teórico-metodológico”. De outro modo, Maldidier (2014, p.29) coloca que “toda a história da AD francesa é, *grosso modo*, depois da segunda metade da década de 1970, a história das desconstruções-reconfigurações a partir da sua construção inicial”.

Antes de iniciarmos uma reflexão sobre as fases e deslocamentos da AD, faz-se necessário situar sócio-historicamente o surgimento desse campo de estudo, que desestabilizou algumas posições nos estudos da Linguagem e das Ciências Sociais, uma verdadeira aventura teórica em terreno pouco estável. “Michel Pêcheux não construiu no firme. Ele é bem o homem dos andaimes suspensos de que fala, desde 1966, Thomas Herbert, sua máscara para os *Cahiers de L’analyse*”³, diz Maldidier (2003, p.15).

Nosso ponto de partida ou a largada dessa aventura teórica aconteceu na França do final da década de 1960. Época das grandes manifestações políticas, dentre as quais as ocorridas em maio de 68, que mobilizaram estudantes e trabalhadores, como nos aponta Zandwais (2011):

Mobilização dos trabalhadores franceses através de uma greve geral deflagrada em 13 de maio de 1968, às manifestações dos movimentos estudantis, à organização da União Nacional dos Estudantes (UNEF) e do Sindicato de Docentes do Ensino Superior, que aliados aos trabalhadores promovem práticas políticas de resistência contrárias à política de Charles De Gaulle e que colocam a esquerda francesa em posição de ascensão no contexto político francês (ZANDWAIS, 2011, p. 48).

³“É com este pseudônimo que Michel Pêcheux escreve em 1966 seu primeiro artigo: Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, a psicologia social, *Cahiers pour l’Analyse*, 2” (MALDIDIÉ, 2003, p. 99).

Essas manifestações tiveram repercussão mundial, por isso mesmo

os anos 60 também ficaram conhecidos para uns como a década da contestação e para outros como os anos rebeldes. As contradições daqueles anos foram sentidas por todos, desde os jovens. Os livros de Karl Marx foram popularizados. As mazelas do capitalismo eram denunciadas. Os valores foram questionados e os tabus quebrados (CARNEIRO, 2007, p.2).

O movimento político-social em questão repercute também no meio acadêmico, e de maneira forte, fazendo com que o campo epistemológico não ficasse isento dessa movimentação e sua influência. Dessa forma, posições teóricas já estabelecidas foram questionadas, dentre elas o estruturalismo, que estava em seu apogeu. “[...] na linguística onde havia uma aparente unidade em torno das ideias saussurianas, o estruturalismo começou a ser questionado”, afirma Florêncio et al. (2009, p.20).

É nesse cenário que Michel Pêcheux, um filósofo francês, nascido em Tours, França, coloca-se como um verdadeiro estrategista, “capaz de fazer alianças com intelectuais de outras áreas e de acolher, ao mesmo tempo, teorias já consagradas no interior da Academia” (ZANDWAIS, 2009, p.49). A partir daí, “a análise do discurso inaugura uma região teórica própria tanto em relação à linguística como em relação às ciências sociais em geral. E dizer ‘própria’ não significa negar suas relações necessárias com esses outros campos disciplinares” (ORLANDI, 2014, p.11).

Pêcheux não estava sozinho no início dessa aventura teórica. A AD francesa teve uma dupla fundação. Além do próprio Pêcheux, o linguista Jean Dubois, estudioso da literatura e da gramática, também francês, foi fundamental no início da disciplina. Dubois era uma referência na área dos estudos linguísticos da época. Segundo Malidier (2014, p.19), “[...] ele participa de todos os empreendimentos que, na década de sessenta, manifestam o espírito de conquista da linguística: da elaboração de dicionários à criação de revistas (assim é criada *Langages*⁴, em março de 1966)”. Mas, ainda que falassem de terrenos distintos dentro do meio acadêmico, Pêcheux e Dubois “são tomados em um espaço comum: aquele do marxismo e da política. Na contramão das ideias dominantes, eles partilham as mesmas evidências sobre a luta de classes, sobre a história, sobre o movimento social”, esclarece Malidier (Idem). Ambos eram marxistas, com influência althusseriana e com participação efetiva na política.

⁴O primeiro número da revista, intitulado *Analyse du discours*, “se tornou o testemunho incontornável do estabelecimento da AD no campo dos estudos linguísticos”, aponta Mazière (2007, p. 37).

Ainda assim, os dois pensavam a AD de forma diferente. Enquanto Dubois a concebia como uma ampliação dentro da linguística, um progresso desta, partindo da perspectiva de que através da AD se passaria do estudo das palavras (lexicografia) para o estudo dos enunciados (análise do discurso), para Pêcheux, “a análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia)” (MALDIDIER, 2014, p.19). Nesse sentido, continua o filósofo, era preciso mudar de terreno e fazer intervir conceitos exteriores à linguística para prosseguir com a nova região teórica. Assim, a AD foi pensada “em oposição aos dois quadros teóricos existentes no campo da linguística - o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskiano” (FLORÊNCIO et al., 2009, p.22).

A mudança de terreno proposta por Pêcheux (2012) consistia em

se desvencilhar da problemática subjetivista centrada no indivíduo – fonte de gestos e palavras, ponto de vista sobre os objetos e sobre o mundo – e compreender que o tipo de concreto com que lidamos e em relação ao qual é preciso pensar, é precisamente o que o materialismo-histórico designa pela expressão **relações sociais**, que resulta de relações de classe características de uma formação social dada (através do modo de produção que a domina, a hierarquia das práticas de que este modo de produção necessita, os aparelhos através dos quais se realizam estas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que delas dependem) (grifos do autor). (PÊCHEUX, 2012, p.127).

Referindo-se a Pêcheux com relação a esse novo campo de conhecimento, Henry (2014, p.12) afirma que ele teria como “ambição abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, e, em particular, da psicologia social”. Para o autor (Ibidem, p.38), “ele concebeu o seu sistema como uma espécie de ‘Cavalo de Tróia’ destinado a ser introduzido nas ciências sociais para provocar uma reviravolta”.

Essa reviravolta é impulsionada pela formulação do objeto de estudo da AD. A língua não será o objeto eleito para essa nova região teórica, diga-se de passagem. “Na realidade, é mais conveniente conceber a língua (objeto da linguística) como a base sobre a qual processos se constroem; a base linguística caracteriza, nesta perspectiva, o funcionamento da língua em relação a si própria, enquanto realidade relativamente autônoma” (PÊCHEUX, 2012, p.128). Dessa forma, o seu objeto de estudo é o discurso, pensado a partir de reflexões sobre o sujeito, a história, o inconsciente e a própria língua. Pêcheux vai conceber o discurso como um dos aspectos materiais da ideologia, entendido “não como transmissão de informação mas, como efeito de sentidos entre interlocutores, enquanto parte do funcionamento social geral” (ORLANDI, 1987, p.26). De acordo com Henry (2014), do ponto de vista de Pêcheux,

as ‘ciências sociais’ estão no prolongamento direto das ideologias que se desenvolvem em contato estreito com a prática política (...). As ciências sociais são essencialmente técnicas que têm uma ligação crucial com a prática política e com as ideologias desenvolvidas em contato com a prática política, cujo instrumento é o **discurso**. (grifo nosso) (HENRY, 2014, p.24).

É a partir dessa nova concepção teórica desenvolvida dentro da linguística que é possível pensar os entremeios das relações sociais, tendo em vista que seu objetivo principal é “compreender os modos de determinação histórica dos processos de produção dos sentidos, na perspectiva de uma semântica de cunho materialista” (MARIANI, 1998, p.23). Nesse percurso, o discurso é tomado ou tido não somente como instrumento dentro da ambiência linguística. Na medida em que o discurso abrange uma nova perspectiva de compreender a língua em sua movimentação cotidiana, não há uma esquematização de força de padronização de valores.

2.3 Discurso, ideologia e sujeito

Apresentado a partir de um quadro epistemológico geral, o campo teórico da AD abrange três regiões do conhecimento científico:

1. **o materialismo histórico**, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. **a linguística**, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. **a teoria do discurso**, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (PÊCHEUX & FUCHS, 2014, p.160).

O desenvolvimento e atualização dessas questões foram abordados por Pêcheux e Fuchs na obra **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva**, de 1975. Malidier (2003, p.38) lembra que o texto representou uma “reescrita de todos os textos precedentes; ele traz marcas de retornos reflexivos, de remanejamentos e de retificações, de atualizações ou apreensões, os estigmas da inquietação”. A obra aponta ainda para o que estará no centro da questão: “a questão da leitura, na sua ligação com a do sujeito” (Idem).

Para Pêcheux e Fuchs (2014) era preciso

eliminar certas ambiguidades, retificar certos erros, constatar certas dificuldades não resolvidas e, ao mesmo tempo, indicar as bases para uma nova formulação da questão, à luz dos desenvolvimentos mais recentes, frequentemente não publicados, da reflexão sobre a relação entre a linguística e a teoria do discurso. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p.159).

1975 foi também o ano de publicação daquela que é considerada a principal obra teórica de Pêcheux, **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**⁵. Trata-se do “grande livro de Michel Pêcheux. Ele apresenta o estado mais acabado da teoria. (...) Uma obra forte de um filósofo inquieto com a linguística”, diz Maldidier (2003, p.37/44). No livro, o autor vai aprofundar o conceito de **discurso** - objeto de estudo da AD -, vendo o discurso como aquele que “liga todos os fios: da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política” (Ibidem, p.45).

É no **discurso** que se dá o encontro entre língua e ideologia, ou, nos dizeres de Orlandi (2012, p.151), “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. Ideologia compreendida não como falsa consciência ou ilusão dos sentidos, mas a partir de uma abordagem ontológica. Nesse sentido, Vaisman (1989, p.18) destaca que “falar de ideologia em termos ontológico-práticos significa analisar esse fenômeno essencialmente pela função social que desempenha, ou seja, enquanto veículo de conscientização e prévia-ideação da prática social dos homens”. De outra parte, Lukács (1979) explica que

a ideologia é acima de tudo aquela forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens conscientes e operativa [...]. Toda ideologia tem seu ser-precisamente-assim social: ela nasce direta e necessariamente do *hic et nunc* social dos homens que agem socialmente na sociedade. (LUKÁCS, 1979, p.446).

A ideologia tem, pois, uma existência social e se faz presente em todas as ações humanas, enquanto orientação ideal. De acordo com Vaisman (1989):

Lukács sustenta, assim, que a ideologia, bem determinada e compreendida, possui uma caracterização ampla que ultrapassa os limites vulgarmente atribuídos a ela. Do ponto de vista ontológico, ideologia e existência social (em qualquer nível de desenvolvimento) são realidades inseparáveis. Ou seja, onde quer que se manifeste o **ser social** há problemas a resolver e respostas que visam a solução destes; é precisamente nesse processo que o fenômeno ideológico é gerado e tem seu campo de operações. (VAISMAN, 1989, p.419).

É importante ressaltar, conforme Orlandi (2012, p.16), que para a AD a ideologia “não é um apêndice colocado ao gosto do analista, é uma necessidade teórica para compreender a historicidade, o real da história, a constituição dos sujeitos e dos sentidos”. Com relação aos primeiros, a AD percebe o Sujeito do discurso como posição, isto é, como aquele que ocupa uma determinada posição na estrutura social. E, por ser posição, esse sujeito não é a fonte

⁵“Semântica e Discurso” é o título em português. Em francês, o título vem em “forma de enigma irreverente” – *Les Variétés de La Palice* (*As Verdades de La Palice*), onde *M. de La Palice* é invocado como patrono dos semanticistas! (MALDIDIER, 2003).

originária dos sentidos, pois suas palavras vão remeter sempre a outras palavras, já ditas, já faladas em outro lugar. Assim, entendemos quando Orlandi (2009, p.150) diz que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história, em que entram o imaginário e a ideologia”.

Por outro lado, embora ocupe uma posição de classe e, por conseguinte, uma posição ideológica, o sujeito crê que é livre e fonte do seu discurso. Trata-se de um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que o sujeito é atravessado pelo inconsciente, acha, o tempo todo, que é consciente do que diz, do que interpreta. “Consciente” e “livre” para produzir discursos que circulam na sociedade. Dentro desse aspecto, Pêcheux discute a necessária articulação entre ideologia e inconsciente, evitando, assim, o mascaramento, por meio de fórmulas, dessa articulação. Para o autor (2009):

[...] o caráter comum das estruturas-funcionamento designadas, respectivamente, como **ideologia** e **inconsciente** é o de dissimular sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjettivas’, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constituem o sujeito’: ‘[...] tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma ‘evidência’ primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livre, morais etc)’. (PÊCHEUX, 2009, p.139).

A partir desse ponto de vista, Pêcheux coloca a necessidade de uma teoria materialista do discurso, pois junto à evidência do sujeito aparece a evidência do sentido. Desse modo, o suporte teórico-metodológico da AD aponta para “uma tomada de posição que se quer crítica quanto aos sentidos já-constituídos e dados como óbvios” (MARIANI, 1998, p.26). Essa postura convoca uma inter-relação que se dá, ao mesmo tempo, por intermédio de movimentos discursivos de sujeitos falantes, em que esses se compreendem como criadores de seus dizeres.

Na perspectiva da AD francesa, o sentido “não está já fixado *a priori* como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica” (ORLANDI, 2012, p.27). Cabe destacar que afirmar que existe uma determinação histórica dos sentidos não é pensar a história como uma ordem cronológica ou evolução de fatos, de acontecimentos, mas a maneira como os sentidos são produzidos por sujeitos e circulados socialmente no interior de uma determinada formação discursiva. É o que esclarece Florêncio et al. (2009, p.68), ao observar que quando se fala de sujeito em relação com a história, está se falando de “sujeito ideológico, produtor de efeitos de sentido, pela relação com o simbólico”. Logo adiante, os autores acrescentam que “A ideologia constitui, então, o sujeito e os

sentidos, em sua função de estabelecimento da relação necessária entre o linguístico e o social” (Idem).

2.4 Categorias da AD - Dispositivos teóricos e procedimentos metodológicos

As relações sociais trazem em sua essência a história e a ideologia, que se manifestam de maneira primordial no discurso. A partir desse entendimento, faz-se necessário conceituar as **Condições de Produção** (CP) de acordo com a teoria da Análise do Discurso. Constituída em uma determinada **Formação Social** (FS), as CP compreendem os sujeitos e a situação. Trata-se de uma categoria fundamental para a AD, e cujo conceito é “tomado do materialismo histórico, e que viria a criar as condições para inscrever, de modo concreto, a história na ordem do discurso e o discurso no campo da *práxis*” (ZANDWAIS, 2009, p. 22).

É preciso considerar que para a AD de filiação pecheutiana, existem as Condições de Produção **amplas** e **restritas**. Nas primeiras, estão situadas as grandes áreas de circulação de sentidos, como a política, a justiça, a educação, a mídia etc, que vão formar uma totalidade social. De outro modo, “expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica” (FLORÊNCIO et al., 2009, p.65). Categoricamente, as CP amplas atuam como fatores intervenientes do discurso nessa relação por intermédio dos sujeitos.

Na medida em que o percurso social é desenvolvido numa ambientação macro-estruturante, através da qual os sujeitos se fazem e se refazem numa tessitura de grandes proposições, é fundamental que o analista do discurso compreenda o funcionamento dessa ambientação; isto é, entenda essa totalidade social. A propósito, Magalhães e Silva Sobrinho (2014, p.2) apontam que, partindo-se do materialismo histórico-dialético, as CP devem ser tomadas como fundantes de toda *práxis* humana. “[...] todas as *práxis* sociais, inclusive as discursivas, serão afetadas pelas relações de classes geradas pela lógica capitalista”, observam os autores. Ou seja, todos os discursos são *práxis*.

Já as condições de produção restritas dizem respeito ao contexto imediato, às circunstâncias da enunciação que se particularizam e/ou individualizam no/pelo discurso, em uma configuração específica do entendimento desse ou daquele tipo ou do gênero discursivo.

Logo, compreendemos que os discursos são produzidos a partir de posições que vão sustentar os dizeres e produzir os sentidos das palavras. Assim, esses dizeres não se originam nos indivíduos, pois fazem parte das **Formações Ideológicas** (FIs), que são práticas sociais concretas de uma Formação Social, ou, nas palavras de Pêcheux (2009):

[...] as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia. Isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas da luta de classes), ‘posições de classe’ que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas aos diferentes ‘objetos’ ideológicos regionais das situações concretas, nas Escolas, na Família, etc. (PÊCHEUX, 2009, p.132).

Com isso, entendemos que os sentidos materializados nos discursos vão se inscrever nas posições das Formações Ideológicas. Para Haroche, Henry e Pêcheux (1971, p.102-103), as FIs são definidas como um “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais e que se referem mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Dito de outro modo, a ideologia é uma prática não individual, que se funda no cotidiano das relações sociais, pressupondo sempre uma luta social, ou conflitos sociais entre classes. De acordo com Lukács (2013):

[...] a ideologia é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir. Desse modo, surgem a necessidade e a universalidade de concepções para dar conta dos conflitos do ser social; nesse sentido, toda ideologia possui o seu ser-propriadamente-assim: ela tem sua origem imediata e necessariamente no *hic et nunc* social dos homens que agem socialmente em sociedade. (LUKÁCS, 2013, p.465).

Por sua vez, as **Formações Discursivas** (FD) estão, indubitavelmente, dependentes das relações de classes, dos embates ideológicos que ocorrem na sociabilidade. Na sociedade capitalista, nas palavras de Amaral (2005, p.43), “as relações estabelecidas sob essa ordem (capitalista) [...] se efetivam no embate das duas formações ideológicas fundamentais - a do capital e a do trabalho - em função de interesses divergentes”.

Através da mobilização da FD, é possível observar o funcionamento que ocorre nos sentidos configurados como literais, em que os sujeitos do discurso vão se julgando fontes de seus dizeres, acreditando na transparência da linguagem. Mas, como já abordamos anteriormente, a linguagem para a AD não é transparente, mas opaca e

os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2001, p. 30).

É possível observar, de maneira forte e incisiva, que sempre vai existir uma relação entre a posição do sujeito e o que ele fala. Assim, podemos ressaltar que há uma dependência entre FI e FD, sendo a última entendida por Pêcheux (2009) como

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina **o que pode e deve ser dito** (articulado sob forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc) [ou ainda] que as palavras, expressões, proposições etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. (PÊCHEUX, 2009, p.147).

Cabe destacar que, em cada Formação Ideológica existem várias Formações Discursivas, sendo que uma delas é a dominante, ou seja, aquela que vai estabelecer os sentidos que compõem seus discursos. Para Pêcheux, a noção de FD é

marcada também pela heterogeneidade, mas articulada à noção althusseriana de formação ideológica, a fim de poder caracterizar, de modo concreto, como as ideologias se constituem e tomam forma como práticas e discursos simultaneamente, constituindo as formações imaginárias dos sujeitos e produzindo efeitos de universalidade, que ao se naturalizarem parecem compor a própria ‘ordem do real’ (ZANDWAIS, 2014, p. 58).

Segundo Pêcheux (1997a, p.314), visto que “o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu exterior”, ela não deve ser concebida como máquina com uma estrutura fechada. “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar”, diz ainda filósofo (Idem). Nessa perspectiva, “a formação discursiva não somente está diretamente articulada à formação ideológica, às condições de produção, como também a um determinado tipo de subjetividade tomada da/na história, e sob esse aspecto a distância torna-se bem marcante entre Foucault e Pêcheux” (ZANDWAIS, 2009, p.30).

Por conseguinte, a noção de FD desenvolvida por Pêcheux (2009, p. 147) vai reforçar que o sentido das palavras está para além do que elas expressam imediatamente, como portadoras de um sentido próprio, literal, pois “uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes - todos igualmente ‘evidentes’ - conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva”. Em seguida, o autor coloca que

uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que será ‘próprio’, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 2009, P.147).

Ao circularem na sociedade, os discursos trazem a **memória** de outros dizeres, ditos anteriormente em outros lugares, em outras situações. Vale destacar que a memória a que nos referimos não é a memória psicológica, memória individual, mas como a entendemos a partir da perspectiva da AD: “**memória discursiva** como um lugar de retorno a outros discursos, não como uma repetição, mas como resignificação” (FLORÊNCIO et al. 2009, p.79). Essa memória, afirma Pêcheux (2010, p.50), deve ser percebida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Ainda segundo o autor:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível [...]. A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência (PÊCHEUX, 2010, p. 52).

Orlandi (2012) afirma, ao falar de história e de política, que “a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (2010, p. 59). Ao mesmo tempo, esses dizeres podem ser retomados. “A memória é um espaço móvel de deslocamentos, disjunções, divisões, de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, de réplicas, polêmicas e contra discursos” (ORLANDI, 2012, p. 64).

O movimento que traz de volta os dizeres foi denominado por Pêcheux de **interdiscurso**, isto é, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”, segundo Orlandi (2000, p.31), que em seguida acrescenta: “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Idem). Nesse sentido, trata-se de um movimento interferente que se realiza de maneira forte e incisiva dentro das relações sociais, o que é de grande importância para o nosso objeto de pesquisa, construído a partir de entrelaçares de movimentos discursivos diversos e circulantes.

É necessário também entender o que ocorre do ponto de vista discursivo a partir do já-dito, responsável por sustentar o discurso do sujeito, aquilo que está sendo dito, o que Pêcheux nomeou de **intradiscurso**, o fio do discurso do sujeito falante. A seguir, Courtine (apud Orlandi 2000, p.32-33) explicita a diferença entre interdiscurso e intradiscurso:

[...] o que estamos chamando de **interdiscurso** - representado como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos - e esquecidos - em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal -

o **intradiscurso** - que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

É no cruzamento desses dois eixos que os sentidos são constituídos. Sentidos que ocorrem nos sujeitos através do

funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) [que] se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas - aceitas - experimentadas (PÊCHEUX, 2009, p.149).

A partir daí, entendemos que o **interdiscurso** vai regular os deslocamentos das fronteiras das formações discursivas, “possibilitando apagamentos, esquecimentos, paráfrases, lembranças, degenerações, deturpações dos elementos que o possibilitam” (SANTOS, 2013, p.221-222). Para Pêcheux (2009, p.150), o sujeito é sempre constituído pelo **esquecimento** daquilo que o determina. No entanto, esse esquecimento não significa a “perda de memória, mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito” (Idem).

Ainda de acordo com Pêcheux (2009), o sujeito discursivo é afetado por dois tipos esquecimentos. No **esquecimento 1**, também chamado de esquecimento ideológico, o sujeito-falante se apresenta como origem de seu dizer, como origem de tudo aquilo que ele diz, quando, na verdade, ele apenas retoma os sentidos já existentes. Esse esquecimento “é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (ORLANDI, 2000, p.35). Inconsciente “no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma (e não somente distraída, escapando incessantemente a si mesma...)”, explicam Pêcheux e Fuchs (2014, p.177). Nessa perspectiva, quando o sujeito produz determinado discurso e se vê como autor dessa movimentação, é o esquecimento nº 1 que está, de maneira forte e incontestável, em sua intenção.

O segundo esquecimento colocado por Pêcheux (2009), o **esquecimento 2**, é da ordem da enunciação. Seu funcionamento está no nível do pré-consciente/consciente. Para o autor (Ibidem, p.161), “[...] ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra”, produzindo um efeito ilusório referencial, como se existisse uma relação direta entre palavra e objeto. Nesse processo, “todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (Idem). No esquecimento 2, o sujeito vai privilegiar algumas formas e rejeitar outras, selecionar dizeres em detrimento de outros, para, daí, controlar o sentido do discurso.

Retomando Pêcheux, Magalhães (2000, p.84) esclarece que “com o esquecimento 2, o sujeito exerce as potencialidades da consciência para fazer as escolhas necessárias ao projeto de tornar seu discurso o mais claro possível”, tendo sempre a ilusão de que aquilo que ele diz só pode ser dito daquela maneira, como também compreendido daquela forma.

Ao mesmo tempo em que se identifica com a FD que o domina, o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso. Assim, a FD exerce o papel de veiculador da **forma-sujeito**, ou seja, da forma de existência histórica de um indivíduo, enquanto agente de práticas sociais (ALTHUSSER, 1995). Contudo, as injunções que colocam o sujeito em determinado lugar são “esquecidas” por ele, que se acha “sempre-já” sujeito.

O efeito da forma-sujeito do discurso é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº1, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº2. Assim, o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal) (PÊCHEUX, 2009, p. 165).

Com isso, chegamos ao entendimento de que todos os discursos, inclusive o discurso jornalísticos, estão permeados dos dois esquecimentos identificados por Pêcheux.

2.5 As três épocas da AD e a questão da heterogeneidade discursiva

Através da relação entre sujeito, ideologia e discurso, podemos refletir sobre a questão da heterogeneidade, presente na obra de Pêcheux, em especial na chamada terceira época ou AD-3. Antes, cabe destacar as especificidades de cada uma das três fases teóricas da AD. No texto **A análise de discurso: três épocas** (1983), Pêcheux traça o percurso de reformulações e redefinições pelas quais a disciplina passou ao longo dos anos. Maldidier (2003, p.61) pontua que, apesar de suas especificidades, cada uma das trajetórias de Pêcheux manteve a posição de que “a questão do sentido não pode ser regulada na esfera das relações interindividuais, nem tampouco na das relações sociais pensadas no modo da interação entre grupos humanos”.

Marcada pela exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural, a AD-1 parte de “um *corpus* fechado de sequências discursivas, selecionadas (o mais frequentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema) num espaço discursivo supostamente dominado por condições de produção estáveis e homogêneas” (PÊCHEUX, 2014, p.308, grifo do autor). Nessa fase, Pêcheux toma como exemplo os “discursos políticos sob a forma de discursos teóricos-doutrinários” (Idem), classificando as análises realizadas no âmbito da AD-1 como “um procedimento por etapa, com ordem fixa,

restrita, teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que ‘as máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas” (Ibidem, p.309). Pode-se perceber a marca forte do estruturalismo sustentando essa fase da teoria.

Já a AD-2, é marcada por um caminho que vai da “justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual” (PÊCHEUX, 2014, p.308). Nela,

a noção de **interdiscurso** é introduzida para designar “o exterior específico” de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para construí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um “além” exterior e anterior (Idem, p. 310, grifo do autor). (PÊCHEUX, 2014, p.308).

Nessa fase, apesar da noção de **interdiscurso** apontar para o exterior, a abordagem teórica continua marcada pelo estruturalismo, que vai sustentar o fechamento da maquinaria discursiva. Pêcheux (2014) reconhece que na AD-2 são poucas as alterações em relação aos procedimentos da primeira fase: a “AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é, sobretudo, sensível no nível da construção dos *corpora* discursivos” (Ibidem, p.311).

Na AD-3, novos procedimentos emergem através da desconstrução das maquinarias discursivas. Nesta fase, verifica-se o primado da **heterogeneidade**, que colocará em discussão o tema do *discurso-outro*, quando “o primado teórico do *outro* sobre o *mesmo* se acentua” (PÊCHEUX, 2014, p.311). Aqui, Pêcheux estabelece um diálogo com Authier-Revuz e reformula o modo como “a relação língua-discurso vinha sendo tratada na teoria, e pela mudança na maneira de analisar a materialidade discursiva, cujas questões apontavam para o espaço da confrontação da Linguística, da História e da Psicanálise” (LIMA, s/d, p.1)⁶. Ainda de acordo com Pêcheux (2014, p.313), na AD-3 são tematizadas as formas linguístico-discursivas do “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro (cf. as diferentes formas da ‘heterogeneidade mostrada’); mas também e sobretudo a insistência de um ‘além’ interdiscursivo”.

Em seus estudos, Authier-Revuz toma a heterogeneidade como fundante e propõe duas formas: a heterogeneidade constitutiva e a mostrada, podendo a última ser ou não marcada. Para a autora, embora exista uma distinção entre as duas formas, não se pode afirmar que exista uma separação entre elas. Ao pontuar que a heterogeneidade é constitutiva do discurso,

⁶ Acessível em: Cf. http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/artigos_lima.php

Authier-Revuz (1990) toma como base o dialogismo de Bakhtin, para quem as palavras são sempre as palavras dos outros.

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294-295).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que todo discurso dialoga com outros discursos, que toda palavra é cercada de outras palavras (BAKHTIN, 2011). Desse modo, consideramos tanto que a linguagem é constitutivamente heterogênea, como, partindo da AD, que ela se configura como um lugar de conflito e opacidade, conforme especificado acima.

Em Authier-Revuz (1990, p.32), a heterogeneidade constitutiva diz respeito “aos processos reais de constituição dum discurso”. A sua presença não é revelada, ou seja, não traz as marcas da presença do outro na cadeia discursiva. Para Malidier (2003), a heterogeneidade constitutiva de Authier-Revuz acena para o interdiscurso de Michel Pêcheux. Nesse aspecto, o interdiscurso vai trazer para o que está sendo dito “discursos já constituídos que entram na produção discursiva ressignificando o já-dito antes, noutra lugar; como espaço de confrontos ideológicos das relações de dominação/subordinação” (FLORENCIO et. al, 2009, p.76). Outros dizeres são convocados a fazer parte, historicamente, das relações sociais a partir de determinadas condições de produção, afetando de forma direta ou indireta os discursos produzidos pelos sujeitos, marcados ideologicamente.

Em relação à heterogeneidade mostrada (marcada e não marcada), isto é, aquela em que o *outro* se mostra na superfície textual, a autora aponta que

neste conjunto de formas **marcadas**, distingo aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca (discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas) e aquelas **não marcadas** onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívocas (discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação...) (REVUZ, 1990, p. 36, grifos nossos).

No discurso jornalístico, mais especificamente o do telejornalismo, percebe-se em suas materialidades discursiva, isto é, em suas reportagens, a presença explícita do *outro*, visto que para que uma notícia no telejornal seja classificada como reportagem jornalística⁷, ela precisa ter, obrigatoriamente, a participação de entrevistados: alguém⁸ falando sobre a questão em

⁷ A estrutura de um telejornal, além da reportagem televisiva, têm também outras formas de apresentação das notícias, formas essas que serão explicitadas na próxima seção.

⁸ Autoridades, personagens, testemunhas do fato narrado.

pauta, de maneira direta, com voz e imagem sendo veiculadas, articuladas pelo texto do repórter, que procura fazer o papel de “tradutor” daquilo que está sendo abordado.

Considerada o segmento mais elaborado de um telejornal, a reportagem é uma forma direta de o *outro* aparecer. Mesmo quando se utiliza o discurso indireto, as imagens mostradas tentam fazer uma conexão direta com o *outro* que está sendo referenciado, provocando, assim, um efeito de evidência, numa tentativa de preservar o mito da objetividade jornalística - aquilo que Mariani (1999) chamou de discurso *sobre*. Desse modo, a heterogeneidade mostrada tem como efeito de sentido o convencimento da separação nítida entre o dizer que pertence ao *outro* e o próprio dizer. Apagam-se as perguntas, o direcionamento das entrevistas, os cortes no texto. É preciso considerar o discurso jornalístico ainda como polifônico por excelência, com múltiplas vozes sociais, com tendência a se “filiar a formações discursivas hegemônicas, que o analista não pode ignorar” (GAIA, 2011, p.56).

A partir da perspectiva discursiva em que nos ancoramos, interessa-nos questionar o seguinte: de que lugar essas diversas vozes enunciam? Para responder a essa pergunta não basta ao analista investigar a identificação das vozes, mas, fundamentalmente, compreender a percepção da forma-sujeito do discurso. Assim, é necessário que tenhamos claro que os discursos desta investigação circulam na FS Capitalista, sendo essa caracterizada por uma sociedade dividida em classes, com interesses antagônicos.

No caso da sociabilidade capitalista, suas contradições são fundadas na propriedade privada, na divisão social e técnica do trabalho, na exploração dos homens pelos homens, na lógica fetichista da mercadoria que visa à reprodução do capital. É essa base material, em seus aspectos e mediações contraditórias, que gera e sustenta as classes sociais da conjuntura histórica atual e suas posições antagônicas em lutas (visíveis ou não) no complexo contraditório-desigual-subordinado das relações sociais de produção (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 27).

Os discursos que circulam na FS capitalista têm na mídia televisiva um de seus *locus* principais. De forma contundente, são produzidos pela mídia televisiva e veiculados cotidianamente através dos telejornais, a principal e única fonte de acesso aos acontecimentos sociais para a maioria da população brasileira. Logo, fazer análise dos discursos dos telejornais é observar a rede de sentidos posta diariamente em funcionamento. Para tanto, a “leitura” discursiva desses espaços de significação precisa ser desnaturalizada. Só assim é possível perceber a presença ideológica atrelada aos sentidos constituídos em seus dizeres.

Dela-Silva (2011) traz uma reflexão sobre as diferenciações que marcam o acontecimento **histórico**, o **jornalístico** e o **discursivo**, reflexão essa que pode nos auxiliar na compreensão do nosso percurso analítico. Conforme a autora (2011),

por acontecimento histórico, compreende-se, segundo Le Goff (1996), um fato pontual, que por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na História, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica. [...] O olhar discursivo compreende que o acontecimento histórico, enquanto acontecimento da ordem da realidade, das práticas humanas, pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentidos diversos. (DELA-SILVA, 2011, p.149-150).

Ao destacar a chegada da televisão ao Brasil, em 1950, Dela-Silva (2011) afirma que na época o fato foi tratado pela imprensa como **acontecimento jornalístico**, compreendendo-se este como “um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em um dado período, considerado de interesse público, e que, por isso, passa a ocupar as edições diárias dos noticiários impressos ou eletrônicos” (Ibidem, p.151). Escolhidos a partir de critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2012), esses critérios são estabelecidos nos manuais de redação, seguindo a linha editorial da empresa de comunicação. Contudo, Dela-Silva (2015) propõe um novo deslocamento para a noção de acontecimento jornalístico. Com isso, busca considerar as práticas de produção jornalística discursivamente, de uma prática como

produção de efeitos de sentidos para e por sujeitos, determinada por condições de produção específicas das práticas discursivas midiáticas (...). Dessa perspectiva, a noção de acontecimento jornalístico viria justamente para sustentar o **relato jornalístico como um gesto interpretativo** acerca de uma ocorrência em um momento dado, que ao ser considerado de interesse, ganharia espaço nos noticiários passando a circular na mídia (grifos nossos). (DELA-SILVA, 2015, p. 222)

A noção de acontecimento discursivo foi mobilizada por Pêcheux na obra **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Nela, o autor traz o enunciado *On a gagné* (ganhamos) para exemplificar como um mesmo acontecimento histórico pode dar origem a enunciados distintos, construindo **acontecimentos discursivos** também distintos. Só mesmo através da opacidade da língua é possível o uso de um enunciado esportivo no campo político⁹, afirma o autor. Trata-se de uma tentativa de acabar com o equívoco e construir um discurso logicamente estabilizado. No entanto, a partir da perspectiva discursiva sabemos que não há nada estabilizado e que há sempre o funcionamento da ideologia perpassando os enunciados.

⁹ Pêcheux se refere aqui ao grito das torcidas em jogo de futebol (*On a gagné*) sendo utilizado pela mídia televisiva para anunciar o resultado das eleições na França que elegeu o presidente da República François Mitterrand, em 10 de maio de 1981.

3 O PROCESSO DISCURSIVO DO JORNALISMO E DO TELEJORNALISMO

Se os sentidos - e os sujeitos - não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade do dizer (ORLANDI, 2000)

3.1 O funcionamento da linguagem no jornalismo e no telejornalismo

Para esclarecer aspectos da língua em seu funcionamento no campo jornalístico, trazemos um recorte de uma crônica do jornalista Carlos Heitor Cony, publicada no jornal *Folha de São Paulo* (2011, p. 2), que diz o seguinte: “quando se escreve para os jornais, a clareza vem acima de tudo. O pão é pão, o queijo é queijo. Se o leitor não entende um texto (ou um título), a culpa não é dele, é do autor”. Contudo, para a AD francesa nem sempre o pão é pão ou queijo é queijo. De acordo com Pêcheux (2009):

[...] o sentido de uma palavra, de uma proposição etc, não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 2009, p.146).

Indo de encontro aos pressupostos da AD, a obrigatoriedade que a imprensa tem de se mostrar em linguagem clara, de pretender ser **literal**, é bastante lembrada nos manuais de redação¹⁰, publicações que orientam a escrita no ambiente jornalístico. Nesses manuais, permanece a crença de que o jornalismo é reflexo da realidade, sendo a linguagem o instrumento que irá ajudar a refletir essa realidade. Ou, ainda, segundo Squarisi (2005, p.48), “uma frase jornalística tem de estar construída de tal forma que não só se entenda bem, mas que não se possa entender de outra forma”. No entanto, isso só seria possível se tivéssemos o total domínio sobre o nosso dizer e se a língua fosse transparente. Assim, nos ancoramos em Orlandi (1999, p.32) quando afirma que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas” pois, ao dizer, o sujeito “pensa que sabe o que diz, mas não têm acesso ou controle sob o modo pelo qual os sentidos se constituem”.

¹⁰ Os Manuais de Redação ou Manuais de Jornalismo foram introduzidos na imprensa brasileira a partir da década de 1950. Neste período, era cada vez maior a influência do modelo norte-americano de jornalismo, que já utilizava os *stylebooks*, livros que prescreviam vários recursos de simplificação da comunicação jornalística (REZENDE, 2000, p.67). Segundo Leal (2012, p.117), “esses guias práticos materializam o discurso profissional acerca do fazer jornalístico e promovem a vinculação entre valores, percepções e procedimentos textuais”.

A linguagem do jornalismo é regida por normas, regras e formas distintas de qualquer gênero literário, apresentando-se com a pretensão de **universalidade**. Desse modo, Cotta (2005, p.IX) observa que “o texto jornalístico, informativo e noticioso, é uma linguagem universal. Entende-se como texto jornalístico a linguagem falada e escrita, habitualmente usada pelos jornalistas na transmissão de notícias e elaboração de reportagem”. Quando o autor fala sobre a universalidade da linguagem do jornalismo, a referência volta-se para um léxico de entendimento universal. Cotta (Idem, p.X) chega mesmo a compará-la a “uma espécie de esperanto vivo já praticado em todos os países e por todos os povos”.

Essa **pretensa universalidade** da linguagem do jornalismo nos remete às reflexões de Pêcheux (2004) acerca das finalidades últimas da Linguística, que nos diz:

[...] longe de visar a uma solução teórica, parecem manter uma relação estreita com o desejo político de terminar de uma vez por todas com os obstáculos que entravam a ‘comunicação’ entre os homens. Do esperanto às línguas lógicas, os linguistas não param de procurar a nova língua universal capaz de reproduzir o milagre de uma Pentecostes científica: Babel reencontrada. (PÊCHEUX, 2004, p.21).

De acordo com a perspectiva discursiva, a intenção de uma análise é a de sempre ultrapassar os limites da materialidade linguística. Ademais, a língua não se manifesta apenas como um instrumento utilizado para transmitir uma informação, ou ainda, como dito por Rangel (2009, p.27), a partir do pensamento de Pêcheux, “a língua manifesta-se em representação de sujeitos que enunciam a partir de uma posição ideológica e através de propriedades que admitem falhas, lapsos, ambiguidades”. Logo, a linguagem não se limita à habilidade para selecionar e combinar as palavras que vão expressar os acontecimentos e transformá-los em notícia. Trata-se de uma questão de posição-sujeito, conforme a perspectiva teórica que adotamos. Em outras palavras, o sujeito do discurso, é “uma posição material linguístico-histórica produzida em meio ao jogo de contradições e tensões sócio-ideológicas” (MARIANI, 2003, p.61). A finalidade é sempre influenciar seus interlocutores.

A forma como é utilizada a linguagem pelo jornalismo tende a ser velada no processo de influência e persuasão, mesmo porque no jornalismo há a tentativa de separar, em termos de **espaço e tempo**¹¹, o que é jornalismo e o que é publicidade¹². Vale ressaltar que na

¹¹ Queremos chamar a atenção para o fato de que na mídia impressa (jornais e revistas) é o espaço que é preenchido por notícias e publicidade, espaços delimitados dentro da **mancha** gráfica dos jornais. No caso da mídia eletrônica (rádio e TV), o que se divide e se preenche é o tempo, tempo esse que é comercializado nos intervalos de toda programação, inclusive dos telejornais. Voltaremos a discutir esta questão.

¹²Publicidade - “qualidade do que é público; técnica de comunicação de massa paga com a finalidade de fornecer informações, desenvolver atitudes e provocar ações benéficas para os anunciantes, para vender produtos ou

publicidade a intenção primordial é a de atingir o público de forma rápida e eficaz, utilizando uma linguagem que, **declaradamente**, tenta influenciar/persuadir as pessoas (RANGEL, 2009, p.27). Esse velamento se dá também pela própria concepção de imprensa que se institucionalizou na sociedade ocidental, sobretudo, a partir do século XIX, ou seja, o imaginário que a imprensa “construiu sobre si mesma como meio de ‘comunicação neutro’ com base numa concepção de linguagem como comunicação” (MARIANI, 1998, p.74).

Mas, ao contrário da imagem que o meio de comunicação objetiva passar, ele não é neutro, pois, conforme Pêcheux (2009, p.83), a linguagem pode permitir, ao mesmo tempo, “a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão do fato de não estar tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido”.

O funcionamento da linguagem no jornalismo varia conforme o tipo de mídia (imprensa ou eletrônica) e de veículo (rádio, TV) em que aparece. Em cada meio (veículo) há uma forma particular de expressão, com técnicas diferenciadas de “transmitir informação”. Mas, independente do suporte, a comunicação que se pretende estabelecer tem uma mesma finalidade: narrar e descrever os fatos, a partir de relatos de testemunhas ou de especialistas ouvidos (fontes¹³ de informação), cabendo ao jornalista a função de copilar essas informações e transmiti-las através dos meios ou veículos de divulgação.¹⁴

Acidentes, guerras, tragédias, inundações, estiagens, movimentos sociais, pesquisas na área de saúde e tecnologia, segurança ou a falta dela, economia, educação, ecologia, cultura etc, tudo isso pode ser assunto abordado pela imprensa diária. “O que caracteriza o texto jornalístico é o volume de informação factual”, diz Lage (2005, p.73). Ou seja, a prioridade na prática jornalística é sempre para os fatos recentes, caracterizados por um não-distanciamento temporal, supostamente necessário, daquilo que está sendo narrado. Fatos que, do ponto de vista jornalístico, merecem ser reportados. Quanto mais conseguir passar a sensação de **novidade**, melhor será. E se essa novidade for exclusiva ou se for um furo¹⁵, melhor ainda, pois “uma das características do jornalismo é informar antes dos demais concorrentes, ou seja, é dar ‘o furo jornalístico’ por primeiro, atraindo para si um efeito de autoria” (FLORES, 2014,

serviços, divulgar, tornar público. Propaganda é definida como a propagação de princípios e teorias e foi traduzida pelo Papa Clemente VII, em 1597, quando fundou a Congregação da Propaganda, com o fito de propagar a fé católica pelo mundo” (SANT’ANNA, 1998, p. 75 e 76).

¹³ “Fontes de Informação jornalística: pessoa, organismo, documento, instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia” (PATERNOSTRO, 2006, p. 143).

¹⁴ Meio de divulgação. (...) O mesmo que meio de comunicação (SILVA, 2000).

¹⁵ Furo na linguagem jornalística é o ato sair na frente em relação aos outros veículos na publicação de uma notícia, um “informe dado em primeira mão” (ERBOLATO, 1991, p. 27).

p.39). Para muitos profissionais da imprensa, é o “furo” o ponto alto da prática jornalística, principalmente em época de jornalismo digital, onde os segundos fazem diferença na hora de publicar.

Importante destacar que a linguagem do jornalismo não compreende apenas o enunciado linguístico. Outras expressões estão presentes. Como o projeto gráfico de um jornal ou revista (mídia impressa), isto é, a forma como essas publicações utilizam cores, imagens e marcas que as identificam. Em relação à mídia eletrônica (TV e rádio), essas unidades expressivas, que irão compor a totalidade da linguagem, podem ser pensadas em termos de estratégias cenográficas, vinhetas de abertura e encerramento dos telejornais e sons envolventes. Tudo isso com o objetivo de chamar a atenção para o que está sendo lido ou dito - a informação.

Nos manuais de redação, pontua-se que no texto do repórter “só se usam palavras necessárias, precisas, específicas, concisas, simples e, se possível, curtas. Isto é, o jornalista não deve dizer nem mais nem menos do que precisa dizer. E as frases do seu texto deverão atender a um requisito essencial: clareza” (Manual da Editora Abril, 1990, p.21). Essas **recomendações** estão voltadas, prioritariamente, para o chamado jornalismo **informativo**. É a vertente predominante dos telejornais. O lugar da opinião seria o editorial, os artigos assinados, as colunas especializadas ou os comentários - o chamado jornalismo **opinativo**.

Embora essa divisão entre jornalismo informativo e opinativo seja questionada, ainda é utilizada nos cursos de Jornalismo e nos ditos manuais de estilo. Sendo assim, precisamos esclarecer de qual jornalismo estamos falando, porque “não há propriamente jornalismo, mas jornalismos, com formas, métodos e objetivos bem distintos entre si, de acordo com os propósitos de quem produz e do público a que se destina” (MORETZSOHN, 2002, p.13). Mas, todos têm em comum a missão de tentar conquistar “mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes” (ROSSI, 2007, p.7). Nesse sentido, os fios ideológicos¹⁶ perpassam os diversos usos que os sujeitos jornalistas fazem das palavras, das informações.

Outra característica que a linguagem do jornalismo se impõe é a de ser, por definição, referencial, visto que “fala de algo no mundo, exterior ao emissor, ao receptor e ao processo de comunicação em si” (LAGE, 1986, p.39), impondo o uso da terceira pessoa, dando a impressão de que o próprio assunto se apresenta para o público, numa busca constante de produzir um **efeito de realidade**, contribuindo, assim, para a verossimilhança da história que

¹⁶ Cf. Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

está sendo contada. Registra-se que num texto jornalístico de caráter informativo, a figura do sujeito é borrada, pois “a escrita deve ir direto ao assunto (...), deve ser enxuta, livre de determinados elementos que se configurariam como detalhes inúteis” (SILVA, 2001, p.64).

Nessa perspectiva, o jornalista tenta aparecer como um observador imparcial, um sujeito que não se envolve com as questões abordadas. Contudo, nossa posição acompanha o pensamento de Dela-Silva (2011, p.16), que nos diz:

Enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que elege como de destaque em um momento dado. (DELA-SILVA, 2011, p.16).

Nos telejornais, a diferenciação do uso da linguagem se dá em função da relevância da imagem e da especificidade do texto na televisão: um texto é escrito para ser falado por alguém, que pode ser um repórter ou um apresentador de telejornal.

Outra questão que se destaca é o fato de, “pela própria característica dos veículos eletrônicos de comunicação - a **instantaneidade** -, o receptor deve ‘pegar a informação de uma vez’. Se isso não acontece, o objetivo de quem está escrevendo - transmitir a informação - fracassa” (PATERNOSTRO, 2006, p.66). O telespectador teria que entender imediatamente a informação transmitida, pois ele não será exposto novamente àquela mesma notícia da mesma maneira que foi veiculada. Isto só seria possível se o telespectador acessasse ao *site* da emissora para rever a mesma reportagem que foi exibida no telejornal, mas, nesse caso, as condições de enunciação já seriam outras. Existe ainda a necessidade de imprimir um tom didático às informações, com o objetivo de “fortalecer o caráter pedagógico da linguagem textual e visual adotada” (COUTINHO; MATA, 2012, p.385).

Apesar do poder expressivo das imagens no telejornalismo, nenhuma reportagem jornalística dispensa a expressão verbal. Para Rezende (2000, p.30), “não há uma hierarquia fixa de códigos na linguagem telejornalística. Se a imagem ocupa, na maioria das vezes, uma posição de precedência em relação à palavra, há casos em que o relato verbal constitui por si a notícia em TV”, ou, como reforça Bourdieu (1997, p.26): “paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras”. No entanto, embora reconheçamos o poder de sedução e a importância das imagens e das notícias veiculadas no telejornalismo, o foco de nossa análise será a materialidade discursiva expressa, através da **arrumação editorial dos**

acontecimentos que são expostos no telejornal. A linguagem imagética e/ou as notícias - propriamente ditas - poderá/ão ser analisada(s) em estudos posteriores.

De modo geral, podemos afirmar que o telejornalismo utiliza as técnicas gerais do próprio jornalismo, mas também precisa considerar as características próprias da televisão, que Paternostro (2006, p.75) resume em: “imediatismo, instantaneidade, alcance, envolvimento, superficialidade, audiência e informação visual”. É a partir dessas características que o jornalista televisivo, seja na função de repórter, editor ou apresentador, constrói o texto que será falado nos telejornais. Esse texto deve ser redigido em “linguagem coloquial - aquela usada na conversa entre duas ou mais pessoas”, diz a autora, para quem talvez aí resida “a característica mais importante do texto de televisão” (Ibidem, p.78). De outra parte, para Zanchetta (2004, p.107), “embora pareça coloquial, e, portanto, mais compreensível à maioria dos brasileiros, o texto lido na televisão não pode ser confundido com a linguagem falada. Trata-se de uma cuidadosa produção escrita com roupagem coloquial”. Conforme Courtine (2003), é uma fala das pequenas frases, das formas breves.

Ao refletir sobre a fala na mídia e a influência no campo político, Courtine aponta que na década de 1980 tem início uma “nova” política da fala, que ele chamou de o “reinado das formas breves”:

[...] aquela das formas breves, das fórmulas, das pequenas frases [...]. Fala dialógica, feita de jogos de linguagem, de trocas conversacionais: a fala pública conhece uma profunda transformação enunciativa, que a torna uma fala breve, interativa, descontínua, fragmentada (COURTINE, 2003, p. 22).

A reflexão de Courtine cabe de modo particular na mídia televisiva, que é estruturada a partir da divisão do tempo, seja este ocupado por notícias, novelas, shows, filmes etc, tudo intercalado pela publicidade. Tempo esse que, na sociedade capitalista, como mencionamos anteriormente, é sinônimo de dinheiro. De acordo com Medeiros (2013), na mídia as pessoas são numeradas em pontos de audiência/ibope, números de revistas e jornais vendidos, etc. “Essa motivação mercantilizada determina o funcionamento das empresas de comunicação e se coloca como premissa de posição social e econômica”, acrescenta a autora (Ibidem, p.57).

3.2 As inter-relações de linguagens: de quem produz e de quem recebe

Quando um telejornal é exibido, isto é, entra no ar, configura-se um espaço de discursividade que instaura um modo específico de significação, dada através das inter-relações de linguagem entre quem produz e quem recebe as informações. Para nos auxiliar em

nosso pensamento, retomamos Orlandi (2012, p.112), que lembra: “a linguagem é regulada, ou melhor, as situações de linguagem são reguladas: não se diz o que se quer, em qualquer situação, de qualquer maneira. Também não se pode entender o que se quer, de qualquer maneira, em qualquer situação”. Para a autora, tanto quem produz como quem recebe ocupa um lugar na sociedade, e é a partir desse lugar (posição), em uma conjuntura dada, que as relações entre os sujeitos são estabelecidas. Essas inter-relações estão permeadas de sentidos já postos, muitos já sedimentados historicamente, regulados pelas instituições. Sentidos que circulam como se fossem dados naturais, como se fossem evidentes.

Como nos aponta Pêcheux (2009, p.146),

É a ideologia que, através do ‘hábito’ e do uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de ‘desvios’ linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de retomada do jogo. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que marcaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Podemos pensar no telejornal como algo já simbolizado pela sociedade. Através do hábito, **todo mundo sabe** o que é. Sabe que não é a ficção das telenovelas, nem o comercial de produtos e serviços, mas algo que é exibido num tempo reservado da programação da chamada grade televisiva¹⁷, para que acontecimentos escolhidos pelos jornalistas pareçam ser os mais relevantes do dia. Mas, a partir da perspectiva teórica que adotamos, sabemos que essas escolhas não se restringem apenas aos aspectos técnicos-editoriais, desvinculados do seu caráter sócio-histórico-ideológico mais amplo. São escolhas de sujeitos afetados pelas relações sociais que se estabelecem cotidianamente e que vão influenciar direta ou indiretamente à compreensão dos assuntos abordados no telejornal. Uma influência que no Brasil se dá de maneira quase hegemônica, visto que “os telejornais são os produtos de informação de maior impacto na sociedade contemporânea e as principais fontes de informação para a maioria da população brasileira” (BECKER, 2005, p.9). Desse modo, a televisão se tornou o maior símbolo da mídia de massa, sendo um dos veículos de comunicação de maior influência no país. Em relação ao telejornalismo, tem-se ainda:

¹⁷ “A grade televisiva é composta de uma grande variedade de programas que serão veiculados de acordo com o horário de exibição, público-alvo a ser atingido e, claro, níveis de audiência que se espera da exibição, pois aí teremos outro elemento fundamental para mídia televisiva [...]: a publicidade e, em muitos casos, o *merchandising*. Os programas são muitas vezes fragmentados pensando-se no corte publicitário” (COUTINHO e MATA, 2012, p. 394)

Uma responsabilidade social e política imensa, já que o baixo acesso a educação formal e a tradição da cultura oral levaram uma relação extremada entre público e a televisão, o que levou o telejornalismo a condição de uma importante - em alguns casos, a única - via de acesso às notícias para grande parte da população (TEMER, 2010, p. 109).

Para manter essa influência diária nos telespectadores, estratégias de sedução e captação da audiência são constantemente pensadas. Entre essas estratégias, está a opção por assuntos (pautas) emocionais, fazendo uso intencional de uma linguagem dramática que envolve o telespectador, com vistas a estabelecer uma relação de identificação com o que é mostrado. Em muitas reportagens televisivas, inclusive, a informação jornalística perde espaço para os dramas individuais, transformados em espetáculos com direito a heróis e bandidos, quase contados como um enredo de novela. As reportagens ou matérias procuram sempre encontrar personagens que ajudem a contar as histórias de maneira mais envolvente.

Na busca por matérias que cativem os receptores, o telejornalismo investe nas matérias de interesse humano, ou os chamados *fait-divers*. Esse material satisfaz a curiosidade do público; e trabalhados numa linguagem de fácil compreensão, não exigem reflexões, interpretações e ou associações de fatos, possibilitando ao receptor realizar imaginariamente os seus desejos e exorcizar as suas angústias (TEMER, 2010, p. 118).

A medição da audiência (IBOPE)¹⁸ em tempo real também auxilia a apontar quais assuntos despertam maior interesse nos telespectadores. Ou seja, os chamados **critérios de noticiabilidade**¹⁹ são deixados em segundo plano para que assuntos que despertem a audiência dos telespectadores sejam priorizados. É o público pautando o jornalismo diário e influenciando direta ou indiretamente o modo do fazer jornalístico. Outra influência do público se dá também através dos *sites* das emissoras e das chamadas redes sociais, entendidas como ferramentas de interatividade utilizadas para aproximar produtores e telespectadores, entre as mais utilizadas estão: *facebook e twitter*.

Esse poder sedutor da televisão é, em grande parte, atribuído, conforme Arbex Jr (2001):

[...] à ilusão de cordialidade que o veículo propicia. Basta ligar o aparelho (fácil veículo de fáceis sugestões) e a sala da casa, antes imersa na mais profunda solidão, será invadida por imagens, vozes e sons do mundo, criando a sensação de participação de uma comunidade ilusória (ARBEX JR. 2001, p. 50).

¹⁸ O IBOPE é um instituto de pesquisa que faz, entre outras atividades, a medição em tempo real da audiência dos programas televisivos. No Brasil, a palavra IBOPE virou sinônimo de audiência; costuma-se falar que tal programa tem IBOPE ou que tal pessoa está com o IBOPE baixo (VIZEU, 2005).

¹⁹ Segundo Vizeu (2000), “os critérios de noticiabilidade na TV são: ser factual, despertar o interesse do público, atingir o maior número de pessoas, coisa inusitada, novidades, personagens e boas imagens”.

Pensar o telejornal como um produto exposto na prateleira da grande indústria televisiva nos ajuda a compreender que, apesar de ser um bem simbólico, o telejornal é influenciado principalmente pelas técnicas mercadológicas e de marketing utilizadas para manter a valorização do produto no mercado da comunicação. Projetos cenográficos modernos, escolha detalhada dos apresentadores, estilo de apresentação das notícias, tudo é planejado para manter altos índices de audiência e o elevado valor dos anúncios veiculados nos intervalos comerciais²⁰. A forma como os telejornais são apresentados tem sempre um ritmo ágil, rápido, passando a ideia de dinamismo e urgência dos fatos. O tempo entre a produção e o consumo da mercadoria (notícia) é muito curto e rapidamente o produto se torna obsoleto, ou, como diz Orlandi (2012, p.179) em sua reflexão sobre televisão, a TV “anula a demora, elide a *espera*, instala o regime de urgência”. É o chamado jornalismo em tempo real!

Nesse espaço de discursividade (telejornal), são estabelecidas relações entre quem produz (os jornalistas) e quem recebe (os telespectadores), relações sociais em que se articulam subjetividade e objetividade no processo de trabalho, “categorias ontológicas - subjetividade e objetividade que possuem autonomia, mas que não podem ser pensadas separadamente” (MAGALHÃES, 2003, p.79). Buscamos o entendimento dessa articulação a partir das bases teórico-conceituais do ser social, caracterizadas por “uma subjetividade objetivada, isto é, um sujeito que possui história, por isso, limites na construção ideal e efetiva de suas realizações” (Idem). Logo, existe uma realidade posta que impõe limites tanto para quem produz como para quem recebe as notícias. Uma **objetividade** que também vai determinar o processo discursivo do telejornal. Mas, isso não vai impedir que a **subjetividade** apareça como possibilidade de se fazer escolhas, pois, como nos diz Magalhães (Idem):

Sem a interferência da subjetividade, é impossível qualquer escolha entre as alternativas existentes na objetividade, que funcionaria apenas com sua lógica interna ou ao sabor do acaso. Na verdade, é o surgimento da subjetividade que instaura o ser social; e a história do gênero humano é a história da intervenção da subjetividade na objetividade. É nessa relação que se consubstancia a força do sujeito/autor. (MAGALHÃES, 2003, p.79).

Portanto, esse fazer discursivo do telejornal só poderá ser compreendido tendo em vista as contradições sociais que possibilitam sua objetivação. “[...] a subjetividade que vai

²⁰ No caso do *Jornal Nacional*, foco da nossa análise, “ele tem o tempo publicitário mais caro da TV brasileira: uma publicidade de 30 segundos veiculada no *Jornal Nacional* custa 367 mil reais e seus índices de audiência andam na casa dos 35%, índice inferior apenas ao de outras duas produções da própria TV Globo, as telenovelas do horário noturno” (GOMES, 2012, p.40).

conduzir o processo está submetida ou à lógica idealista (que prioriza a ideia sobre a matéria) ou à lógica materialista (que prioriza a matéria sobre a ideia) de abordagem do real”, esclarece Florêncio et al. (2009, p.41-42). Desse modo, esta pesquisa é ancorada ainda no materialismo histórico-dialético, compreendendo que, conforme Lessa e Tonet (2008, p.43), o mundo dos homens é uma “síntese de ideia e matéria que apenas poderia existir a partir da transformação da realidade (portanto, é matéria) conforme um projeto previamente ideado na consciência (portanto, possui um momento ideal)”. Ou ainda, que é a existência social dos homens que determina as suas consciências, e não o contrário.

3.3 Produção e execução do processo discursivo do jornalismo e do telejornalismo

Para compreender e refletir sobre o processo discursivo do jornalismo e do telejornalismo pelas lentes da AD é preciso se deslocar de um terreno a outro, num movimento de idas e vindas. Sair do centro da produção das notícias para as suas margens, para que, assim, o oceano de discursos jornalísticos (midiáticos) seja analisado a partir de outro ponto de vista, pois, como nos sugere Pêcheux (2009, p.280), “o momento de uma descoberta tem fundamentalmente a ver com o desequilíbrio de uma certeza”. Essa mudança de trajeto pode quebrar certezas disseminadas na mídia e pela mídia, em especial na eletrônica (TV), foco do nosso trabalho. Para a AD o terreno nunca é firme, está sempre em movimento, em transformação. Trata-se de uma perspectiva “que se faz no entremeio e que leva em conta o confronto, a contradição entre sua teoria e sua prática de análise” (ORLANDI, 2006, p.8). O nosso deslocamento de terreno tem a ver com o entendimento de que o **Jornalismo** não é um espaço autônomo, independente, visto apenas como uma técnica. Compreendemos que ele é produzido por **sujeitos**, constituídos nas práticas sócio-históricas e nas lutas de classes de uma determinada formação social. Por isso, é possível denominá-lo de discurso jornalístico.

Outro ponto importante é que não é possível refletir e analisar o discurso jornalístico (midiático) deslocado da lógica capitalista em que ele se concretiza. Segundo Magalhães (2014, p.7), as mídias são o “lôcus fundamental de tentativa de homogeneização dos sujeitos, objetivo da ideologia dominante”. A Mídia - entendida como um conjunto de meios (TV, rádio, jornal, revista etc) e de profissionais que exercem suas interferências cotidianamente - é percebida como sendo apenas veículos, meios que transportam informações de uma ponta à outra. No entanto, essa é uma forma bem simplificada de mostrar o funcionamento de uma das instituições mais influentes na sociedade capitalista contemporânea.

Por outro lado, a estrutura dessa simplificação é abalada quando se pergunta: quem é esse **sujeito** que produz sentido na Mídia? De que **lugar** ele fala? E não estamos nos referindo a um lugar físico, tal qual a bancada de um telejornal, um estúdio de rádio ou uma redação de jornal, onde as notícias são produzidas. O que nos interessa é compreender a materialidade do discurso, os efeitos de sentidos que a atravessam. É desse ponto que problematizamos a relação entre discurso jornalístico, posição-sujeito e ideologia, ancorados na base teórica da AD de filiação pecheutiana, ou seja, na compreensão dos discursos que englobam a ótica do materialismo histórico. Entendemos, conforme Orlandi (2001b, p.14), que o discurso “é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre pedaços, trajetos, estados do processo discursivo”. É por esse percurso que nossas indagações tomam corpo e forma.

As articulações da vida em sociedade são parte integrante e inerente do fazer material das coisas, dos sentimentos, das intenções e de tudo o mais que rege o amplo campo social. Essas articulações se dão, na maioria das vezes, por intermédio da mídia. Marx (2005) pontua que tudo é radicalmente histórico e social - nesse sentido, inclui a mídia. Em seu pensamento, baseado na lógica materialista de abordagem real, posição que adotamos, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência” (MARX, 2005, p.52).

Para compreender o funcionamento do discurso jornalístico, é preciso estar ciente que “nas regras do capitalismo, as mídias atendem interesses hegemônicos, mascaram o caráter classista da informação e sua função ideológica, a serviço da manutenção do sistema” (BOLAÑO *apud* GAIA, 2011, p.45). No caso da TV, seus telespectadores são referendados e tratados - quando interessa a quem ‘constrói’ a mídia - como uma grande massa de consumidores. A todo instante, são chamados a adquirir produtos, marcas, entretenimento ou notícias, assim como são convidados a consumir modos de vida, ideias e visões de mundo segundo o que estabelece a chamada grande mídia. Nesta, vale destacar a relevância da TV, principal meio de comunicação de massa no país - **UM** falando para milhões.²¹

Como já foi dito, segundo dados da 25ª Pesquisa Anual do Uso de Tecnologia da Informação 2014, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 97% da população brasileira possui pelo menos uma TV em sua residência²². Ao longo de sua trajetória, a televisão se tornou o

²¹ Dizemo-lo assim, uma vez que a mídia TV, como outra qualquer, pode ser considerada por quem a dirige (direciona) como foco interativo de aglutinação de gostos, preferências dentro de um espectro de segmentação apropriada ao mercado e ao mundo dos negócios.

²² Disponível em: <http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/pesqti-gvcia2014ppt.pdf>

maior símbolo da mídia de massa no Brasil, sendo o principal veículo de (des)informação e de grande influência no país, configurando-se como palco do confronto entre o político e o simbólico na relação entre língua, discurso e ideologia - na qual se debruçam as questões desenvolvidas pela AD.

Como nos diz Orlandi (2000):

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2000, p.21)

O discurso jornalístico, seja este falado, escrito ou/e imagético, veiculado em suas diferentes mídias, evidencia posições ideológicas a partir de uma indústria midiática que segue as regras do mundo capitalista. “[...] na engrenagem do capital não há indústria jornalística fora da lógica do lucro”, pontua Gaia (2011, p.47). No caso das empresas de televisão, esse lucro é contabilizado em forma de audiência. O que se vende não são apenas produtos e programas, mas a audiência alcançada em cada horário de exibição. Os meios de comunicação sobrevivem, pois, da conquista dessa audiência, que, quanto mais elevada for em determinado horário, mais alto será o valor cobrado para as inserções comerciais, porque mais telespectadores serão atingidos pelo que está sendo veiculado. Assim, a “venda” do tempo é o que faz girar a máquina empresarial da chamada grande mídia televisiva. Nessa indústria midiática, três aspectos são considerados fundamentais para que um programa continue no ar, fazendo parte da grade de programação das emissoras de televisão, a saber: bons índices de audiência, faturamento e prestígio à emissora. Nem sempre é possível ter os três de maneira equânime, mas isso é sempre a meta das emissoras comerciais²³.

Nessa engrenagem midiática, os indivíduos são numerados, portanto, “segundo pontos de ibope, número de revistas e jornais vendidos etc.” É o que nos diz Medeiros (2013, p.57), que acrescenta: “Essa motivação mercantilizada determina o funcionamento das empresas de comunicação e se coloca como premissa de posição social e econômica” (Idem). Não se pode ignorar o funcionamento dessa engrenagem, pois na formulação dos discursos estão sempre presente as marcas de sua constituição, cabendo ao analista tentar desconstruir, desvelar os

²³ Existem as emissoras comerciais e as públicas ou educativas. Entre as TVs comerciais, existem 6.197 retransmissoras, 272 geradoras e 39 que transmitem o sinal digital. As emissoras educativas somam 243 estações: 164 rádios e 79 TVs (FGV, 2014).

efeitos de evidência dos **sentidos** através da exposição da maneira como esses efeitos são constituídos em diferentes discursos jornalísticos (midiáticos).

Palavra, imagem e acontecimento - esses são os recursos utilizados diariamente pelos jornalistas no exercício da profissão. Esses recursos são utilizados para capturar a audiência, ou, conforme Rossi (2007, p.7), para entrar na “fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens”. Essas palavras vão sustentar os relatos sobre os acontecimentos jornalísticos que ganham vida nas páginas das revistas e jornais, nos noticiários da televisão e do rádio ou ainda os que circulam na internet, produzindo sentidos para os sujeitos.

No entanto, como já foi colocado anteriormente, desde a perspectiva da AD que adotamos, as palavras, assim como as imagens, não podem ser consideradas apenas recursos, instrumentos para transmitir informação, como também elas não são neutras, não possuem um sentido próprio, colado nelas. Seus sentidos são determinados pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico em que são produzidos. Nesse ponto, apesar de concordar com Rossi quando afirma que as palavras não são “inofensivas”, questionamos a posição, muitas vezes dominante no campo jornalístico, de que as palavras são “armas”, instrumentos que podem ser utilizados na “transmissão de mensagens” direcionadas a uma audiência. Entendemos que,

como todo sujeito, o jornalista ao formular o seu dizer, o faz sempre a partir de uma posição ideológica, inscrevendo-o no já-dito, de modo que ele produza efeitos de sentidos para os sujeitos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas, mas sempre em relação a outros dizeres. Isso porque as palavras são materialidades do discurso, sempre em movimento, sempre em curso, e por isso mesmo sempre escapando ao “domínio” dos sujeitos (DELA SILVA, 2013, p.2).

Esta é a instância da palavra que se apresenta como discurso no fazer jornalístico: a urgência de um fazer que se instaura a partir de acontecimentos diários. Nesse processo, o jornalista lida, diariamente, com o inesperado, com o imprevisível, tais como um acidente aéreo ou os efeitos de um terremoto, e com assuntos previsíveis, aqueles que compõem uma agenda de acontecimentos que poderão ser ou não veiculados como notícias, a exemplo da posse de um presidente, alta do preço da cesta básica, entre outros. Tudo isso sob a pressão da urgência, principalmente em mídias “rápidas” como TV, rádio e *sites* de notícias. Considera-

se também que o produto jornalístico é extremamente perecível, visto que rapidamente ele perde a validade e precisa ser “requeitado”²⁴ a cada nova edição porque

informação não se estoca, embora o linguajar comum possa adotar expressões como ‘estoque de informações’, ‘armazenamento de informação’ e outras metáforas semelhantes que, a rigor, atrapalham uma correta compreensão do fenômeno. O que se pode guardar ou estocar são os suportes materiais contendo dados, nas formas de sinais registrados ou gravados, que serão informação se e quando postos numa relação comunicativa (DANTAS, 1996, p.52).

O que caracteriza a informação jornalística são a narração e a descrição dos fatos, sempre respaldada pela argumentação de especialistas ou de testemunhas que são ouvidas a respeito do assunto em pauta, em discussão, visto que, na maioria dos casos narrados, o jornalista não presenciou o acontecimento que irá relatar; assim, dependerá quase sempre de outras pessoas (fontes). Pedroso (2003, p.63) reforça a impossibilidade de pensar jornalismo sem fontes: “[...] o jornalismo é feito *a posteriori* do acontecimento. Mais do que nunca as fontes dão o conteúdo e o enfoque”. Mas, temos que considerar também que, em algumas situações, o jornalista é o responsável pelo registro *in loco* dos acontecimentos, por esse motivo é comumente chamado de “testemunha ocular” de sua época. É necessário ressaltar que, nesses relatos, o jornalista vai sempre inserir sua visão de mundo, levando Paillet (1986, p.32) a afirmar que “[...] não existe distanciamento entre ideologia e jornalismo”.

O discurso jornalístico se edifica a partir do conjunto de notícias que o constitui, mas existem alguns critérios elementares que são postos para se definir a importância da notícia:

Ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada), **improbabilidade** (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada), **interesse** (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é), **apelo** (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é), **empatia** (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é) e **proximidade** (quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é) (MANUAL DA REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO, 2001, p.43).

Esses critérios são utilizados na maioria das mídias jornalísticas sejam impressas ou eletrônicas. Isso significa que, ao definir os critérios de importância da notícia, “os seus produtores definem o que se torna parte da discussão pública” (GAIA, 2011, p. 49). Ou, como destaca Mariani (1998, p. 30), a prática discursiva jornalística “permite a institucionalização social de certos sentidos, remetendo ‘ao que todo mundo sabe’ (uma verdade local)”, bem

²⁴A chamada notícia requeitada é aquela em que os assuntos, mesmo não sendo novos, precisam continuar na mídia.

como silencia outros sentidos. Um silêncio de sentidos que nos remete ao pensamento de Orlandi (1992) quando afirma que o

silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante” (ORLANDI, 1992, p.14).

Quantos assuntos não são deixados diariamente de fora de uma edição de um telejornal ou de um jornal impresso, muitas vezes com a justificativa de que não se “encaixam” nos critérios elementares de importância da notícia, mas que, de fato, foram silenciados como se nunca tivessem existido? Como observa Cavalcante (1999, p.161),

Os meios de comunicação falam da violência, da miséria, do desemprego, falam até dos governos corruptos, mas silenciam sobre a origem dos fenômenos, ocultam a lógica do seu aparecimento. Essa é uma forma que a ideologia encontra para desconstruir o diferente, homogeneizando-o. Desconstruindo-se o diferente, mistifica-se o discurso dominante, mascarando a realidade, controlando/apagando as manifestações de conflitos que se originam na heterogeneidade social. (CAVALCANTE, 1999, p.161).

Muito do que é deixado de fora das edições é resultado da chamada **linha editorial**, que Cotta (2005, p.84) define como “o caminho seguido pela publicação ou programa, na execução das pautas de reportagem, redação de textos e edição das matérias”, acrescentando que “a linha editorial determina as prioridades na cobertura dos acontecimentos” (Idem). Essa orientação considera não só os critérios ditos jornalísticos, chamados de critérios técnicos, mas também as motivações políticas e econômicas dos grupos de comunicação que controlam os jornais, revistas, emissoras de rádio e TV e sites de notícias.

Nesse sentido, entendemos que a chamada grande mídia “é um instrumento de ordem capaz de ajudar a gerir e regular a vida social e econômica, um instrumento vital para a governabilidade” (ARNT, 1991, p.170). De acordo com Marcondes Filho (1989), a imprensa (mídia) seria uma espécie de instituição-suporte. Para o autor:

[...] seria difícil pensar o capitalismo sem imprensa que satisfaz tanto a necessidade de difusão pública e pseudo-social de alguns monopolistas de classe, que dela se utilizam para “representar” a voz social, como a necessidade ideológica de “multiplicidade de opiniões”, quando, de fato, as únicas opiniões diversificadas que têm livre acesso aos grandes monopólios de comunicação são as dos próprios membros dos poderes a ela associados e dos que em torno deles circulam (MARCONDES FILHO, 1989, p. 12).

Acontece que a sociedade acredita que a voz desses meios, a voz da mídia, é o próprio espelho²⁵ da realidade, e termina percebendo o mundo através dessa ótica porque

se a imprensa, a rádio e a televisão dizem que alguma coisa é verdadeira, isto se impõe como verdade...mesmo que seja falso! O receptor não possui outros critérios de avaliação, pois, como não tem experiência concreta do acontecimento, só pode orientar-se confrontando os diferentes meios de comunicação. E se todos dizem a mesma coisa, é obrigado a admitir que é a versão correta dos fatos e a notícia a verdade oficial (RAMONET *apud* MARSHALL, 2003, p. 55).

Nesse movimento de escolhas e tomadas de posição, os sentidos vão se instituindo e sendo postos como óbvios, como naturais. Dessa forma, a mídia vai funcionar “como um elemento fundamental na representação e re-produção dos ‘consensos de significação’ resultantes das hegemonias políticas ou, ao contrário, participa da sua dissolução” (MARIANI, 1998, p.44).

Como nos referimos anteriormente, o discurso jornalístico é estruturado a partir dos dizeres das chamadas **fontes** de informação. Para que determinado texto seja considerado um texto jornalístico²⁶, alguém fala sobre alguma coisa, sempre. Não basta ter apenas o relato do jornalista, é necessário que esse relato seja referendado por outros falantes. Desse modo, Mariani (1998, p.60, grifo da autora) considera “o discurso jornalístico como um **discurso sobre**. Um efeito imediato do **falar sobre** é tornar objeto aquilo sobre o que se fala”. O jornalista - sujeito enunciador - vai aparecer como um observador “imparcial”, um sujeito que não se envolve com as questões abordadas, produzindo um efeito de distanciamento, colocando, assim, o ‘mundo’ como objeto. No entanto, sabe-se que

a imprensa não é o mundo, mas deve falar sobre esse mundo, retratá-lo, torná-lo compreensível para os leitores. O cotidiano e a história, apresentados de modo fragmentado nas diversas secções de um jornal, ganham sentido ao serem conectados interdiscursivamente a um ‘já-lá’ dos assuntos em pauta. E essa interdiscursividade pode ser reconstruída através da análise dos processos parafrásticos presentes na cadeia intertextual que vai se construindo ao longo do tempo (MARIANI, 1998, p.61).

Na citação acima, Mariani se refere ao jornalismo impresso e a suas diversas editoriais. No caso do jornalismo televisivo, específico do telejornalismo, essa estruturação dar-se-á de maneira diferente. É exatamente essa arrumação dos assuntos em um telejornal que iremos

²⁵ A palavra “espelho” faz referência “a primeira ‘teoria’ oferecida para explicar porque as notícias são como são [...]. É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são porque a realidade assim determina” (TRAQUINA, 2012, p. 148).

²⁶ Estamos nos referindo aqui ao texto jornalístico caracterizado como informativo. Durante nossa pesquisa, o texto jornalístico de referência será prioritariamente o informativo.

analisar na próxima seção. Antes, vale destacar que o discurso jornalístico é produzido não só para que os leitores, ouvintes, telespectadores ou internautas tenham sempre à mão saberes e informações, mas também para que eles possam “viver” experiências e afetos que se transformem em recompensa pelo consumo.

Uma imagem de impacto colocada na primeira página de um jornal ou na capa de uma revista para chamar a atenção do leitor, assim como uma imagem em movimento na TV com força para abrir a edição de um telejornal e despertar no telespectador a vontade de permanecer no canal são algumas das estratégias utilizadas na tentativa de comover e engajar o público a que se destina. É a busca constante para se aproximar do público, para causar empatia. “Os jornais valorizam acontecimentos que mostram experiência ‘humanas’, que podem emocionar. Os enterros de personalidades rendem espaço para o ‘lado frágil’ dos poderosos. Catástrofes naturais e guerras sempre se apóiam nas vítimas ‘civis’ e seus dramas”, ressalta Hernandez (2012, p.63-64).

Geralmente, o mundo é mostrado nos discursos jornalísticos de maneira didática, “a partir de generalizações feitas a partir de um campo de saberes já estabelecidos” (MARIANI, 1998, p.61). O jornalista concebe a imprensa como uma instituição capaz de ajudar a sociedade a compreender o seu funcionamento, por isso mesmo essa preocupação em didatizar o discurso. O Manual de Telejornalismo da Rede Globo (CENTRAL GLOBO DE JORNALISMO, 1986), por exemplo, assume um ar professoral ao explicar como o telespectador deve ser tratado, reforçando que o grande desafio do telejornalismo é ‘traduzir’ informações técnicas de modo que os assuntos mais complicados, como os econômicos, sejam entendidos pela maioria dos telespectadores.

Nesse sentido, compreendemos bem o que Mariani (1998, p. 62) nos coloca:

[...] o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária. Se no discurso pedagógico autoritário cabe ao professor fazer a mediação entre o saber científico e os aprendizes de tal modo que, com base em citações de autoridades e afirmações categóricas (dentre outras estratégias), os alunos se vêem diante de verdades incontornáveis – no professor está a verdade -, sentindo-se, portanto, tolhidos a fazer qualquer questionamento, no discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si. (MARIANI, 1998, p. 62).

Esses fatos que “falam por si” trazem a ilusão da **objetividade** jornalística, tão propagada nos manuais de estilo das redações, como se a interpretação só fosse possível nos chamados espaços de opinião, que, nos casos dos jornais impressos, seriam os artigos,

colunas, crônicas, cartas ao leitor, charges e o editorial. Já no jornalismo televisivo, raramente se utiliza o editorial lido pelo apresentador. Nesse aspecto, compartilhamos da recomendação de Hernandez (2012, p.30) feita aos analistas: “A primeira ingenuidade que a análise dos noticiários elimina é a de que a ideologia se encontra apenas na parte dos editoriais. A segunda é a possibilidade de um jornalismo isento”. Portanto, cabe ao analista do discurso questionar: de que modo é produzido esse **efeito de objetividade**?

Compreendemos essa objetividade como um **efeito de sentido** construído a partir da materialidade discursiva para fazer crer que os relatos são a própria expressão do real, do que aconteceu ou do que está acontecendo no momento em que a notícia chega até o público final - leitores, ouvintes, telespectadores e internautas. Para Hernandez (2012, p.30), a objetividade é um dos recursos jornalísticos para se “tentar apagar o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa ou parte de um conglomerado de informação, não quer se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas consequências do que notícia”.

De acordo com Romão (2007, p.148), “capturado pela evidência de objetividade”, o que deve ser entendido como um efeito de objetividade, o jornalismo apresenta certezas e constrói “estabilidade para o que se mostra caótico, contraditório e conflituoso na realidade, cristalizando um modo de dizer”. Partindo da perspectiva discursiva, o resultado disso é que o sujeito-jornalista sempre vai falar de um lugar que o autoriza a certos dizeres, visto que o seu discurso está inserido numa determinada formação ideológica constituída por um “complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se reportam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito, umas em relação às outras” (GREGOLIN, 2003, p. 26). Partindo dessas reflexões, consideramos que

o discurso é muito mais do que comunicação e efeito de sentidos; é o encontro e o confronto social, é o reflexo e a refração da totalidade; é o momento no qual os sujeitos se colocam e/ou se deslocam entre os demais e as suas ideologias, conscientes ou não desse feito (BASTOS, 2007, p. 78).

Nessa perspectiva, compreendemos que o discurso jornalístico não é o discurso de um sujeito empírico, seja esse revelado por um repórter, editor, produtor, apresentador ou mesmo pela própria empresa jornalística. Mas que, como outros tantos discursos que circulam na sociedade, o discurso jornalístico é determinado por uma posição. Em outras palavras: o sujeito jornalista diz a partir de um lugar, de uma perspectiva ideológica.

4 UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O DISCURSO DOS TELEJORNAIS

Contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor político e histórico da falha (GADET, 1991)

4.1 Condições de Produção da Televisão Brasileira

Refletir sobre a comunicação na contemporaneidade é pensar sobre as diversas mídias, afinal estamos inseridos nos processos midiáticos de tal maneira que não é possível imaginar a sociedade fora desse universo de inter-relações.

Para compreender como os discursos circulam na sociedade, como são constituídos, processados e como produzem sentidos, é essencial refletir sobre as **Condições de Produção** desses discursos. Essa é uma categoria teórica fundamental para a AD pecheutiana, da qual fazem parte o **sujeito** e a **situação** em que os discursos são produzidos. Assim, antes de iniciarmos a análise do nosso *corpus* discursivo é fundamental entender o funcionamento e a maneira como a mídia se estabelece cotidianamente, assim como é importante repousar nosso olhar investigativo no ambiente em que a mídia se desenvolveu e vem se desenvolvendo no Brasil.

Nesta dissertação, nossa reflexão se volta, predominantemente, para a mídia eletrônica televisiva, que ainda detém o protagonismo nas relações de interação com o meio social, apesar do reconhecido avanço do meio *online* e de sua capacidade de convergência de todas as mídias²⁷. Segundo Rezende (2000), vários fatores contribuíram para que a televisão se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países, entre os quais:

[...] a má distribuição da renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a impossibilidade de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia. (REZENDE, 2000, p.23).

Todos esses aspectos acabaram fortalecendo a televisão, contribuindo para que fosse arregimentado uma espécie de poder cuja influência é fortemente estabelecida nos seios da sociedade brasileira. Para Mattos (2002, p.16), “durante toda sua história, principalmente no período de 1964 a 1985, a televisão foi usada como uma poderosa ferramenta política, tanto

²⁷ Convergência de mídias é a capacidade do meio *online* absorver todas as outras mídias, ou seja, o rádio, a TV, o jornal, as revistas, tudo pode ser acessado via internet.

de mobilização social como de formação de opinião pública”. Concomitante a isso, a mídia televisiva no Brasil já nasce como um **negócio**, um negócio comercial, privado, influenciado pelo modelo norte-americano de informação e comunicação, o qual foi corroborado e incentivado pelo poder público:

Iniciativa privada e a ação estatal são, dessa forma, complementares no processo de implantação e de consolidação do poder da televisão no Brasil. Nesse quadro, a comunicação passa a ser fator estrutural na consolidação do modelo de capitalismo associado imposto ao país. Assegurava a aceleração na realização dos produtos enquanto mercadorias, encurtando, através de publicidade eletrônica, o trajeto entre a produção e consumo. Tornava mais sofisticadas as técnicas como elementos de sustentação das mensagens políticas (LEAL FILHO, 1988, p. 68).

Em setembro de 1950, o empresário paraibano Assis Chateaubriand, dono dos *Diários e Emissoras Associados* (o maior grupo de comunicação da época, composto por vários jornais, revistas e emissoras de rádios), adquiriu, junto à empresa americana RCA Victor, os equipamentos necessários para montar a primeira emissora de TV no país, a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi de São Paulo, a pioneira na América Latina. Em seguida vieram outras emissoras. Hoje, o Brasil tem mais de 300 emissoras e retransmissoras espalhadas por todas as regiões; dessas, mais de 100 pertencem ao sistema Globo de Televisão.

Embora a TV surja no país sob o domínio do sistema empresarial, de o modelo brasileiro de radiodifusão ser predominantemente privado, ele caminhou para o que se pode chamar de sistema misto, em que o Estado ocupa os espaços vazios deixados pela livre iniciativa. São as chamadas emissoras de TV públicas, que operam canais destinados, prioritariamente, a programas educativos. É importante destacar que todas as emissoras de TV e de Rádio funcionam no Brasil como sistema de concessão²⁸ e que durante décadas funcionou e ainda funcionam como moeda de troca política. Para Marques de Melo (1975, p.37), “o crescimento inicial da televisão, a partir de 1950, pode ser atribuído ao favoritismo político, o qual concedia licenças para exploração de canais sem plano pré-estabelecido”. Ou seja, os critérios de escolha não eram técnicos, mas políticos. Esses critérios continuam a vigorar no país.

Estudo realizado em 2002 pelo Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (Epcom), intitulado **Os donos da Mídia**, sobre os meios de comunicação no Brasil, mostra

²⁸ Sistema de Concessão - “antes da promulgação da Constituição Brasileira em outubro de 1988, o Executivo era quem detinha o direito de conceder e cassar licença e permissão para uso de frequência de rádio ou televisão. O capítulo da Comunicação Social da Constituição de 1988 estabeleceu novas normas e diretrizes para a concessão de emissoras de rádio e televisão, anulando os critérios casuísticos utilizados até então” (MATTOS, 2010, p.24).

que os políticos detêm a maioria das estações de rádio e de emissoras de televisão no país. 13 anos depois, esse estudo continua atual, vide o caso de Alagoas, onde as três principais emissoras de televisão pertencem a políticos: um senador da República, o prefeito da Capital, ex-deputados e ex-governadores de Estado.

De acordo com Silva (2002, p.95), as relações de poder implicadas nas negociações em torno da exploração do serviço de radiodifusão no país são a causa desse tipo de negócio: “a concessão de um canal no Brasil (sobretudo no que diz respeito à televisão, em que as possibilidades de se obter uma concessão são bem menores do que no caso do rádio) implica uma disputa política em que muito poucos têm a oportunidade de concorrer”. Trata-se de uma verdadeira guerra que envolve grandes grupos econômicos e políticos, ou, nas palavras de Lima (2008, p.119), as concessões se tornaram “*locus* privilegiado no qual interesses privados, de pessoas ou grupos políticos, disfarçados de interesse público, são negociados, estabelecidos, reproduzidos e preservados”. Dentro desse sistema de negócios, poucos são os grupos empresariais que conseguem manter emissoras de televisão em funcionamento no país. Tampouco há espaço para as chamadas TVs alternativas e sem fins comerciais.

Para implantar e desenvolver a TV no Brasil, Assis Chateaubriand se alinhou ao poder político estabelecido, tanto no período do governo de Getúlio Vargas quanto no período democrático (1946-1964) e ainda durante a Ditadura Militar, a partir de 1964. Nos tempos atuais, não é diferente. Mesmo nas emissoras de caráter estritamente comercial e de canal aberto²⁹, como SBT, GLOBO, BAND, REDE TV e RECORD, o Estado exerce forte influência, em parte devido à dependência dos veículos de massa em relação aos subsídios oficiais. Basta observar a grande quantidade de anúncios publicitários de órgãos públicos nos intervalos comerciais. Mas, esse poder exercido pelo Estado não é um caminho de mão única; existe uma relação de interesses e troca, que caracteriza a TV e o poder no país, tanto o poder econômico como o político.

No Brasil, ao longo da história da televisão, o governo se tornou o maior anunciante individual, nos níveis federal, estadual e municipal. O mais importante grupo de anunciantes é o formado pelas empresas multinacionais, que veiculam entre 60 e 70% de seus gastos publicitários na televisão (MATTOS, 2010, p. 25).

Contraditoriamente, a TV brasileira, desde a sua implantação, ainda que predominantemente estruturada em bases comerciais, através de grandes grupos de

²⁹Emissoras de TV de Canal Aberto são aquelas em que o telespectador não precisa pagar para ter acesso, diferentemente das TVs por assinatura ou de canal fechado.

comunicação, foi “significada como um novo serviço para o país” (DELA-SILVA, 2012, p.76). De outra maneira, um bem privado, pertencente a grupos empresariais, é apresentado e significado como serviço público, gratuito, oferecido a toda população, criando, assim, um efeito de sentido de um meio a serviço de todos. Esse imaginário vai influenciar de forma significativa os rumos que a mídia televisiva tomou no país. Em sua tese de doutoramento sobre o acontecimento discursivo da TV no Brasil à época da instalação de suas primeiras emissoras, Dela-Silva faz uma reflexão sobre a relação entre público e privado na constituição de sentidos para a TV brasileira. Para a autora,

embora seja trazida ao país e inaugurada por iniciativa privada, a televisão é considerada, desde a primeira legislação destinada a regular os serviços de radiodifusão no país, um serviço de responsabilidade do Estado, e que deve funcionar sob regras específicas, que atendam aos interesses públicos. Assim, a legislação reafirma o sentido de serviço público que se constrói para a televisão mesmo antes de sua instalação no país [...]. Este caráter de bem público, no entanto, permanece em suspenso nas práticas de concessão dos canais, bem como no modo de funcionamento das emissoras (DELA-SILVA, 2012, p. 84-85).

Diferente dos jornais impressos, revistas e *sites* de notícias, que são propriedade particular, as emissoras de rádio e TV são concessões públicas. Ou seja, a iniciativa privada é autorizada pelo Estado a explorar esse tipo de serviço, mediante normas específicas de concessão e funcionamento do setor. Por ser concessão, pressupõe-se que o uso do serviço é de caráter público, deve servir para ajudar a sociedade em suas necessidades de informação, auxiliando as pessoas em sua vivência e convivência social, mas, em uma sociedade de classes, o interesse da ideologia dominante é manter a sociedade como está. E a televisão contribui com essa necessidade de estabilização. Conforme Marx e Engels (2009, p.66), os detentores do poder material na sociedade capitalista também detém o poder sobre as ideias que circulam na sociedade.

[...] as ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. [...] Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX; ENGELS, 2009, p.66).

Desse modo, desde a sua criação a televisão no Brasil vem cumprindo esse papel de produtor e de distribuidor de ideias. Em um estudo sobre o perfil da televisão brasileira, Mattos (2010) divide a sua evolução histórica em sete fases, cada uma das quais corresponde

a um período que se define a partir de acontecimentos que vão servir como ponto de referência para o seu início, dentro do contexto socioeconômico, político e cultural do país:

1) *A fase elitista* (1950-1964), quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso; 2) *A fase populista* (1964-1975) quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; 3) *A fase do desenvolvimento tecnológico* (1975-1985) quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com profissionalismo, os seus próprios programas com estímulos de órgãos oficiais, visando a exportação; 4) *A fase da transição e da expansão internacional* (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações de programas; 5) *A fase da globalização e da TV paga* (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização; e 6) *A fase convergência e da qualidade digital* (2000-2010), com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente a televisão, com a Internet e outras tecnologias da informação.[...] 7) *A fase da portabilidade, mobilidade e Interatividade digital* (2010-), quando o mercado de comunicação e o modelo de negócio vão se reestruturar, devido ao espaço ocupado pelas novas mídias (MATTOS, 2010, p. 26-27, grifos do autor).

Entre as fases estudadas por Mattos, destacamos a que vai de 1964 a 1975, caracterizada como *fase populista*, período em que foi lançado o projeto do primeiro telejornal exibido em rede nacional no Brasil - o **Jornal Nacional** - da Rede Globo de Televisão, foco de nossa pesquisa. Para concretizar esse projeto de um programa em rede, as Organizações Roberto Marinho se aproximaram do governo de modo que a “identificação reconhecidamente entre o regime militar e a Globo era indisfarçável” (SILVA, 1986, p.31). Essa proximidade foi “reconhecida” pela própria Rede Globo durante as mobilizações de rua que aconteceram no Brasil em 2013, quando a empresa publicou uma nota no *site Memória Globo*, relatando que o apoio ao golpe de 1964 foi um erro. Logo depois, essa publicação foi retirada do ar.³⁰

Foram muitas as facilidades alcançadas pela Rede Globo de Televisão junto ao poder em troca de apoio político e empresarial. Para Jambeiro (2012, p.97):

[...] a TV Globo obteve permissão para expandir sua rede, conseguindo outras concessões do governo e também mais afiliadas entre as emissoras existentes, tipicamente de acordo com a política econômica do governo, que favorecia a concentração de capital e corporações. Esta é uma das razões, afirma muitos autores, de não haver dúvidas de que uma profunda relação de apoio mútuo tenha sido estabelecida entre o projeto militar e a TV Globo, que tornou-se, em certo sentido, o **braço simbólico do governo militar**. (grifo nosso) (JAMBEIRO, 2012, p.97).

³⁰ Cf. MAGALHÃES E SILVA SOBRINHO, 2014. Consultado em 15 de dezembro de 2015, no *site* <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/14431>

O braço simbólico do governo militar a que Jambeiro se refere foi materializado, em grande parte, pelo projeto do primeiro telejornal exibido em rede nacional, na medida em que possibilitava que as mensagens do governo chegassem ao mesmo tempo a várias partes do país. Nesse sentido, Ramos (2015) observa que

sem apoio popular, a Ditadura Militar necessitava de uma grande Mídia, para promover a integração nacional, bem como a sua legitimação. A TV Globo assumiu este papel de vender, aos brasileiros, a certeza de que tudo estava muito bem, às mil maravilhas. Não poderia ser melhor (RAMOS, 2015, s. p.).

4.1.1 O Jornal Nacional (JN) e o Projeto da Televisão Brasileira em Rede

A TV brasileira inicia suas transmissões de maneira local, na cidade de São Paulo, com a extinta TV TUPI, no início dos anos de 1950, sobretudo em virtude das limitações tecnológicas na época de sua implantação. Logo, não havia ainda o conceito de Rede de Televisão no país. Na época, as emissoras existiam separadamente, cada uma, mesmo pertencendo àquele determinado grupo de comunicação, exibia uma programação local, restrita à área de alcance do sinal. Desse modo:

Até então existiam emissoras, como a TV Tupi e a própria TV Globo, que contavam com estações transmissoras em várias capitais. Nenhuma, porém, formava propriamente uma rede, por falta de capacidade operacional de transmitir o mesmo sinal, ao mesmo tempo, para diferentes regiões (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.28).

Ademais, toda a programação era exibida “ao vivo”, pois não havia tecnologia que permitisse a gravação e distribuição dos programas. Só no começo da década de 1960 é que o desenvolvimento do videoteipe permitiu a gravação e reprodução dos programas pelas emissoras, mas as condições técnicas ainda eram muito precárias.

O golpe militar de 1964 trouxe mudanças significativas na área das Comunicações no Brasil, pois era interesse do governo ditatorial expandir seu domínio e influência em todas as regiões do país. Os militares acreditavam que os veículos de comunicação, principalmente, a televisão e o rádio, eram fundamentais para o projeto de poder que tinham para o país. “Os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores não apenas da ideologia do regime como também da produção de bens duráveis e não-duráveis”, explica Mattos (2010, p.31). A televisão tornou-se o suporte preferencial da publicidade, acelerando o ciclo do capital das indústrias tradicionais e também da indústria cultural no país.

De uma perspectiva dos discursos políticos hegemônicos, no momento da introdução da televisão tratava-se de expandir o Mercado geográfica e socialmente, de modo a integrar o brasileiro ao consumo, como parte de um processo de urbanização do país: tornar todo e qualquer cidadão “consumidor” foi política cultural na segunda metade do século XX no Brasil (SILVA, 2012, p. 12).

Criada em 1966, a **Embratel** - Empresa Brasileira de Telecomunicações - possibilitou a interligação do país por meio de linhas básicas de micro-ondas, as chamadas rotas, além da adesão ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações - o Intelsat. No ano seguinte, é criado o Ministério das Comunicações, facilitando “a ingerência política nos meios de comunicação, evidenciada até mesmo nos conteúdos veiculados e sempre sob a justificativa de um controle técnico” (SILVA, 2012, p. 12).

Os governos militares espetaram antenas em todo o território brasileiro (logo depois, em meados dos anos 80, viriam os satélites) e ofereceram estrutura para que o país fosse integrado via Embratel. O resto do serviço foi executado pelas redes, com a Globo na primeira fila. O modelo de redes abrangentes, quase totalizantes, e ao mesmo tempo servis ao estado, vingou no limiar da década de 70. Eles realizavam o parecia impossível: irmanar o Brasil (BUCCI, 1996, p.16).

A partir daí, estavam postas as condições técnicas que vão estruturar a criação das redes nacionais de televisão.

A expansão das telecomunicações provocou a criação de uma infra-estrutura de rede e a desregionalização da informação. Transformou a técnica e a linguagem do telejornalismo, marcada, até então pela herança radiofônica e pelas primeiras experiências provocadas pelo uso do videoteipe (BECKER, 2005, p. 17).

Inaugurada em 1965, a Rede Globo lança, quatro anos depois, o **Jornal Nacional**³¹ (JN), primeiro telejornal transmitido em rede nacional. Exibido desde 1º de setembro de 1969, o JN está no ar, de modo ininterrupto, há 46 anos, sendo o programa mais antigo em exibição na televisão brasileira e o de maior audiência no gênero jornalístico³². Quando anunciou a sua criação, a Rede Globo destacou: “Vamos lançar um telejornal para que 56 milhões de brasileiros tenham mais coisas em comum. Além de um simples idioma” (VEJA, 1969, p.68). Assim, o JN funcionou como “instrumento de integração do País, marcado pelo interesse da ordem nacional negociado entre os principais representantes do

³¹ Segundo a Memória Globo (2004, p.29), “a escolha do nome do novo telejornal, Jornal Nacional, surgiu naturalmente, uma decorrência do fato de que seria um programa jornalístico para alcançar todo país. Durante anos, no entanto, pensou-se que o nome tivesse sido adotado em função de um patrocínio do Banco Nacional”.

³² “Segundo pesquisa do IBOPE, realizada em abril de 2010, o JN registra, em média, 29 pontos; cada ponto equivale a 55 mil domicílios sintonizados por dia na Grande São Paulo. Os outros telejornais noturnos, de todas as emissoras do país, não têm chegado a dois dígitos no Ibope, o que comprova a audiência massiva do principal telejornal da Rede Globo” (ECHEVERRIA, 2012, p.68).

poder” (BECKER, 2005, p.17). O relato sobre a história do telejornal, publicado em 2004, traz o texto da primeira apresentação do JN:

O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo Brasil, foi assim que o apresentador Hilton Gomes abriu, às 19h45, a primeira edição do *Jornal Nacional*. Em seguida, a voz de Cid Moreira anunciou: ‘Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 24).

O projeto de criação do telejornal foi apresentado como um novo modelo de telejornalismo, dotado de grande rigor técnico. “Para manter o nível do noticiário na altura do avanço eletrônico que possibilita a formação da grande cadeia, as notícias e comentários serão escritos por redatores selecionados e não será permitida a improvisação (...)”, pontua ainda o texto da primeira apresentação do **JN** (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.24). No entanto, Rezende (2010) esclarece que:

[...] como contrapeso às virtudes técnicas, o “JN”, logo de início, enfrentou o estigma que perseguiria a *Globo* por muitos anos: uma suposta afinidade ideológica com o regime militar. Na edição de estreia, a principal manchete do dia informava que o governo do país passava temporariamente ao controle dos três ministros militares, por causa da doença do Presidente da República, general Costa e Silva. (REZENDE, 2010, p.60).

Décadas depois, esse estigma ecoa na sociedade brasileira, a exemplo das manifestações ocorridas no país em junho de 2013³³, conforme adiantamos, quando as Organizações Globo foram acusadas de ter apoiado a ditadura, fazendo a empresa “reconhecer” que o apoio ao golpe militar foi um erro. Entretanto, esse “reconhecimento do erro” não apaga a importância do posicionamento das Organizações Globo diante dos fatos históricos. Motivos não faltam para que o estigma de afinidade ideológica com os militares continue perseguindo a emissora. Nesse sentido, vale destacar a emblemática declaração do presidente Médici, em 1973, acerca do JN:

Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho (MÉDICI *apud* MATTOS, 2010, p. 35).

Na declaração de Médici, observa-se a **silenciamento** da censura a que os meios de comunicação estavam submetidos, um controle rígido no sentido de aliviar a real situação

³³C.f. Magalhães e Silva Sobrinho, 2015.

vivida no país. Para Orlandi (1992, p.55), o **silenciamento** resulta de uma declinação política da significação “como forma de não calar mas de fazer ‘uma coisa’, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é a sua dimensão política”. Mesmo assim, durante o regime militar as marcas da censura eram muitas vezes visíveis nos jornais impressos, que tentavam driblá-la através da publicação de receitas culinárias e poesias em lugar das notícias que foram censuradas. Desse modo, era possível ao leitor habitual do jornal perceber que naquele espaço algum assunto havia sido censurado. Mas, com o avanço da repressão, esses artifícios foram proibidos, instalando o que Orlandi (1992, p.76) define como silêncio total, ou seja, “a manifestação mais visível desta política: a interdição do dizer”.

No caso dos meios eletrônicos (rádio e TV), como as pautas censuradas não podiam ser veiculadas, era como se, simplesmente, determinados assuntos não existissem. Os censores atuavam dentro das redações. É exatamente nesse período, que

a TV Globo obteve permissão para expandir sua rede, conseguindo outras concessões do governo e também mais afiliadas entre as emissoras existentes, tipicamente de acordo com a política econômica do governo, que favorecia a concentração de capital e corporações. Esta é uma das razões, afirmam muitos autores, de não haver dúvida de que uma profunda relação de apoio mútuo tenha sido estabelecida entre o projeto militar e a TV Globo, que tornou-se, em certo, sentido, o braço simbólico do governo militar. Como as transmissões de TV eram fundamentais às políticas da ditadura militar, a TV Globo rapidamente adaptou-se àquelas políticas, empreendeu um modelo de produção capaz de atender às necessidades econômicas, políticas e ideológicas dos militares e, em troca, foi estimulada e favorecida a se estruturar como rede nacional (JAMBEIRO, 2002, p. 97-98).

No modelo de produção ao qual o autor se refere, foi estabelecida uma **grade** de programação que vigora até hoje, transformando-se em modelo também para emissoras de outros grupos empresariais de comunicação. A Rede Globo estabelece o chamado “Padrão Globo de Comunicação”. Muitas vezes, era apenas uma supremacia tecnológica em relação às demais. Supremacia essa adquirida com a proximidade do poder.

Para Gomes (2012, p.47),

O Jornal Nacional é produto da articulação entre os interesses da elite política e econômica e os interesses políticos e econômicos dos militares [...]. O ideal de integração nacional estava na origem do novo programa e se tornou possível com a tecnologia de transmissão em rede.

Levando em consideração que as condições tecnológicas da época demandavam altos investimentos na área, o lançamento de um telejornal em rede nacional seria inviável sem o interesse direto do poder. Trata-se de um investimento viabilizado pelo Estado que acabou

beneficiando significativamente o desenvolvimento da Rede Globo de Televisão. Como a classe que domina economicamente é a mesma que domina o Estado, essa “aliança” faz parte do surgimento e do funcionamento do Estado, ou, como afirma Mészáros (*apud* Andrade, 2012, p.26), “a existência do Estado está inseparavelmente ligada à reprodução econômica do sistema do capital, em outros termos, ela é o fundamento ontológico objetivo do próprio Estado moderno”.

Nessa articulação de interesses, os dois lados - empresários e governo militar - se beneficiam mutuamente: os empresários se submetem politicamente ao governo e, ao mesmo tempo, vão consolidando sua independência econômica. Dessa forma, o governo militar dispôs de um canal para propagar os princípios da Ideologia da Segurança Nacional. Segundo Gomes (2012, p.48), para que essa estratégia tivesse sucesso, era preciso “estabelecer um pacto com os militares, através do qual a TV controlava a produção de conteúdos de seus programas em troca do apoio do governo para a construção da infraestrutura necessária para a consolidação da indústria televisiva”.

Desde o início de sua exibição, em setembro de 1969, o **Jornal Nacional** sempre esteve localizado na grade de programação da TV Globo no chamado horário nobre³⁴, estrategicamente entre duas telenovelas - gênero que atrai grande audiência e investimentos publicitários -, destacando-se como o produto jornalístico de maior audiência da emissora. Entre o final da década de 1970 e durante os anos de 1980, o telejornal alcançava a prodigiosa marca de 79,9% da audiência nacional” (REZENDE, 2000, p.117), um feito inédito se comparado a outras televisões do mundo, onde a audiência dos programas televisivos costuma ser pulverizada em diversos canais.

Atualmente, embora os números do **JN** não atinjam os mesmos patamares de antes, ainda é considerado o telejornal de maior audiência no país. Para a maioria da população brasileira, os telejornais são a primeira e, muitas vezes, a única informação que recebe do mundo. Ou seja, os telejornais³⁵ têm um espaço significativo na vida das pessoas. Nesse

³⁴ O horário nobre da TV é identificado como o de maior audiência, ou seja, aquele com o maior número de televisores ligados num mesmo canal. Na TV Brasileira, o horário nobre acontece entre 19 e 22h horas nos dias da semana, sendo essa a faixa de maior valor comercial para a veiculação de publicidade. “As emissoras comerciais baseiam-se nos dados de audiência para decidir a programação de um gênero em determinado horário”(SOUZA, 2004, p. 55).

³⁵ Os telejornais assumiram uma importância tão relevante na programação das emissoras de TV que muitos canais de televisão são dedicados exclusivamente à transmissão de notícias 24 horas, as chamadas *allnews*. A rede mais conhecida nesse segmento é a americana “CNN (*Cable News Network*), primeira rede de notícias 24 horas, sete dias por semana, 365 dias por ano” (PATERNOSTRO, 2006, p. 42). No Brasil vários grupos de mídia

espaço midiático, a ideologia dominante vai atuar na naturalização dos fatos sociais. Portanto, o poder de produzir consensos da classe dominante e trabalhar na estabilização de sentidos é, sem dúvida, um dado relevante da televisão.

A programação de uma emissora televisiva (de sinal aberto e comercial) objetiva oferecer ao telespectador entretenimento e informação, considerando que, além da audiência e do público-alvo, fatores históricos, sociais e culturais da emissora também influenciam a estratégia da programação. Na televisão, cabe à emissora determinar o quê e em qual horário os programas são exibidos. Assim, o telespectador não tem muito direito de escolha, a não ser que pague uma assinatura e assista aos programas na internet. Nas palavras de Clark,

a televisão não é alternativa. Ela é tirana, o que é muito ruim. Ninguém assiste ao telejornal na hora que quer, a não ser uma camada específica. [...] Todos nós assistimos àquilo que o ‘gênio de plantão’ decide - ‘gênio de plantão’ é o nome que dou àquele sujeito que manda³⁶ na programação das televisões (CLARK *apud* SOUZA, 2004, p. 57).

Como, durante esses 46 anos, o **JN** sempre esteve na mesma posição na grade horária de programação semanal, essa estratégia acabou criando um hábito nos telespectadores, o que, do nosso ponto de vista, contribui para os elevados índices de audiência do telejornal, conferindo poder ao discurso jornalístico. Nos telejornais veiculados “se constrói uma ordem social desambiguizada que coloca em relação e em circulação dizeres autorizados e dizeres anônimos, dando a ilusão de consensos ou dissensos polarizados, esquemáticos” (MARIANI, 1998, p.42-43).

Através desses dizeres que os discursos circulam e se estabelecem. Enquanto analista do discurso, interessa-nos desvelar o funcionamento desse fazer jornalístico, com suas características e especificidades. Para isso, faz-se necessário entender o processo de construção de um Telejornal. É o que veremos a seguir.

também investiram nesse segmento e criaram canais com esse perfil, a exemplo da *GLOBO NEWS*, *RECORD NEWS* e *BAND NEWS*.

³⁶ E é por intermédio desse “tirano, gênio de plantão” que o nosso *corpus* vai se delinear, o acontecimento da nossa pesquisa instaura-se exatamente com esse sujeito, ou seja, nossa percepção discursiva está pautada na arrumação que esse sujeito faz diariamente. Esse é o *locus* do discurso do telejornalismo que recortamos para desenvolver nossa investigação analítica.

4.2 O Telejornalismo e seu funcionamento

Parte dos programas de TV da categoria informação, o telejornal apresenta características próprias e evidentes, com apresentador ou apresentadores em estúdio, anunciando notícias relacionadas predominantemente aos fatos mais recentes. É o jornalismo formatado para ser exibido na televisão - o telejornalismo.

Os telejornais se estruturam de maneira muito parecida, apesar das particularidades de cada emissora, do horário de exibição, da linha editorial e dos recursos técnicos disponíveis. Contudo, de maneira geral, eles “têm regularidades, marcas enunciativas constantes que são preenchidas pela trama factual do mundo”, explica Becker (2005, p.26), acrescentando que “todos os noticiários seguem a mesma lógica de produção” (Idem). Eles são apresentados em blocos, separados por intervalos comerciais, com um ou dois apresentadores, além de uma equipe de jornalistas - repórteres, editores, produtores -, que vão imprimir sentido às construções discursivas.

As unidades dos telejornais são as notícias - fragmentos textuais, frutos de operações discursivas que transformam fatos e acontecimentos do mundo exterior, isto é, real em realidade discursiva veiculada pela tevê, empregando para tanto uma retórica organizadora que confere singularidade a esses diferentes fragmentos de acontecimentos do cotidiano, enfatizando seus aspectos inusitados ou os atores sociais que os protagonizam (DUARTE, 2004, p. 109).

Para (BECKER, 2005, p.26), “os sentidos são criados durante toda a produção dos acontecimentos - na escolha da pauta, na produção, na apuração, na reportagem, na edição e na transmissão”. Um acontecimento em si não é a notícia. É necessário o olhar do jornalista, do observador que seleciona, faz o recorte na realidade, e pesca, no turbilhão de fatos, aquele que vai interessar ao telespectador. Nesse processo de construção dos telejornais, não podemos perder de vista uma questão colocada por Gregolin (2003, p.95), a saber: “o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor [telespectador] produzir formas simbólicas de representação de sua relação com a realidade concreta”. Nesse processo, vários profissionais estão envolvidos e muitos procedimentos são adotados para que o telejornal seja colocado “no ar”.

Uma das especificidades do trabalho jornalístico na televisão é o fato de ele ser um trabalho coletivo, de equipe. Desse modo, a autoria é resultado da participação e influência de diversos jornalistas e de profissionais da área técnica que possibilitam a veiculação dos programas. Não se faz telejornalismo sozinho! Essa é máxima que circula nas redações e nos

manuais que orientam as organizações. Existe uma espécie de cadeia editorial que conduz as notícias das fontes ao telespectador, um processo dominado por uma rígida hierarquia em todas as suas fases.

A cadeia editorial começa com a discussão em torno dos assuntos que poderão ser pautados³⁷ para a próxima edição do telejornal. Essa fase envolve os produtores e o editor-chefe do telejornal. O primeiro trabalho de seleção é escolher, entre os acontecimentos do dia, aqueles avaliados como os mais relevantes do ponto de vista jornalístico, mas também do ponto de vista político e empresarial, considerando que o telejornal está inserido no interior das empresas de comunicação, cujos interesses, muitas vezes, entram em conflito com os interesses ditos jornalísticos. Os telejornais são só uma parte dessa engrenagem e, no Brasil, ganham importância ainda maior. Segundo estudo realizado pela Pesquisa Brasileira de Mídia³⁸ 2015, 79% das pessoas assistem à televisão principalmente para se informar; é aí que os programas jornalísticos estão inseridos. Nesse primeiro trabalho de seleção das notícias, durante a reunião de pauta, é montado um **pré-espelho** dos assuntos previstos para a edição do telejornal - uma lista de todos os assuntos previamente selecionados para aquela edição. Este **pré-espelho** vai guiar todo o trabalho dos profissionais durante a etapa de fechamento das notícias e vai sendo modificado ao longo do dia até que o **espelho** final é fechado.

‘Espelho’ é o nome da lista de todos os assuntos aprovados para exibição, batizados com suas respectivas retrancas, com uma estimativa do tempo que será destinado a eles, na ordenação que o editor-chefe julgou mais apropriada. O espelho tem esse nome porque ‘reflete’ uma filosofia editorial, um plano de voo, uma intenção (BONNER, 2009, p. 82).

A ordem do **espelho** define o começo e o fim do processo de produção de um telejornal. Assim, não é possível um telejornal sem **espelho**. Embora a nossa análise seja direcionada para os efeitos de sentidos nos espelhos do JN, é preciso considerar que, no funcionamento de um telejornal, inúmeras etapas precisam ser cumpridas para que as reportagens sejam exibidas. No processo de construção da notícia, como já nos referimos anteriormente, tudo começa pela **pauta**, pela escolha (do sujeito-produtor) do que será assunto no telejornal do dia. “A pauta tem na televisão uma importância maior que em outros

³⁷ A Pauta é o ponto de referência para o trabalho do repórter, uma orientação, um direcionamento sobre determinado assunto. Na televisão, a pauta tem uma importância maior que em outros veículos por suas peculiaridades. Além de envolver uma equipe de profissionais (repórter, repórter cinematográfico e auxiliar técnico) que será responsável por grande parte do trabalho.

³⁸ Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 é encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República. [HTTP://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisa-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf](http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisa-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf). Acesso em 22 de julho de 2015.

veículos”. É assim que Barbeiro e Lima (2002, p.111) começam o capítulo dedicado à pauta no Manual de Telejornalismo. Quem faz a pauta é o pauteiro, profissional que, muitas vezes, também é o produtor da reportagem. “É aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode e deve ser transformado em reportagem. Esse trabalho vai além da seleção dos assuntos do dia”, afirmam os autores (Idem).

Cabe ao pauteiro buscar as fontes certas para falar sobre o assunto em questão. Fontes são pessoas que são referências no assunto, especialistas ou testemunhas oculares do fato a ser narrado. Prado (1996, p.23) explica que a pauta é o ponto de partida, “a orientação transmitida aos repórteres pelo profissional responsável por pensar de que forma a matéria será abordada no programa”. Esse profissional recebe diariamente uma infinidade de *releases*³⁹ produzidos pelas assessorias com sugestões de assuntos, que podem se transformar em reportagem para a televisão; nem tudo que é enviado às redações chega à telinha.

Para muitos, a excelência do jornalismo está na reportagem. É o momento em que os fatos são narrados, não só pelo repórter, também pelos entrevistados, fontes anteriormente selecionadas pelo produtor para que o assunto tenha credibilidade. Para Prado (1996, p.26), “o repórter é a célula básica de todos os veículos de comunicação. É ele quem vai às ruas atrás da notícia, testemunha os fatos e conta para o telespectador, ouvinte ou leitor”. Mas, toda reportagem televisiva é um trabalho em equipe: repórter, repórter cinematográfico (cinegrafista) e auxiliar técnico precisam estar em sintonia. Com base nisso, o jornalista Armando Nogueira, um dos responsáveis pelo projeto de implantação do **Jornal Nacional**, na TV Globo, observa que “a TV não é obra de autor, mas fruto de um trabalho coletivo” (2001, p.31). Isso pode ser notado diariamente ao final de cada edição, quando os créditos (nomes) dos profissionais envolvidos são mostrados na tela. São inúmeras as pessoas que fazem parte da cadeia editorial, tanto da parte técnico-operacional como da produção de conteúdo.

Todo trabalho de reportagem televisiva segue um modelo pré-estabelecido, são as chamadas técnicas de reportagem. A reportagem para TV possui três elementos básicos: **offs**, **sonoras** e **passagem**. Os *offs* são os textos com locução do repórter. É o momento em que o telespectador vê as imagens com o áudio do repórter, “é o texto gravado pelo repórter sem que o rosto dele esteja no vídeo” (PRADO, 1996, p.30). As sonoras são fragmentos das entrevistas, as partes mais importantes da fala dos entrevistados. Em toda reportagem é

³⁹*Release ou press release* é o “noticiário distribuído à Imprensa (jornais,radio,TVS e sites), por instituições oficiais, políticas ou órgãos e empresas particulares, para a divulgação gratuita. As Assessorias de imprensa são responsáveis pela produção dos releases” (ERBOLATO, 2003, p. 248).

necessário ouvir a opinião, o relato dos especialistas ou testemunhas do fato narrado. Outro elemento da reportagem é a **passagem**, momento em que o repórter aparece na tela, uma forma de “assinar” a matéria. Ela é utilizada ainda quando o repórter tem uma informação importante, mas não dispõe de imagens disponíveis. Nesse caso, a passagem será o recurso ideal para passar a informação.

Com as imagens captadas, passagem e *offs* gravados, o passo seguinte é a montagem da reportagem. A edição é a montagem de áudio e vídeo de uma reportagem. A partir desse momento, o editor de texto passa a ser o responsável pela reportagem. Cabe a ele ver todo o material produzido nas gravações externas e colocar as informações em uma sequência lógica para que a narração do fato seja levada ao ar.

O trabalho do editor de texto é realizado em conjunto com o editor de imagens, que é o responsável por montar no computador toda a estrutura da matéria. O texto no telejornalismo está ligado diretamente às imagens mostradas. É um texto construído a partir dessas imagens, momento em que a linguagem telejornalística se faz presente com todas as suas regras, indicações, modos de fazer. Mas, apesar de todo esse processo de construção dos telejornais, cheios de regras e técnicas, “há que se compreender que o discurso jornalístico não é transparente, nem que os cenários em que os textos midiáticos são produzidos são estanques, repetíveis e previamente configurados” (RAMIRES, 2012, p.33). Em todas essas etapas, há um processo de escolha, de seleção, de ponto de vista que vai balizar o que será exibido:

O jornalista faz uma escolha entre diferentes narrativas possíveis. Sabe-se, entretanto, que essa escolha não é, essencialmente, do jornalista; ela é feita a partir de paradigmas ‘ditados’ pela linha editorial do jornal, pelo ‘dono’ do jornal, ou ainda, pelos leitores, vistos como mantenedores desse meio de comunicação no mercado (LAMEIRAS, 2008, p. 68-69).

São os vários ‘filtros’ do processo jornalístico que vão apurando as notícias e exibindo apenas aquilo que não contrarie a orientação posta na linha editorial. Essas notícias são materializadas nos telejornais através da participação efetiva dos **apresentadores**, jornalistas que falam diretamente com o telespectador, criando uma relação de “intimidade” com estes; são eles que “entram” diariamente na casa do telespectador. Segundo Barbeiro (2002, p.76), o apresentador de um programa jornalístico na TV “integra um processo para contar a uma parte da sociedade o que outra está fazendo. Não é a estrela do telejornal, mas é o rosto mais conhecido e familiar do telespectador”. Nesta afirmação, o autor coloca o apresentador como um condutor de mensagens, como mais um instrumento - o mais visível - da engrenagem na

cadeia editorial na televisão. No entanto, é necessário entender que o apresentador não é apenas um leitor de notícias, ele é também, em muitos telejornais, o editor-chefe, o âncora, aquele que decide o que deve ou não ser veiculado. A “palavra final” é quase sempre dele⁴⁰, que atua como representante do pensamento político-empresarial dos interesses da emissora. Mas, essa “palavra final” é mera ilusão. Nas palavras de Orlandi (2012, p.11), precisamos considerar o “fato de que o dizer é aberto. É só por ilusão que se pensa poder dar a ‘palavra final’. O dizer também não tem um começo verificável: o sentido está (sempre) em curso”.

O processo de decisão do que será veiculado por um telejornal está inserido numa estrutura midiática que sustenta o funcionamento da emissora. No caso específico da Rede Globo de Televisão, essa estrutura tem como norte os Princípios Editoriais das Organizações Globo (conforme anexo). Nesses princípios, estão presentes a **isenção**, a **correção** e a **agilidade**, que apontam para o que se convencionou denominar de **objetividade jornalística**, que visa uma maior comunicação.

No entanto, compreendemos, a partir da perspectiva discursiva em que nos ancoramos, que “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar” (ORLANDI, 2000, p.21). Portanto, refletir sobre essa abordagem exige uma mudança de terreno. Desse modo, foi necessário sair do centro da produção de notícias para as suas bordas, para as margens, com um olhar de analista do discurso, que, ao encarar os telejornais, percebe uma materialidade discursiva e procura explicar como eles produzem sentido. Nesse processo, chegamos ao entendimento, amparados pelos dispositivos teórico-metodológicos da AD, de que a estruturação de um telejornal não é somente uma questão técnico-operacional ou de aplicação de normas e procedimentos a serem seguidos. Trata-se de uma questão mais ampla, em que palavras e imagens são significadas cotidianamente. Assim, entendemos o telejornal como um espaço diário de **construção de sentidos**, sentidos esses, muitas vezes, tidos como naturais.

Nesse percurso analítico, em que buscamos desvelar os sentidos produzidos pelos **espelhos do Jornal Nacional**, chamamos a atenção para o sequenciamento das notícias veiculadas, ou seja, para a ordem em que as reportagens são exibidas - uma “arrumação” na qual, aparentemente, são expostas apenas motivações jornalísticas-editoriais -, como se fosse apenas uma questão de decisão pessoal, de um sujeito empírico, mas que, se observada através da perspectiva da AD, aparecem também outros sentidos, variados e reveladores.

⁴⁰ A decisão é quase sempre do editor chefe. No entanto, acima dele, na hierarquia da empresa, há ainda o diretor geral de jornalismo, cargo atualmente exercido na Rede Globo de Televisão pelo jornalista Ali Kamel, que faz a aprovação final dos assuntos do telejornal.

Assim, podemos perceber os sujeitos em diferentes posições na construção de um telejornal. E, como nos aponta Pereira Júnior (2010), no ciclo de produção das notícias,

atuam sujeitos, veículos, convenções da rotina profissional e interesses corporativos. Há hierarquias, filtros, barganhas, hábitos incorporados, improvisos forçados pela apreensão do fechamento, interstícios da organização, que tornam a informação resultado de uma manufatura, uma manipulação em cadeia nem sempre condicionada por apenas um agente produtivo. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p.14-15).

4.3 Espelhos: um *corpus* em movimento

Na seleção do nosso *corpus*, procuramos nos distanciar dos grandes eventos que são transmitidos pela televisão, como os esportivos (a exemplo da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil), os eleitorais (como as últimas eleições gerais ocorridas no país) ou de datas marcantes no calendário da TV Brasileira (épocas de Natal, Carnaval, Olimpíadas etc.). Entendemos que esses eventos acabam interferindo e modificando diretamente a programação das emissoras de televisão. Ademais, queríamos evitar a predominância de um determinado fato ou tema nos telejornais analisados. No caso da TV Globo, por deter a exclusividade dos direitos de transmissão da Copa do Mundo, isso influencia ainda mais a grade de programação da emissora, ao ponto de algumas edições do **JN** tratarem exclusivamente do assunto Copa.

Já em relação ao período eleitoral, observamos que existe um controle maior com relação ao tempo dado às coligações partidárias, visto que as televisões são concessões públicas e sofrem uma espécie de disciplinamento por parte do Tribunal Superior Eleitoral (STF) durante todo o período de campanha, podendo, inclusive, haver punição com cobrança de multas. Logo, na escolha do nosso *corpus* buscamos encontrar períodos que estivessem mais próximos das semanas consideradas “normais” na programação da TV Globo.

Ao denominar nossa seleção de espelhos de *corpus* em movimento, queremos chamar a atenção para o fato de que a cada edição do **Jornal Nacional** temos um novo **espelho**, uma nova arrumação das notícias, quase uma infinidade de possibilidades a serem analisadas e que o sentido dos **espelhos** está (sempre) em curso. Em cada telejornal, um novo **espelho** é produzido. Muda-se o **espelho**, muda-se o telejornal. No entanto, é necessário delimitar, selecionar o que será analisado. Esse foi o nosso primeiro gesto de interpretação. Partimos do entendimento de Orlandi (2001, p.25), que “compreende *gestos de interpretação* como “prática simbólica”, ou seja, *prática discursiva*, intervindo no mundo *real* do sentido”.

A constituição do nosso *corpus* teve início com a seleção dos **espelhos** das edições do **JN**. Fizemos recortes de quatro semanas: uma semana no mês de junho (08 a 13/06), uma no mês de julho (20 a 25/07) e duas semanas no mês de agosto (03 a 08 e 17 a 22/08) de 2015⁴¹, além dessas quatro semanas, trazemos também uma análise de um recorte de **espelho** do **JN**, exibido em maio de 2013, data que marcou o início de nosso percurso na AD.

Em sua reflexão sobre o *corpus* discursivo, Orlandi (1989, p.33) aponta que “para a análise de discurso, a constituição do *corpus* e a própria análise estão intimamente ligados, ou seja, são a mesma coisa. Analisar, de certo modo, é dizer o que pertence ou não a um *corpus* determinado”. Nas análises dos **espelhos** selecionados, pudemos identificar as posições ideológicas que os sujeitos ocupam em uma determinada formação discursiva, com o entendimento de que “todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando” (FLORÊNCIO et al., 2009, p.25). No bloco três do espelho do **JN**, do dia 03 de agosto de 2015 (ver anexo), por exemplo, notamos que, embora todas as notícias façam referência às manifestações de trabalhadores, o sequenciamento que é dado aos fatos produz um efeito de sentido que relaciona as manifestações à perturbação da chamada ordem pública, desordem provocada pelos movimentos sociais.

Nas nossas análises, procuramos perceber o **espelho** como **texto**, como espaço significante, colocado por Orlandi (2012, p. 60-61) como:

[...] a unidade de análise afetada pelas condições de produção. O texto é, para o analista do discurso, o lugar da relação com a representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante. E não é das questões menos interessantes a de se procurar saber como se põe um discurso em texto. (ORLANDI, 2012, p. 60-61)

Os **espelhos** se mostram com seu efeito de transparência, como se a arrumação fosse só temática. No entanto, eles reclamam interpretação. A construção de um **espelho** é um gesto de interpretação dos sujeitos envolvidos na produção do *telejornal*, mas este produto jornalístico (JN) está inserido numa estrutura maior, pois faz parte de uma grande empresa de comunicação - considerada a maior do país e uma das maiores do mundo -, que não é autônoma no seu modo de produzir e que possui interesses econômicos e políticos que estão sempre em jogo. E, pelo entendimento teórico da AD, o lugar de onde se fala constitui o dizer.

O movimento de montagem do **espelho** segue uma fórmula pré-determinada, na qual as notícias vão se encaixando naturalmente. Contudo, queríamos investigar os efeitos de

⁴¹ Todos os espelhos que fazem parte do *corpus* estão nos anexos deste trabalho.

sentidos produzidos por este gesto. Para isso, foi necessário compreender o que é uma notícia, entender como ela é produzida, para, assim, entender o que é um **espelho** de um telejornal, como ele é constituído. Para Orlandi (1992, p.21), compreender o que é efeito de sentidos é “compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos”.

Essa compreensão passa pelas condições históricas de produção que constituem os dizeres dos sujeitos que produzem os **espelhos**. Nesse sentido, partimos do entendimento de que o sentido sempre pode ser outro, de que numa estrutura que tende a se repetir pode haver brechas, falhas, lacunas, por onde deslizam outros sentidos. Essa percepção nos traz de volta a citação do início deste capítulo: “contra o narcisismo da comunicação bem-sucedida, tentamos afirmar o valor político e histórico da falha” (GADET, 1991). Desse modo, apesar dos **espelhos** apontarem sentidos que seguem uma direção, é possível perceber quebras, rachaduras, deslocamentos.

4.3.1 Os espelhos do Jornal Nacional

Segundo o editor-geral do **JN**, William Bonner (2009, p.17), “o Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção”. Nessa afirmação, o editor-geral aponta para o foco em temas factuais, ou seja, “fatos transcorridos desde a edição anterior até o fechamento daquela edição. Esta é a principal matéria-prima do **JN**, mas não a única” (Idem). São as chamadas pautas quentes, pautas urgentes, assuntos que não devem ser guardados na “gaveta”; aliás, circula nas redações de TV a expressão “reportagem de gaveta”- consideradas atemporais, que podem ser guardadas, à espera da melhor hora de serem exibidas.

Na análise dos telejornais, principalmente os veiculados no horário noturno, considerado o horário nobre da programação televisiva brasileira, percebe-se que os assuntos factuais dominam os **espelhos** das edições, numa tentativa de fazer um grande resumo dos fatos ocorridos no dia. Nas palavras de Rezende (2000, p.146), “o *espelho* sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como os intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento”. De outro modo, o espelho do telejornal ajuda a organizar o que está disperso.

No entanto, a pretensão de mostrar tudo o que aconteceu de mais importante no Brasil e no mundo deve caber num tempo médio que varia entre 30 a 40 minutos líquidos de telejornal (nesse tempo não estão computados os intervalos comerciais), a depender do dia da

semana, além de considerar que toda programação de TV é pautada em função do tempo e os telejornais não escapam dessa lógica, ou seja, “o noticiário de TV tem como característica principal a organização textual manifestada por meio da organização de unidades no fluxo temporal” (HERNANDES, 2012, p.124). Nesse sentido, o tempo dedicado a um determinado assunto pode ser um indicativo da importância dada ao tema. Assim, quanto maior a duração de uma notícia no ar, mais relevância ela deve ter para o telejornal que a está veiculando.

Ex-editor de notícias internacionais do **JN** de 1981 a 1986, Ricardo Arnt relata como essa questão da exiguidade do tempo no telejornal influencia na escolha e nas prioridades dos assuntos veiculados:

Eu tinha cinco minutos para mostrar o mundo. O que se pode fazer em cinco minutos? Um bloco comporta quatro, cinco notícias: três filmes de 1 minuto e 20 segundos e duas notas de cinquenta segundos, ilustradas com *slides*, mapas ou radiofotos. Escreve-se por segundo. Fiz dezoito anos da era Brejnev em 1 minuto e 13 segundos. [...] Escrevemos como se fôssemos à janela e gritássemos ao vizinho: “Morreu o presidente. Sofreu um ataque cardíaco. O vice vai assumir” (ARNT, 1991, p. 171).

Há uma agenda diária de notícias em que alguns acontecimentos são selecionados e outros não. Nesse sentido, montar espelho é tomar decisões ao longo do processo de estruturação do telejornal, é estabelecer um roteiro de prioridades na apresentação. O **Jornal Nacional** vai ao ar de segunda-feira a sábado, normalmente às 20h30, posicionando-se na grade de programação da TV Globo entre duas novelas. É dividido em quatro ou cinco blocos de notícias, intercalados por intervalos comerciais e chamadas de patrocínio. Cada bloco do telejornal é composto por variados formatos de notícias, a saber:

Nota simples ou nota pelada - apresentador lê a notícia. **Nota coberta** - é a forma mais simples de apresentação de notícias com imagens na televisão. Normalmente é formada por duas partes [...]: 1 - cabeça - texto que corresponde ao lide em jornal impresso e que é lido pelo apresentador em quadro; 2 - off - a narração do apresentador feita enquanto as imagens da notícia são exibidas na tela do televisor.[...] **Reportagem** - é a forma mais complexa e mais completa de apresentação da notícia na televisão. Tem texto, imagens, presença do apresentador, do repórter e de entrevistados. Em geral mais longa, a reportagem incorpora todas as outras formas de apresentação da notícia em suas cinco partes básicas: 1-cabeça; 2-off; 3-boletim; 4- sonoras; 5 - pé. O **pé** é um texto curto, utilizado para o encerramento da reportagem (HERNANDES, 2012, p.124-125).

Esses quatro formatos de veiculação de notícias nos revelam o grau de importância e regularidade que é dado ou não a um determinado assunto em pauta. Um assunto avaliado como pouco relevante cabe numa **nota simples** ou **nota pelada**, em que a única imagem mostrada é a do apresentador. Os considerados mais relevantes são mostrados através de uma

nota coberta. Nesse caso, o apresentador narra e as imagens do acontecimento jornalístico vão acompanhando o texto (locução). Normalmente, esse formato recebe um pouco mais de tempo em comparação às notas simples, mas são menores do que a **reportagem**. Esta ganha mais tempo nos telejornais e, como foi posto por Hernandez (2012, p.124-125), “é a forma mais completa e complexa de apresentação da notícia na televisão”. No final de algumas reportagens ainda é apresentada a chamada **nota pé**, que, semelhante às notas de rodapé, objetivam complementar informações que não entraram na reportagem ou como defesa de alguém que foi citado.

Além dos elementos destacados por Hernandez, podemos identificar a **escalada**: manchetes que abrem a edição do telejornal e que tentam despertar o interesse do telespectador com uma locução ágil, ritmada; as **entradas “ao vivo”** dos repórteres em diversas localidades, formato bastante explorado na era das comunicações *online*, em tempo real; as **passagens de bloco**: textos que são lidos ao final de cada bloco de notícias pelos apresentadores e que chamam à atenção para os assuntos em destaque no bloco seguinte; tem ainda os **indicadores**: previsão do tempo, números do mercado financeiro, resultado de pesquisas etc; além de, muito raramente, a leitura de **editorial**: texto lido pelo apresentador que expressa a opinião da emissora sobre uma determinada questão. Portanto, a **arrumação** dessas várias formas de notícia na televisão compõe os **espelhos** dos telejornais. No nosso entendimento, como já foi dito, essa arrumação impõe sentidos, direcionando o modo como o sujeito-telespectador deverá ver e entender o que está sendo mostrado.

Para iniciar as análises, nós tivemos que inverter a ordem do processo. Isto é, partimos da materialidade já exibida (telejornal pronto) e, a partir daí, reconstruímos os espelhos - do texto ao discurso. A inversão da ordem foi necessária para que tivéssemos acesso aos **espelhos**. Esse movimento foi o começo do nosso gesto analítico. Nessa fase, pudemos observar como os blocos de notícias foram estruturados, qual o tempo de cada um, quais foram os destaques para o bloco seguinte, assim como o formato (tipo) de notícia apresentado. Nosso intuito foi o de desvelar os efeitos de sentido dos discursos produzidos pelos **espelhos** do **JN**, em todas as possibilidades de estruturação, mostrando os mais variados sentidos a partir dos lugares em que são produzidos, uma vez que as relações dos sujeitos nunca são homogêneas, como esclarece Orlandi (2000, p.10):

Movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem. De um lado, é na movência, na provisoriedade, que os sujeitos e os

sentidos se estabelecem, de outro, eles se estabilizam, se cristalizam, permanecem. Paralelamente, se, de um lado, há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido, da linguagem com o mundo, toda formação social, no entanto, tem **formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas**: há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de “atribuir” sentidos), tais como o juiz, o professor, o advogado, o padre, etc. **Os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos**. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá (grifos nossos). (ORLANDI, 2000, p.10):

Na produção discursiva do telejornal, podemos perceber formas de controle da interpretação. Somente alguns são autorizados a fazer tal gesto e sempre a partir de uma linha editorial ou política editorial pré-estabelecida pela própria instituição, entendida como um

conjunto de parâmetros de trabalhos norteadores da atividade da empresa de comunicação. A política editorial é definida com base no posicionamento ideológico da empresa; na estrutura e nas possibilidades econômicas da emissora; em uma ideia do que o público deseja em termos de programação e no senso comum do que é socialmente aceito (FERRARETO, 2014, p.188).

Assim, entendemos que a linha editorial é a representação da forma-sujeito do discurso, o eixo ideológico que norteia os sentidos. No entanto, esse gesto de interpretação é velado, na tentativa de expor uma almejada “objetividade jornalística”, em que os fatos falariam por si, produzindo um efeito de evidência, uma ilusão de transparência de sentidos.

Conforme já dito, o nosso percurso na AD começou com a observação da edição do **JN** do dia 13 de maio de 2013⁴². Nesse dia, a exibição das duas primeiras reportagens nos inquietou. O **JN** iniciou com uma reportagem que mostrava o caso de um menor detido na cidade de São Paulo por ter vendido uma moto **furtada** para comprar roupas. O repórter faz todo o relato da situação da família do menor, entrevista a mãe, o delegado, o desembargador. A criança, que tem 12 anos de idade, é retratada como problemática e “protegida” pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Ela comete a infração, mas não vai presa. Fim da reportagem. Corta para o apresentador do telejornal que, na sequência, chama outra reportagem, sobre um caso ocorrido nos Estados Unidos, também envolvendo um menor. Só que, desta vez, o repórter mostra uma criança, também de 12 anos, que **matou** a irmã e, nesse caso, o menor será julgado e condenado à prisão. A reportagem mostra que na maioria dos estados americanos qualquer criança pode ser julgada por assassinato, tal qual um adulto.

⁴²Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/>

Na época em que as reportagens foram ao ar, o Brasil estava discutindo a questão da redução da maioridade penal, um tema polêmico, que divide opiniões, sobre o qual a chamada grande imprensa não costuma se posicionar, ao menos diretamente. Se essas reportagens não tivessem sido exibidas na sequência talvez não chamasse tanto a atenção para os efeitos de sentido produzidos na estruturação do espelho, considerando ainda que as notícias que abrem o telejornal merecem um maior destaque. Trazemos abaixo um recorte do **espelho** do primeiro bloco do **JN** do dia em que as reportagens foram exibidas:

Espelho1:

JORNAL NACIONAL - 13 DE MAIO DE 2013	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
(SD 1) - BLOCO 1		
ESCALADA		
O Jornal Nacional começa com uma história particular, mas também simbólica, porque ela reflete uma situação enfrentada por muitas famílias que têm uma criança ou um adolescente infrator. Quem mostra é o repórter Thiago Heltz.	VT nac. SP	
Nos Estados Unidos, um menino acusado de matar a irmã quatro anos mais nova do que ele poderá ficar preso até completar a maioridade se for considerado culpado.	VT int. EUA	

Na estruturação das reportagens, na montagem dos espelhos, pode-se recorrer a uma categoria na AD, trabalhada por M. Pêcheux, que vai estruturar os discursos: o esquecimento nº1, ou esquecimento ideológico. Pelo que se entende desse conceito, nós “temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existent” (ORLANDI, 2009, p.35). Nas reportagens mostradas no **JN** uma série de pré-construídos são retomados. O mais visível é o de mostrar como as leis nos Estados Unidos “funcionam” e, como no Brasil, muita coisa ainda precisa ser feita, especialmente em relação à punição dos menores infratores. A “superioridade” americana é retomada num discurso que se mostra de maneira explícita, nos sequenciamento das duas reportagens.

Ainda com relação à categoria apresentada por M. Pêcheux, temos o esquecimento nº2, aquele da ordem da enunciação - bem característico da linguagem midiática -, segundo a qual “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2009, p.35). Ao contextualizar a família do menino brasileiro, o repórter acaba mostrando o retrato estereotipado de uma família pobre e, no recorte que trazemos do texto da reportagem, é dito que: “a mãe do menino tem seis filhos de três casamentos diferentes. Está grávida do sétimo. O menino vivia com o pai, mas reclama que apanhava da madrasta. A mãe diz que não tem como controlá-lo e que é melhor recolhê-lo. Fechá-lo” (JN, 13/05/2013).

Do ponto de vista jornalístico, esse recorte do texto poderia ser escrito de outra maneira, até mesmo subtraído do texto, pois, nesse caso, não atrapalharia o entendimento da notícia. Comparando as duas reportagens, no sequenciamento posto no **espelho** do telejornal, pode-se perceber que o sentido e o funcionamento de família no Brasil são diferentes dos existentes nos Estados Unidos. Logo, há um discurso de comparação de qualidade, uma tentativa de aproximação, com a intencionalidade de demonstrar que existe (externo, em outro lugar, outro país) um exemplo que pode e deve ser seguido. No sequenciamento das duas reportagens mostra-se o diferente na expectativa de que seja igual, silenciando as condições de produção. A planificação ideológica que existe em sociedades tão distintas, mas que são consideradas em um nivelamento contínuo e de paridade, objetiva unificar o que é diferente. Reside aí a eficácia da ideologia, condição de preenchimento dos sentidos (ORLANDI, 1992).

Outro exemplo de sequenciamento de assuntos na estruturação do **espelho** que acabou produzindo sentidos diferentes é relatado pelo jornalista Eric Nepomuceno (1991), ao assistir um telejornal numa emissora de TV Brasileira:

No dia em que o senador Luís Carlos Prestes morreu, vi uma das mais espetaculares demonstrações de manipulação da informação nestes tempos de noticiário sem censura institucional, oficial. Foi no noticiário do SBT, na voz de Boris Casoy. Após a notícia da morte de Prestes, acompanhada de um breve perfil, **o apresentador emendou outra**, recordando a passagem de uma data qualquer relacionada a Benito Mussolini e à Itália fascista. Aproveitou para esparramar sua filosofia sobre o culto à personalidade. Prestes e Mussolini viraram **caldo do mesmo feijão** (NEPOMUCENO, 1991, p. 210, grifos nossos).

Os assuntos que são organizados em blocos no telejornal procuram encadear pautas de editoriais semelhantes ou de assuntos correlatos, como se houvesse uma naturalidade na arrumação. Muitas vezes, as reportagens possuem abordagens diferentes, até mesmo excludentes. Logo, nem tudo pode ser colocado no “caldo do mesmo feijão”, como observou Nepomuceno. Como não temos controle sobre os sentidos, como “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos” (ORLANDI, 2000, p. 9), **não temos como não interpretar esse entrelaçamento de notícias**. É esse o nosso desafio na análise.

O encadeamento no telejornal, essa sequencialização programada, leva a um efeito de preenchimento, uma interdição imaginária a brechas, de modo que o posto a ver corresponda à realidade que se quer vista. As diferentes materialidades não funcionam sozinhas, mesmo na apresentação. Este é o **lugar da interpelação ideológica no telejornalismo**, na produção do efeito de evidência e de fechamento dos sentidos, em que sujeitos e sentidos aparecem juntos e separados, como efeito mesmo da dissociação entre informação e opinião (PIMENTEL, 2008, p.41, grifos nossos).

Este sequenciamento programado a que a autora se refere é exatamente a formatação do **espelho** do telejornal, que, no encadeamento das notícias, em seus diversos formatos, tenta preencher os vazios, produzindo um efeito de evidência e de fechamento dos sentidos.

Queremos ressaltar que no nosso percurso analítico, nas quatro semanas de espelhos do **JN**, não seguimos uma sequência cronológica das edições. Nossa investigação partiu das recorrências supostamente temáticas da estruturação dos espelhos e pelos efeitos de sentidos que essa arrumação pôde produzir. Também não tivemos o intuito de analisar o conteúdo das reportagens exibidas no telejornal. Nosso olhar se voltou, predominantemente, para os recortes dos **espelhos** que formam as sequências cujas análises apresentamos a seguir.

Espelho 2:

JORNAL NACIONAL - 17 DE AGOSTO DE 2015(SEGUNDA-FEIRA)	FORMATO NOTÍCIA	TEMPO 45:51
SD 2 - BLOCO 1		
ESCALADA + vinheta de abertura		
O ministro da Comunicação Social Edinho Silva disse hoje que é preciso quebrar o clima de intolerância no país. Depois de duas reuniões entre ministros e a presidente Dilma foi a primeira manifestação do governo depois dos protestos que ocuparam as ruas em mais de 200 cidades no domingo.	VT nac. Brasília	
O PT informou que considera que todas as manifestações são democráticas mas que condena o caráter golpista de vários grupos.	NP	
O PT afirma que a sede do diretório municipal do partido foi invadida em SP. Foi registrado um BO.	NP	
A Justiça Federal condenou três pessoas por fraude na contratação de navios sondas pela Petrobras.	NC nac. Brasília	
A Justiça Gaúcha determinou que os políticos condenados que ainda não devolveram o dinheiro dos cofres públicos recebam o mesmo tratamento que as pessoas que não pagaram suas dívidas. Vão ficar com o nome sujo na praça.	VT nac. RS	
O governo de SP vai pagar recompensa de 50 mil reais para quem der informações que levem ao esclarecimento do crime ou dos assassinos de 18 pessoas na chácara da semana passada em Osasco e Baurueri, na grande SP. A denúncia deve ser feita pela internet.	NP	
Hoje a PF fez uma operação em três estados para recolher provas e prender integrantes de uma seita acusada de lavagem de dinheiro.	VT nac. MG	
A Polícia do Paraná concluiu que houve negligência no caso da mulher que morreu em frente a uma unidade de pronto atendimento de Curitiba no fim de junho.	NC	
Duas pessoas morreram e uma ficou ferida num assalto hoje no Rio. Bandidos atiraram para roubar um malote de dinheiro que estava sendo levado para o banco.	NC nac. RJ	
Acidentes de moto no Rio de Janeiro. Mais um desafio que a cidade tem de enfrentar para se preparar para os jogos do ano que vem.	VT nac. RJ	
Duas crianças morreram no desabamento do teto de uma loja no centro de Fortaleza	NC nac. CE	
Por causa de um nevoeiro na Indonésia foram suspensas as buscas de um avião que caiu ontem numa região montanhosa.	NP	
Explosão mata no centro de Bangkok, capital da Tailândia...	NC	
Oitenta focos de incêndios florestais nos EUA	NC int EUA	
No Japão a estação mais quente do ano é celebrada com vários rituais religiosos	VT int. Japão	
PASSAGEM DE BLOCO:		

Na **Sequência Discursiva 2** - edição do **JN** do dia **17 de agosto de 2015** - pudemos observar que se coloca no mesmo bloco do telejornal um encadeamento de assuntos políticos e, logo em seguida, fala-se de justiça e de polícia, além de trazer notícias sobre mortes por acidentes e focos de incêndio, uma mistura que acaba produzindo evidências como se houvesse uma relação natural entre **política-polícia-justiça**, mas que acaba por revelar uma posição discursiva de criminalização da atividade política.

Mas, essa ligação entre **política-polícia-justiça** se faz de um determinado lugar, de uma dada posição discursiva. Não é qualquer partido que entra nessa relação de criminalização da política. A referência no espelho recai no Partido dos Trabalhadores (PT). Essas arrumações de notícias vão se repetir em outros espelhos analisados, a exemplo do **JN** do dia 12/06/2015 - bloco 2 e do **JN** do dia 03/08/2015 - bloco 1 (vide anexo).

Como nos diz Indursky (2015, p. 14),

[...] no que tange à mídia, sua prática é muito clara. Ela produz um *processo discursivo* que é da *ordem da repetibilidade*. No seu interior só há espaço para os saberes referentes à Formação Discursiva Dominante, os quais são repetidos à exaustão, até produzirem um *efeito de verdade*.

Nas análises, procuramos estabelecer alguns critérios a partir do próprio sequenciamento das informações, observando a repetição de formatos apresentados. Em todos os telejornais, a primeira parte do **espelho** traz sempre a **escalada** (manchetes), definida por Cunha (1990, p.37) como “frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem a transmissão”. Nesta fase, a imagem dos apresentadores/âncoras⁴³ é alternada e o ritmo de leitura é mais ágil. A imagem vai se alternando com fragmentos de imagens das notícias narradas. A **escalada** tem um tempo médio de 55 segundos, sempre com o som da vinheta em BG⁴⁴, uma forma de chamar a atenção para o que vai ser “ofertado” pelo telejornal. Podemos comparar a **escalada** a uma vitrine, onde alguns produtos ganham destaque e são expostos para chamar a atenção do telespectador-consumidor de notícias.

Na **estruturação do espelho**, observamos que o conteúdo do **JN** é dividido em quatro blocos e, a depender do tempo total de exibição, pode ser apresentado em três ou até cinco

⁴³ Âncora ou *anchorman*: “apresentador do telejornal que interpreta as notícias com base em conhecimento próprio. O *anchorman* amarra o programa” (PATERNOSTRO, 2006, p.194).

⁴⁴ BG ou Background é um “ruído do ambiente ou música (sonorização) que acompanha, ao fundo, a fala do repórter”(PATERNOSTRO, 2006, p.194).

blocos (ver tabela abaixo). Às segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras, o telejornal tem sempre um tempo maior, podendo chegar a 45 minutos líquidos de exibição. Já nas noites de quartas-feiras, o **JN**, muitas vezes, não chega a ter 30 minutos de duração, porque, neste dia, a TV Globo transmite jogos de futebol. Nas quintas-feiras, o **JN** também é mais curto, em virtude dos programas dos partidos políticos exibidos nas televisões de sinal aberto.

Dessa maneira, pode-se perceber que a divisão do tempo dos programas das TVs é sempre aproximada, podendo variar a partir de necessidades comerciais e também editoriais. Ao fazer essa modificação temporal, o **JN** acaba por descumprir os princípios de um jornalismo que se diz isento, plural e imparcial e que tem como objetivo principal o de informar sobre os acontecimentos mais importantes do dia. Com essas modificações, os princípios do jornalismo passam a ser conduzidos pelas regras do mercado, ou seja, os interesses do capital acabam ditando os rumos editoriais. Essas mudanças no tempo de exibição do telejornal podem ser conferidas na tabela abaixo:

TABELA 1

Semanas Analisadas JN	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
08 a 13/06/2015	T:30'44" 4 blocos 19 notícias	T:42'05" 4 blocos 21 notícias	T:25'20" 4 blocos 15 notícias	T:39'29" 4 blocos 19 notícias	T:40'20" 4 blocos 20 notícias	33'59" 3 blocos 19 notícias
20 a 25/07/2015	T: 44'15" 4 blocos 21 notícias	T: 44'34" 5 blocos 24 notícias	T: 29'58" 4 blocos 21 notícias	T: 39'58" 4 blocos 20 notícias	T: 42:45 4 blocos 21 notícias	T: 40'47" 5 blocos 21notícias
03 a 08/08/2015	T: 39'38" 4 blocos 21 notícias	T: 41:57 5 blocos 21 notícias	T: 38'31" 3 blocos 22 notícias	T: 40:22 4 blocos 21 notícias	T: 37'00 4 blocos 21 notícias	T:36'16" 4 blocos 21notícias
17 a 22/08/2015	T:45'51" 4 blocos 26 notícias	T:42'54" 4 blocos 23 notícias	T:28'03" 3 blocos 21 notícias	T:43'21" 5blocos 16 notícias	T: 40'54" 5blocos 22 notícias	T:38'40" 4 blocos 20 notícias

Ao analisar os telejornais do nosso *corpus*, notamos a existência de uma variação no tempo de cada bloco, sendo o **primeiro bloco** o de maior duração, estratégia muitas vezes utilizada com o objetivo de segurar a audiência, pois é uma empresa e o mundo dos negócios que tentam segurar o consumidor de notícias. Neste bloco, o encadeamento de notícias vai se prolongando e, assim, tenta-se evitar a migração dos telespectadores para outros canais durante o intervalo comercial. Nos espelhos que trazemos nos anexos podemos observar como o primeiro bloco do **JN** se diferencia dos demais pela quantidade de notícias exibidas. Sendo assim, não é o comercial que se adapta aos interesses jornalísticos, são estes que precisam se

submeter aos interesses empresarias, que são os interesses do mercado. Ou, nas palavras de Castro (2006, p.211):

[...] falar em televisão comercial é pensar preliminarmente em uma produção regulada pelo consumo. Tudo o que nela se produz visa à conquista de audiência que, muitas vezes, faz valer a imposição do mercado sobre a qualidade da produção, até porque sem lucro não há condições de sustentabilidade.

Observamos ainda que o **último bloco do JN** (vide anexo) é sempre o mais curto. Apresenta notícias mais leves, como esportes, exemplos de superação, exposição de artes etc. Neste bloco, percebe-se um deslocamento do discurso jornalístico para o discurso do entretenimento, uma aproximação com o que será exibido logo após o telejornal - uma telenovela. De outra maneira, a apresentação das notícias tem a ver com mexer com pessoas, influenciar e agradar. Assim, o telejornal vai moldando seu **espelho** não totalmente em conformidade com as notícias e acontecimentos, mas também pelos benefícios, relaxamento, lazer e/ou entretenimento que o consumidor de notícias vivencia em seu dia a dia. Esta pode ser considerada mais uma estratégia de negócios: preparar o ambiente para o próximo programa, uma telenovela, que possui, em princípio, características de leveza, que dita modas e costumes; porém, também veicula *merchandising*⁴⁵. Desse modo, o telejornal, realizado dessa forma, está atrelando outros interesses, que envolvem os negócios que ela realiza.

Ao final de cada bloco do **JN**, com exceção do último, os apresentadores chamam os assuntos em destaque do bloco seguinte, são as chamadas **passagens de bloco**, que trazem um texto em formato de manchete, uma imagem mais forte e uma palavra que procura resumir o que será mostrado. Assim, observamos quais foram os assuntos mais recorrentes nessas quatro semanas de análise e, a partir daí, quais os efeitos de sentido produzidos nos **espelhos**.

Nas análises, identificamos alguns movimentos de interpretação: o primeiro é sempre a **escolha do que será ou não notícia**, ou seja, o que vai compor o **espelho**, os assuntos que serão mostrados na edição, uma média diária que varia entre 18 e 26 notícias diferentes (ver tabela 1) - nessa etapa, há um processo de inclusão e exclusão, sendo este o início da tomada de decisão. A partir deste ponto, nos remetemos ao pensamento de Orlandi (1992, p.55) quando aborda a questão do silêncio. Para a autora, “há pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer”. Desse modo, certos sentidos evidenciam-se como naturais e outros tantos ficam silenciados, ou, como está posto

⁴⁵*Merchandising* é uma forma de anunciar produtos dentro de um programa de TV.

por Mariani (2011, p.115), “se há um agendamento do dizer/publicar; há também um agendamento do que não dizer/publicar”. É o silêncio produzindo sentido.

Muitas notícias são ditas, outras tantas são silenciadas ou apenas ditas sem destaque algum, sem imagens. Como estamos nos referindo à televisão, nela o discurso é estruturado predominantemente a partir da materialidade audiovisual. São os movimentos do dizer produzindo sentidos. Nesta decisão de escolha, apesar de o **JN** se propor a mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, podemos observar que seis localidades fornecem o maior conteúdo ao **JN**. No Brasil, as localidades mais frequentes são as notícias que chegam das praças⁴⁶ do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e, recentemente, por causa da chamada Operação Lava Jato⁴⁷, a cidade de Curitiba, com espaço quase diário nas edições do telejornal. Já no âmbito internacional, destacam-se Nova York, Paris e Londres.

As demais localidades raramente são palco de notícias. Vale ressaltar que as notícias mostradas no telejornal são as “daquele dia”, nem de ontem e nem de amanhã. O tempo presente é o tempo do telejornal! No entanto, vale também esclarecer que essa necessidade do tempo presente não impede as repetições das reportagens em outros telejornais, considerando que a audiência vai mudando ao longo do dia.

Outro movimento que identificamos em nossa análise foi o de **como** as notícias são veiculadas, bem como a **posição**, a **ordem** em que as notícias ocupam no **espelho**. Tudo isso dividido pelo tempo total do telejornal, objetivando criar um clima de tensão e relaxamento para manter a audiência. Em entrevista ao documentário sobre os 35 anos do **JN**, o editor-geral do telejornal fala que os temas mais leves permitem que o público possa respirar no meio de tantos assuntos mais áridos, ou seja, há um movimento de colocar notícias consideradas mais “fortes” intercaladas por assuntos mais “leves”. São as estratégias para não afastar o sujeito-telespectador/consumidor da telinha da TV. Essas situações são recorrentes ao longo das edições analisadas. Abaixo, apresentamos a **SD 3**, que traz a seguinte arrumação no primeiro bloco apresentado:

⁴⁶ Praças é como a Central Globo de Jornalismo se refere às emissoras afiliadas espalhadas pelo Brasil e em outros países. “Em todo o Brasil, 600 equipes completas, todos os dias, trabalham, potencialmente, para o Jornal Nacional. É o dobro do tamanho da redação do maior jornal impresso do país” (BONNER, 2009, p. 48).

⁴⁷ Operação Lava Jato: nome dado pela Polícia Federal à operação que apura desvios na Petrobras envolvendo políticos e empresários brasileiros.

Espelho 3:

(JORNAL NACIONAL - 21 DE AGOSTO DE 2015 (SEXTA-FEIRA)	FORMATO NOTÍCIA	TEMPO TOTAL DO JN 40:54
SD 3 - BLOCO 1		
ESCALADA + vinheta de abertura		
Os aposentados e pensionistas do INSS podem ter que esperar um pouco mais esse ano para receber o adiantamento do 13°. O Ministério da Fazenda propôs em 3 parcelas.	VT nac. Brasília	
O PROCON do Espírito Santo, em Vitória, começou o dia com uma fila enorme...	NC nac.	
Em julho, a economia brasileira fechou quase 158 mil empregos com carteira assinada . Foi o pior resultado do mês desde o começo do levantamento há 24 anos.	NP	
As bolsas internacionais e também as do Brasil tiveram uma sexta-feira terrível, e o motivo vem de longe, vem da China. Chama o repórter em Nova York... tombo na bolsa de NY	AO VIVO NY - EUA	
Aqui no Brasil, em SP, a bolsa também caiu . Chama o repórter direto da Bovespa... “os economistas dizem que o que mais impacta a queda é a crise política no Brasil”.	AO VIVO SP	
Sonora com um economista da FGV falando sobre a queda nas bolsas e o impacto na economia Brasileira...os motivos são internos	Sonora RJ	
Falando da crise hídrica, os moradores da grande SP estão vivendo com 30% a menos de água que o ano passado...	VT nac. SP	
PREVISÃO DO TEMPO		
Uma pesquisa divulgada hoje pelo IBGE concluiu q em uma década o número brasileiro acima do peso ideal deu um salto:	VT nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO : Passa de 800 milhões reais o que a Camargo Correa vai devolver ao tesouro por causa da corrupção na Petrobrás. Depois de ser denunciado, Eduardo Cunha diz que não vai renunciar.		

Depois de sete notícias destacando direta ou indiretamente a tão propagada **crise** econômica e política no país como assunto predominante, com um encadeamento que ajuda a criar um clima de incapacidade governamental e de impedimento ao desenvolvimento do Brasil, o **espelho** quebra o fluxo com a informação sobre a previsão do tempo, trazendo na sequência uma pesquisa sobre os brasileiros que estão acima do peso. Mesmo assim, a crise econômica/política no país é assunto recorrente na maioria das edições que foram analisadas: das 24 edições, em 15 esse foi o assunto predominante e, coincidentemente, no **primeiro bloco** do telejornal, a exemplos das duas **SDs** abaixo:

Espelho 4:

JORNAL NACIONAL - 11 DE JUNHO DE 2015 (QUINTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA
SD 4 - BLOCO 1	
ESCALADA	
Alta da inflação , alimentos com preços altos, IBGE	VT – nac.SP
Contas de luz, aumento	VT – nac. Brasília

Presidente Dilma diz que o aumento das tarifas preocupa – ela participa de um encontro internacional	VT – int. Bruxelas
BC diz que os esforços não foram suficientes para barrar a alta da inflação...	NP
Falta de saneamento no Brasil , as pessoas não pagam a taxa de esgoto e liga na rede de águas de chuvas	VT – nac. São Paulo
PREVISÃO DO TEMPO	
PASSAGEM DE BLOCO: lista dos 10 mais, soldados britânicos e morte de um ator	

Espelho 5:

JORNAL NACIONAL - 20 DE JULHO DE 2015 (SEGUNDA FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	
SD 5 - BLOCO 1		
ESCALADA		
Aumento do desemprego no país (procura de emprego nas agências)	VT nac. SP	
Nome emprestado para fazer compras (por causa de nome sujo no comércio)	VT nac. SP	
Aumento da inflação /aumento do custo de vida	VT nac. RJ	
A TAM anuncia demissões e redução de vôos no país	NP	
Chuvas no sul do país/enchentes/culpa da natureza?	VT nac. RS	
PREVISÃO DO TEMPO		
Cientistas buscam a caçada de seres em outros planetas – projeto (notícia mais leve)	VT int. Londres	
PASSAGEM DE BLOCO: a polêmica da redução de velocidade em vias em SP e a abertura da embaixada nos EUA e em Cuba		

Essa repetição de determinados assuntos, no caso a crise econômico-política no país, acaba produzindo aquilo que Indursky (2003) denomina de processo discursivo da *ordem da repetibilidade*, uma prática dos telejornais que, ao repetirem um determinado assunto, acabam produzindo o chamado *efeito de verdade* (Idem). Essa repetição ganha mais destaque quando acontece no primeiro bloco do jornal. Assim, o telespectador é bombardeado durante vários dias por notícias que afirmam que o Brasil está em crise. No entanto, essa crise não é contextualizada internacionalmente, no sentido de destacar que se trata de uma crise do capital. A fragmentação excessiva das notícias - própria do funcionamento da mídia televisiva - acaba isolando os acontecimentos e produzindo um efeito de evidência de que a crise em questão é uma questão de política de governo, de estruturação interna da economia.

Conforme Indursky (2003),

Ao inscrever seu discurso na *ordem da repetibilidade*, o sujeito produz um duplo movimento. Inicialmente retira seu discurso de uma *rede de formulações* pré-existentes (Courtine 1981) e, ato contínuo, re-inscreve seu dizer nesta mesma rede de formulações. Ou seja: os saberes originam-se na rede de formulações e a ela retornam, instituindo uma espécie de moto perpétuo ou, se preferirmos, um ciclo de repetibilidade (INDURSKY, 2003, p.103).

No movimento de estruturação do telejornal, percebe-se a tentativa de direcionar sentidos, costurados pelo próprio **espelho**. Contudo, retomando Orlandi (2012), os sentidos escapam. Logo, longe de pensar o **espelho** como uma estrutura fechada, podemos percebê-lo como um bólido (Idem) de sentidos que parte em várias direções, em diversos planos significantes, apesar da necessidade de controle, pois “toda formação social tem formas de controle da interpretação institucionalmente (mais ou menos) desenvolvidas que são historicamente determinadas” (Ibidem, p.28). Dessa forma, na Formação Discursiva de um telejornal não se fala tudo e de qualquer maneira, na medida em que os direcionamentos da linha editorial são postos para serem seguidos. Ou seja, a FD do Jornalismo, a partir de uma posição dada, vai determinar aquilo que pode e deve ser dito (Pêcheux, 2009).

Por exemplo, em algumas das **chamadas** das reportagens, também conhecidas como **cabeças** - texto falado pelo apresentador que objetiva chamar a atenção do telespectador para o que será mostrado -, o telespectador é convocado diretamente a prestar atenção no que será mostrado com a utilização de alguns modalizadores. Em uma dessas convocações direta no **JN**, o apresentador, depois de anunciar a informação sobre previsão do tempo, chama a próxima reportagem da seguinte maneira: “**Olha que legal! A UFRJ lançou hoje uma ideia para aproveitar melhor esse tempo firme, esse sol que o Brasil tem o tempo inteiro**” (espelho, 18/08/2015). Para tentar aproximar a notícia do telespectador, a formalidade é deixada de lado e o discurso apresentado procura estabelecer um contato mais direto com o interlocutor. O mesmo ocorre em outra chamada: “**Agora uma notícia que interessa a mais de 28 milhões de aposentados e pensionistas. O ministro da Fazenda confirmou que vai dividir em duas parcelas o pagamento da primeira metade do décimo terceiro salário**” (espelho, 22/08/2015). Trata-se de uma fala direcionada para chamar a atenção e que acaba dando a direção de como aquela notícia deve ser recebida, eis a função das **cabeças** das reportagens. Se a legenda da foto, como diz Sontag (2005), funciona como uma “voz para a fotografia”, no discurso telejornalístico podemos pensar as **chamadas/cabeças** e a **escalada** como “vozes” que impõem sentidos às notícias, direcionando o modo de recebe-las.

Quando as reportagens exibidas são finalizadas e a imagem volta para o apresentador, veicula-se, em algumas situações, uma **nota-pé**, similar às notas de rodapé dos textos escritos. No caso da TV, a nota-pé complementa a notícia que acabou de ser veiculada, uma tentativa de fechar o que ficou aberto, de direcionar, de gerenciar a polissemia e, conseqüentemente, a historicidade da notícia, mas que podem revelar pontos de fuga dos sentidos, ou, nas palavras de Orlandi (2012, p.13), “[...] pontos em que há a possibilidade de fuga dos sentidos: onde a

alteridade ameaça a estabilidade dos sentidos, onde a história trabalha seus equívocos, onde o discurso deriva para outros discursos possíveis”. No recorte do **JN** do dia **20 de julho de 2015** (abaixo), no terceiro bloco do jornal, das três reportagens mostradas, a segunda, que tratou da operação **Lava Jato**, trouxe um texto como **nota pé**:

A Set Brasil declarou que auditorias mostraram a legalidade dos contratos e que esses contratos estavam dentro dos preços de mercado. A Odebrecht afirmou que o indiciamento não teve fundamento sólido mas que já era esperado. A Camargo Correia declarou que se colocou à disposição das autoridades e que se esforça para identificar e sanar irregularidades. Dalton Avancini, Eduardo Leite e Paulo Roberto Costa disseram que as condenações estão dentro do esperado com o acordo de delação premiada. Alberto Youssef declarou que o juiz reconheceu a efetividade da colaboração. João Ricardo Aber e Jair Alves disseram que vão recorrer da sentença.

Todas as empresas e pessoas citadas durante a reportagem foram procuradas para responder às denúncias colocadas na **nota pé** transcrita acima. Esse movimento editorial de “ouvir” o outro lado da notícia, de ouvir as pessoas que foram citadas, mas que não tiveram voz e nem imagem no corpo da reportagem, ajuda o telejornal a construir o sentido de imparcialidade jornalística, tarefa impossível de se concretizar, visto que nenhum discurso consegue ser imparcial.

Espelho 6:

(SD 6)	BLOCO 3 (chamada das notícias)	FORMATO NOTÍCIA	TEMPO DO BLOCO:7'
	Governo tenta reaproximação com o PMDB depois do rompimento de Eduardo Cunha.	VT nac. Brasília	
	Operação LAVA JATO: juiz Sérgio Moro condena empreiteiros. (com nota pé)	VT nac. PR Curitiba	
	Reunião do comitê da FIFA , na Suíça, houve protesto	VT int. Suíça	
	PASSAGEM DE BLOCO: Pelé tem alta do hospital e a prevenção contra ataque de tubarão		

Segundo o editor-geral do **JN**, existem alguns critérios (primários e secundários) para a seleção dos assuntos a serem veiculados pelo telejornal. Contudo, esses critérios não são só jornalísticos. Os assuntos vão ser influenciados também pela conquista da audiência. Em outras palavras, busca-se alcançar sempre mais pessoas e, conseqüentemente, gerar valor agregado às negociações de espaços na TV pelo **JN**, um dos maiores preços na

comercialização de espaço comercial na TV Brasileira. Assim, o primeiro critério a ser destacado pelo editor é o da **abrangência**, ou seja, “quanto maior o universo de pessoas atingidas por um fato, maior a probabilidade de ser publicado. Isso vale sempre para assuntos nacionais - mas nem sempre para os internacionais” (BONNER, 2009, p.95). Outro critério considerado diz respeito à **gravidade das implicações** - “quanto maior a gravidade de um fato, maior a possibilidade de ser noticiado no **JN**: quanto maior o incêndio, quanto maior o número de desabrigados, quanto mais alta a inflação, quanto pior o desempenho dos estudantes no Enem” (Ibidem, p. 96).

Ainda com relação aos critérios estabelecidos pela linha editorial do telejornal, Bonner (2009, p.97) observa que “existem notícias que se destacam das demais de imediato. [...] aquelas que têm valor ‘absoluto’. Não importa o dia, o espaço disponível no jornal, a duração do telejornal, elas se impõem no ‘cardápio’ de assuntos”. Como exemplos dessas notícias que se “instalam no **espelho** imediatamente”, o editor cita: a morte de um papa, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, a posse presidencial de um ex-metalúrgico, a conquista de uma Copa do Mundo pela Seleção Brasileira. Esses critérios trazem à tona uma máxima do jornalismo, de que “os fatos falam por si”, como se não houvesse um processo de escolha, de interpretação dos sujeitos que enunciam a partir de um lugar social. Compreendemos, pela perspectiva da AD, que não existe “discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa” (FLORÊNCIO et al, 2009, p. 25-26). Esclarecendo: os fatos não falam por si e as escolhas das notícias são produzidas para que se apresentem na intenção de sustentar a audiência do telejornal. Essa é uma posição discursiva do sujeito. De acordo com Pêcheux, essa

tomada de posição não é de modo algum concebível como um ‘ato originário’ do sujeito falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como efeito da forma-sujeito, da determinação do interdiscurso com discurso-transverso, isto é o efeito da ‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo, na medida em que ela ‘se volta sobre si mesma’ para se atravessar (PÊCHEUX, 2009, p. 159-160).

O discurso que se produz através do **espelho** vai remeter sempre a outros discursos ditos anteriormente, em outros lugares, em posições diferentes, como “espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma ‘intersubjetividade falante’ pela qual cada um sabe de antemão o que o ‘outro’ vai pensar e dizer...” (PÊCHEUX, 2009, p.160). Ao longo dos noticiários, a mídia (telejornalística) produz memória. Assim, segue constituindo um arquivo e, conseqüentemente, estabilizando alguns sentidos. Para

Mariani (1998, p.38), “pensar discursivamente a memória é analisar as formas conflituosas de inscrição da historicidade nos processos de significação da linguagem”.

No recorte abaixo, podemos observar um bloco inteiro de notícias que traz as greves e manifestações como assuntos predominantes, produzindo um efeito de perturbação da chamada ordem pública e de prejuízos para a população que precisa estudar, trabalhar, se locomover pela cidade. A **SD7** é do **JN** do dia 03 de agosto de 2015 (segunda-feira):

Espelho 7:

(SD 7)	BLOCO TRÊS		
Servidores Gaúchos fizeram uma paralisação que atingiu os serviços básicos: segurança, transporte e educação...		VT nac. RS	
O apresentador chama o repórter “ao vivo” em Porto Alegre, últimas notícias das manifestações em Porto Alegre...		AO VIVO RS – Porto Alegre	
Greve na região metropolitana do Recife atinge dois milhões de passageiros – greve dos motoristas e cobradores...		NC nac. Recife	
MST faz manifestações em várias cidades brasileiras; os manifestantes invadiram e bloquearam estradas...		NC várias cidades	
PASSAGEM DE BLOCO: programa ambicioso do presidente Barack Obama para combater o aquecimento global e um incêndio gigantesco na Califórnia			

Os sentidos que perpassam a relação **greve-paralisação-manifestação** são anunciados a partir de uma posição negativa, de prejuízos para a população. É dessa forma que o telejornal determina e (re)produz sentidos sobre os manifestantes. Do modo como as notícias foram encadeadas, percebe-se a posição-sujeito ao qual o **JN** se filia. Enuncia-se sempre a partir dos transtornos e prejuízos que os movimentos sociais causaram ao longo do dia, provocando uma desorganização no cotidiano das cidades. Os movimentos em questão são, pois, criminalizados. Essa abordagem negativa acaba se repetindo em várias edições do telejornal, de maneira que, “pelo regime de repetição, ao fixarem sua versão dos fatos, produzem um efeito de memória não apenas para o jornalismo televisivo da Rede Globo, como também para seus telespectadores” (INDURSKY, 2015, p.17).

Em outra sequência discursiva analisada, no segundo bloco da edição do dia **07 de agosto de 2015 (sexta-feira)**, depois do encadeamento de notícias sobre **polícia-bandidos-presos-assassinato**, é apresentada uma notícia sobre os “manifestantes do PT”:

Espelho 8:

(SD 8)	BLOCO 2		
O JN vai apresentar agora cenas cariocas no subúrbio de Quintino: as imagens mostram como mais um cidadão brasileiro perdeu a vida sem ter nada a ver com bandidos e policiais .		NC nac. RJ	

Em SP um bandido morreu na tentativa de assalto a um shopping...	NC SP
No interior paulista 37 presos fugiram de um comboio policial usando os carros da própria polícia...	VT nac. SP
A Polícia do Ceará prendeu dois suspeitos de envolvimento no assassinato de um radialista...	NC
MILITANTES DO PT e integrantes de movimentos sociais e sindicais fizeram hoje manifestação em frente ao instituto Lula em SP...	NC nac. SP
O juiz Sérgio Moro prorrogou as prisões temporárias de 3 detidos na 17ª fase da operação Lava Jato	NC nac.
A diretoria executiva da ELETRONUCLEAR comunicou aos funcionários a suspensão de 60 dias na montagem da usina de Angra III.	NP
PASSAGEM DE BLOCO: submarino de fundo de quintal que leva cocaína para os EUA// e a brasileira que arrancou gargalhadas do Papa//	

Pela repetição (paráfrase) acima destacada em negrito se produz o efeito de evidência que vai associar **manifestação de trabalhadores** à bagunça, à baderna, ao caos. No entanto, vale ressaltar que nem todos os “manifestantes” são mostrados de um mesmo modo. Algumas manifestações são consideradas “bem-vindas” ao noticiário, desde que não “atrapalhe” a vida da população. Nesse sentido, conforme Florêncio et al (2009):

[...] algumas interpretações tornam-se dominantes, outras são silenciadas. Alguns sentidos vão-se discursivando e se cristalizando no meio social, tornando-se óbvio (evidência), uma vez que aquilo que é visto/lido se apresenta como tendo um sentido natural, e, a linguagem aparece como algo neutro e transparente (FLORÊNCIO et al, 2009, p. 102-103).

Outro critério colocado pelo editor-chefe do **JN** se refere ao **peso do contexto/caráter histórico**. “[...] uma notícia, mesmo considerada de alta relevância, precisa ser comparada às demais, do mesmo dia, para que a hierarquia de importância determine que dimensões terão cobertura. Ou mesmo se o assunto será publicado ou não”, pontua Bonner (2009, p.102). A partir da escolha dos assuntos que vão compor o “cardápio” de notícias, outras questões são consideradas pelo editor: dos assuntos já selecionados, quais serão relatados por um repórter? E quanto tempo consumirá cada um? Para o editor-chefe do **JN**, “quanto mais complexo um assunto, maior a probabilidade de ser tratado numa reportagem maior, com um repórter que a conduza, com entrevistas que a balizem, com imagens e recursos de arte que a ilustre” (Ibidem, p.108). Esta é a injunção essencial de que se utiliza a Rede Globo: a apropriação dos fatos (que não falam por si) para conduzi-los da maneira que lhes são favoráveis.

Mariani (1998) destaca que, em seu modo particular de funcionamento, a imprensa procura didatizar os acontecimentos. Para a autora, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico: troca-se a “autoridade” do professor que faz a mediação entre o saber científico e os alunos que se veem diante de verdades incontornáveis, pela “autoridade”

do repórter, que aparece como mediador dos acontecimentos, ou seja, cabe ao repórter fazer a “costura” dos fatos relatados a partir daquilo que as imagens mostram e do que é relatado pelas fontes – pessoas que falam na reportagem. “[...] no discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si. Trata-se de imprimir a imagem de uma atividade enunciativa que apenas mediatiza - ou falaria sobre - de forma mais literal possível um mundo objetivo”, esclarece Mariani (Ibidem, p.62).

Para o discurso telejornalístico produzir eficácia, segundo Pimentel (2008):

[...] é necessário fazer crer que os sentidos se originam na própria realidade, independente dos sujeitos de linguagem. E, mesmo na condição de repórter, este seria (ilusoriamente) apenas um *elo* entre telespectadores e realidade social. Tal discurso requer uma universalidade, um “não eu”, que não suporta a autoria na sua configuração e funcionamento, mas que, ao mesmo tempo, necessita dela, embora apagada. (PIMENTEL, 2008, p. 89).

Em algumas **chamadas/cabeças** das reportagens, em especial no início do telejornal, percebemos que, quando o âncora anuncia a notícia, o sujeito enunciador é o próprio **JN**. Logo, é a marca do telejornal que ganha destaque de autoridade, com poder de chamar a atenção do telespectador de forma mais direta. Quase uma injunção a ver o que será mostrado. Um texto que interpela o outro (o telespectador) a prestar atenção naquilo que será dito.

Espelho 9:

JORNAL NACIONAL 03 DE AGOSTO DE 2015 (SEGUNDA-FEIRA)	FORMATO NOTÍCIA	TEMPO 39:38
SD 9 - BLOCO 1		
ESCALADA		
O Jornal Nacional começa hoje com a 17ª fase da operação Lava Jato: A PF prende 8 pessoas, entre elas, José Dirceu, ex-ministro da Casa Civil do Governo Lula (com nota pé)	VT nac. Curitiba	
PRISÃO DE JOSÉ DIRCEU – O juiz afirma que José Dirceu recebeu propina – tudo começou com a nomeação de Renato Duque – O Lula pode vir a ser investigado?	VT nac. Brasília	
CASO DO MENSALÃO DO PT – condenação de José Dirceu, O VT FALA DA VIDA de JD, um dos fundadores do PT.	VT nac. Brasília	
Repercussão da prisão de JD em Brasília: partidos políticos emitem nota, ministro Marco Aurélio Melo comenta a prisão.	VT nac. Brasília	
STF autoriza a transferência de JD de Brasília para Curitiba: chama o repórter em Brasília (notícia em cima da hora)	AO VIVO Brasília	
Chama repórter em Curitiba: expectativa de que os presos cheguem de Brasília	AO VIVO Curitiba	
PASSAGEM DE BLOCO: Bradesco compra a filial brasileira do HSBC e começam as inscrições do FIES.		

No recorte do **espelho** acima, observa-se que as quatro primeiras notícias foram mostradas através de VTs⁴⁸, com destaque para a prisão do ex-ministro José Dirceu e seus desdobramentos. O mesmo bloco relembra o “caso do mensalão do PT”, trazendo à tona uma memória que precisa ser explicada por um repórter. No discurso jornalístico, a volta a um assunto veiculado anteriormente e seu desdobramento é chamado de “suíte”, definida por Paternostro (2006, p.221) como “a sequência que se dá a um assunto quando a notícia é quente e continua a despertar interesse nos telespectadores”. Para o autor, “A suite deve sempre conter informações que a atualize” (Idem). Esse interesse em manter um assunto em evidência, vira, muitas vezes, os famosos “casos” ou “operações”, como: caso Isabela Nardoni, caso goleiro Bruno, caso Amarildo, Operação Taturana, Operação Lava Jato etc.

Ao considerarmos a posição do editor-chefe quando destaca que quanto mais complexo um assunto, maior a probabilidade de ser tratado numa reportagem maior, com um repórter que a conduza, chegamos à compreensão de que são as escolhas de uma editoria telejornalística que elege as **prioridades**, que produz e estabiliza sentidos no movimento do **espelho**, partindo-se de uma determinada posição. É o discurso jornalístico aparecendo como uma forma de legitimar as formações ideológicas da empresa-Globo, tais como: tentando “democratizar” a programação ao mostrar uma diversidade de assuntos abordados; quando a Rede Globo estipula determinado tempo para cada assunto e quem (fontes) deve falar sobre os mesmos; ou ainda, na ocupação dos cargos que formam a hierarquia das redações – uma estrutura rígida que obedece a padrões pré-estabelecidos pela direção do grupo empresarial.

Nesse sentido, entendemos que não existe um encadeamento natural das notícias. É a ideologia que torna possível essa “costura” de assuntos na trama do **espelho**. Uma costura com fios invisíveis, mas que produz efeitos de sentido que podem ser visíveis quando desvelamos o funcionamento discursivo do telejornal. Nessa perspectiva, o sujeito do discurso jornalístico vai se constituindo e se significando pela ideologia. Portanto, não é a palavra final do editor-geral ou mesmo do diretor da Central Globo de Jornalismo que determina a direção do **JN**, é a ideologia que eles representam e que se transforma em *práxis* cotidiana no discurso do espelho do **telejornal**. Ideologia pensada “não como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação” (ORLANDI, 2000, p.96).

⁴⁸ VT: “o mesmo que videotape, mas também usado para indicar a fita na qual está editada a matéria” (PATERNOSTRO, 2006, p. 226). Aqui, estamos usando como abreviação de reportagem gravada e editada.

Neste trabalho, percebe-se que o interesse não foi o de analisar o conteúdo do **JN**. Interessa-nos, sobretudo, analisar os “processos de significação, isto é, o discurso” (ORLANDI, 1998, p.33). Na nossa compreensão, os processos de significação estão no movimento das notícias através do **espelho**. Nesse sentido, Orlandi (2012, p.182) afirma que na televisão “tudo se passa no nível da formulação e não atingindo o nível da constituição do sentido de modo que não se sai do mesmo. Só se produz a variedade e não a mudança”. Em seguida, a autora fala da repetição nos programas exibidos e repercutidos na mídia:

[...] a novela das 6hs diz algo, nas revistas da mídia este algo é repetido, na novela das 8hs aquilo é dito de outro modo, como um eco, o comentarista da TV retoma etc. Na segunda vez em que ouvimos, aquilo nos parece familiar, como se fizesse parte da memória já experimentada, na qual nos reconhecemos etc. (ORLANDI, 2012, p.182)

Orlandi (2012) vai chamar esse movimento de “memória achatada”, horizontal, em que não deve existir espaço para a interpretação. Os sentidos são dados, as leituras são homogêneas, o trabalho do editor é invisível aos olhos do telespectador. Dessa forma, a partir dessa formatação dos espelhos os editores dos telejornais se apropriam das notícias e as conduzem de maneira que imprimem a ideologia do capital por intermédio de mecanismos sutis e critérios normatizados. Sua abrangência é pluralizada e encontra eco de aceitação social, uma vez que os consumidores de notícias se reconhecem nesta repetição, que é amplamente difundida pelos aspectos de compra e venda de produtos cotidianos.

A formatação do **espelho** do telejornal integra as notícias do dia a dia através tanto da estrutura de uma língua/linguagem como de uma equipe de trabalhadores de um telejornal, que elege, prioriza, dá destaque, realiza acordos de espaço etc. Ao mesmo tempo, as notícias são o próprio acontecimento social, imbricado na arrumação de todo e qualquer **espelho**. Essas postulações não ocorrem por acaso, são gestos interpretativos que possuem sentido e provocam outros gestos e sentidos na sociedade. Nessa perspectiva, o fazer discursivo de um telejornal faz parte não só das notícias que são veiculadas/informadas, mas também de processualidades que ocorrem por intermédio das múltiplas subjetividades do modo de vida da sociedade. Entendemos ainda que a arrumação do telejornal está, segura e notadamente, articulada com os artifícios que as empresas fazem a partir da manipulação do capital e do trabalho dentro de um ciclo constante de regularidades provisórias. Ou seja, o fazer diário do telejornal **JN**, conforme já dito, é costurado com as notícias dos acontecimentos do presente, que vai ser desenvolvido tendo como parâmetros as notícias e o que delas importam para serem exploradas, de modo a obedecer aos ditames do mercado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos o Discurso Jornalístico através do **espelho** do telejornal de maior audiência no Brasil - o **Jornal Nacional**, da Rede Globo de Televisão. Espelho que reflete, mas que também refrata, desvia a direção, muda e produz outros reflexos. Esse espelho também possui uma “moldura”, que enquadra, recorta o que pode e deve ser dito.

Durante nosso percurso analítico, centrado no estudo dos efeitos de sentidos que atravessam o sequenciamento das notícias do **Jornal Nacional** (os **espelhos** do telejornal), foi preciso reconstruir os espelhos, um caminho cheio de desvios, de atalhos e mudança de terreno. Tivemos que mudar o olhar do jornalista pelo do analista do discurso, um olhar inquieto que não se contenta com as coisas dadas como óbvias. Ou, como posto por Orlandi (2012, p.13), é necessário “mexer com os automatismos, com a ilusão de transparência, fazer se movimentar a relação dos sujeitos com os sentidos e, quem sabe?, com o mundo”.

Nesse movimento de análise, fez-se necessário compreender os critérios de seleção de notícias - aquilo que faz parte da edição do telejornal. São escolhas dos jornalistas-editores? Acreditamos que não, pois, antes de tudo, são escolhas de sujeitos que se constituem nas práticas sócio-históricas e nas lutas ideológicas de uma determinada formação social. A partir dessa perspectiva foi possível mostrar que todo discurso - no nosso caso, o discurso jornalístico - é resultado da produção de sujeitos históricos e está entrelaçado nas relações sociais e são essas relações que sustentam seus efeitos de sentido.

Se o telejornal tenta organizar o mundo na ordem do espelho, esse mundo não é somente burocraticamente organizado, como apontou Fishman (1990). Essa organização das notícias é essencialmente ideológica, na medida em que os sujeitos-editores que montam os **espelhos** o fazem a partir de uma posição-sujeito que a chamada grande mídia, em sua quase totalidade, se inscreve. Pode-se afirmar que a TV Globo de Televisão é um dos expoentes dessa grande mídia. Uma posição em que “publica-se/divulga-se apenas o que é de seu interesse e do interesse da classe dominante à qual está identificada. E o ponto de vista do outro é silenciado/ignorado de modo que o funcionamento dos *gestos de silenciamento* vão construindo a *política do esquecimento*” (INDURSKY, 2015, p.19).

A Formação Discursiva do jornalismo tenta se amparar no ideal de imparcialidade, presente na imprensa brasileira desde seus primórdios. É o que afirma Flores (2014):

O sujeito-jornalista, ao descrever um fato, narrar um acontecimento, faz a partir de um 'pseudo' distanciamento, um recuo imaginário, tentando apagar as marcas de sua posição-sujeito nesse discurso para o leitor, formulando juízo de valores como se fosse um observador/narrador imparcial desse acontecimento (FLORES, 2014, p.42).

A concepção de sujeito-jornalista que Flores (2014) traz é aquela do *discurso sobre*, colocado por Mariani (1998), que tenta tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Nessa perspectiva, o jornalista é representado como um observador “imparcial”, um sujeito que aparenta não se envolver com as questões abordadas, cujo objetivo é produzir um **efeito de distanciamento** em relação ao “mundo”, ao mesmo tempo em que o coloca como objeto.

No entanto, a partir da perspectiva teórica em que nos ancoramos, a Análise de Discurso de filiação pecheutiana, entendemos que esse sujeito-jornalista sempre fala de um lugar, que o autoriza a proferir certos dizeres e silenciar outros. De outro modo, o seu discurso está inserido numa determinada formação ideológica, constituída por um “conjunto de atitudes e representações que nem são individuais, nem universais, mas dizem respeito às posições de classes em conflito” (HAROCHE et al, 1971, p. 102). Portanto, o discurso jornalístico não é o discurso de um sujeito empírico, revelado por um repórter, editor, produtor, apresentador. O discurso jornalístico, como tantos outros que circulam na sociedade, é uma questão de posição. Uma posição que busca, cotidianamente, através dos telejornais, uma identificação do sujeito-telespectador - consumidor de notícias - com o que é apresentado na ordem do espelho.

Nas sequências discursivas (SD) analisadas das quatro semanas de JN, buscamos compreender, conforme dissemos acima, os efeitos de sentidos produzidos no sequenciamento das notícias veiculadas no telejornal - o chamado **espelho**. Em síntese, trata-se de uma montagem de aparente caráter editorial, em que os assuntos similares são agrupados em quatro ou cinco blocos com determinada temática ou ainda sequências de notícias consideradas mais “pesadas”, seguidas por assuntos mais “leves”. Como interpretar não é atribuir sentidos, mas compreender como um objeto simbólico - no nosso caso, o espelho - produz sentidos, que, inclusive, podem ser outros, foi possível identificar, ao longo das análises, a partir de que lugar o JN faz circular seus dizeres. Por exemplo, num bloco inteiro de notícias sobre greves e manifestações de trabalhadores, colocadas como assuntos predominantes, a ordem das notícias acaba produzindo um efeito de perturbação da chamada ordem pública, que provoca prejuízos para a população. Ou seja, ao noticiar determinados

fatos, o telejornal já está determinando e (re)produzindo sentidos sobre os manifestantes, sentidos esses apresentados como únicos.

Em várias sequências discursivas analisadas, foi possível perceber que os sentidos produzidos pela “ordem” dos espelhos circulam como evidentes, como se os fatos falassem por si, como se o sequenciamento das notícias fosse apenas uma mera escolha editorial, temática. Nega-se, dessa forma, que estas escolhas estão inseridas num complexo de relações entre os sujeitos, regido pelas leis do mercado, pela lógica capitalista que dita as regras, inclusive no meio jornalístico. O mesmo ocorre com o **Jornal Nacional**, telejornal de grande alcance entre os brasileiros, cuja posição se volta para a defesa dos interesses capitalista.

Nesse sentido, entendemos que não existe um encadeamento natural das notícias. É a ideologia que torna possível essa “costura” de assuntos na trama do **espelho**. Uma costura com fios invisíveis, mas que produz efeitos de sentido que podem ser visíveis quando desvelamos o funcionamento discursivo do telejornal. Nessa perspectiva, o sujeito do discurso jornalístico vai se constituindo e se significando pela ideologia. Sendo assim, esperamos com essa dissertação ter contribuído para os estudos em Análise do Discurso e sua interface com estudos sobre a mídia na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2010.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.
- ALVES, Rubem. **Quarto de badulaque**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: EDUFAL, 2005.
- ARBEX júnior, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARNT, Ricardo. A desordem do mundo e a ordem do jornal (In) NOVAES, Adauto. **Rede Imaginária**: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cad. Est. Ling., Campinas (19): 25-42, jul/dez, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética e criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARBEIRO, H. E LIMA. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BASTOS, Alexandre F. V. Discurso, ideologia e sujeito: tensionando fronteiras. In: **leitura**: revista do PPGLL/UFAL. Maceió/AL, nº 40, julho/dezembro, 2007.
- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro, E-papers, 2005.
- BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo, Globo, 2009.
- BOURDIER, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI, Eugênio. **Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 20014.
- _____. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1996.
- CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **Notas introdutórias sobre Análise do Discurso**. Disponível em www.duplipensar.net/.../notas_introdutorias,2007. Acesso em 27 set. 2015.
- CASTRO, Maria Lília Dias de. A inter-relação publicidade/televisão. In: **Televisão**: entre o mercado e a academia. BASTOS, Elizabeth et al. (orgs.) Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. A análise do discurso e sua interface com o materialismo histórico. In: **História das ideias**: diálogos entre linguagem, cultura e história. ZANDWWAIS, Ana (org.). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.

_____. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: EDUFAL, 2007.

_____. **Ensino de qualidade e cidadania nos Parâmetros Curriculares Nacionais**: o simulacro de um discurso modernizador. (Doutorado em Linguística). Maceió: PPGLL/UFAL, 2002.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira; MAGALHÃES, Belmira. História, consciência e inconsciente: o sujeito na Análise o Discurso. In: **Leitura** - revista do PPGLL-UFAL, nº 19, julho/agosto, Maceió: EDUFAL, 1997.

CONY, Carlos Heitor. **Crônica** publicada na Folha de S. Paulo, 20/12/2011, p. 02. Acessível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/1744-o-vermelho-e-o-negro.shtml.

COTTA, Perry. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Livraria e editora Rubio, 2005.

COURTINE, J.J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. GREGOLIN, M.R (Org). São Carlos: Claraluz, 2003.

COUTINHO, Iluska e MATA, Jhonatan. Narrativas da mediação entre telejornais e seus públicos: os jornalistas como personagens. In: **Análise de telejornalismo**: desafios teórico-metodológicos. GOMES, Itania Maria Mota (org.). Salvador: EDUFBA, 2012.

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital informação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

DELA SILVA, Silmara. **A análise de discurso e a formação do jornalista**, 2013. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/152.pdf> Acesso em: 20 mai. 2015.

_____. (Des)construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre o sujeito na mídia. In: **Análise de Discurso em rede**: cultura e mídia. FLORES, G. et. al (org.). Campina,SP: Pontes Editores, 2015.

_____. Do acontecimento jornalístico ao discursivo: o discurso sobre a televisão no Brasil. In: **Análise do Discurso**: movimento de interpretações. DA SILVA, Nádia Pereira et. al (org.). Curitiba/PR: CRV, 2011.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ECHEVERRIA, Renata. As representações sociais de Pernambuco no “Jornal Nacional” in: **O Brasil (é)ditado**. Flávio Porceloet al. (org). Florianópolis: Insular, 2012.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ed. Ática, 2003.

FERRARETO, L.A. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise do discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FLORÊNCIO, Ana M.G. (et al) **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Maceió: Edufal, 2009.

GADET, F. PÊCHEUX, M. **A Língua intangível**. Campinas/SO: Pontes, 2004

GAIA, Rossana Viana. **A política na mídia e a mídia política**. Maceió: EDUFAL, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003

_____. **Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Lingüística**. In: Fonseca-Silva, Maria da Conceição e Santos, Elmo José dos. *Estudos da Língua(gem)*. Nº 1, Vitória da Conquista : Edições Uesb, 2005.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. **Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso de linha francesa**. Disponível em: <file:///C:/Users/raqu/Downloads/UMA%20REFLEXO%20SOBRE%20ALGUNS%20CONCEITOS%20DA%20ANLISE%20DO.pdf> Acesso em: 18 jun. 2015.

HERNANDES, Nilton. **A Mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2012.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso**. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2015.

HAROCHE, C; HENRY, P; PÊCHEUX, M. **La sémantique et La coupure saussurienne: language, language, discours**. *Languages*, v. 6, n. 24, 1971, p. 93-106.

IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria Lacaniana: o estádio do espelho. In: **Bol. Psicol: periódicos eletrônicos em Psicologia**. V.58, n.129, São Paulo, dez/2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200002 Acesso em: 01 de mar. 2016.

INDURSKY, Freda. Políticas do esquecimento x políticas de resgate da memória. In: **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. FLORES, Giovanna G. Benedetto et al (orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. “Lula lá: estrutura e acontecimento”. *Organon*, vol. 17, nº35. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2001.

Jornal Nacional: a notícia faz história. Memória Globo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LAMEIRAS, Maria Stela Torres Barros. Entre **contos de uma posse e o poder da palavra**: “ligações perigosas” entre a mídia, a palavra e o poder político. Maceió: EDUFAL, 2008.

LEAL, Bruno Souza. Do texto ao discurso: as normas sem história dos manuais de telejornalismo. In: **Análise de telejornalismo**: desafios teórico-metodológicos. GOMES, Itania Maria Mota (org.). Salvador: EDUFBA, 2012.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das Câmeras**: relações entre cultura, estado e televisão. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LIMA, Carla da Silva. **Heterogeneidade discursiva**: modos da presença do *outro*. Disponível em http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/artigos_lima.php Acesso em: 18 jun. 2015.

LUKÁCS, Gyorgy. **O Trabalho**. Tradução de Ivo Tonet. Maceió: 1997, mimeo.

_____. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAGALHÃES, Belmira e SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. **“Erro” no apoio ao golpe de 64**: sujeitos enfrentam-se nesse acontecimento discursivo. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/lettras/article/view/14431>

MAGALHÃES, Belmira. **Materialismo histórico-dialético e práticas discursivas** (no prelo)

_____. **O sujeito do discurso**: um diálogo possível e necessário. In VOESE, Ingo (Org.). *Linguagem em Discurso*. V. 3, número especial. Tubarão: Editora Unisul, 2000.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: **Gestos de Leitura**: da história do discurso. ORLANDI, Eni. (org.). Campina/SP: Editora da Unicamp, 2014.

MANUAL DA FOLHA DE S. PAULO, 2001.

MANUAL DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 1986.

MANUAL DA EDITORA ABRIL, 1990.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**: jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza. São Paulo: Editora Ática, 1989.

- MARSHALL, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Sulinas, 1995.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989. Rio de Janeiro: Revan; Campinas/SP, UNICAMP, 1998.
- _____. Subjetividade e imaginário lingüístico. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Universidade do Sul de Santa Catarina. V. 3, número especial. VOESE, Ingo (org.). Editorial Unisul, 2003.
- MARIANI, Bethania et al. “Olhem, dizem as fotos, é assim”. Mulher, favela, confronto policial. In: **Análise do discurso: mo(vi)mento de interpretações**. SILVA, Nadia Pereira da et al. (org.) Curitiba/PR: CRV, 2011.
- MARQUES DE MELO, José. **Comunicação, opinião, desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MARX, Karl. **Introdução à crítica da Economia Política**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.
- MARX e ENGLÉS. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: editora Martin Claret, 2005.
- MATTOS, Sérgio (in) **60 Anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.
- _____. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MEDEIROS, Caciene Souza de. **Sociedade da Imagem**: a (re)produção de sentidos da mídia do espetáculo. Santa Maria: UFSC, PPGL-Editores, 2013.
- MELO, Kátia. **Discurso, consenso e conflito**: a (re)significação da profissão docente no Brasil. Maceió: EDUFAL, 2011.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- NEPOMUCENO, Eric. A construção da notícia. In: Rede Imaginária: televisão e democracia. NOVAES, Adauto (org.). São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- NOVAES, Adauto (org.). **Rede Imaginária**: Televisão e Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 1992
- _____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 2000.
- _____. **Interpretação**: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. Campinas/SP: Pontes, 2012.

_____. **Análise de Discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados. Campinas,/SP: Pontes, 2012.

_____. **Discurso e Texto:** formulações e circulação de sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2012.

_____. **Discurso em Análise:** Sujeito, sentido e Ideologia. Campinas/SP: Pontes, 2012.

_____. **(INTRODUÇÃO)** In: Pêcheux, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas : Pontes, 2006.

PAILLET, M. **Jornalismo:** o quarto poder. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In GADET, Françoise & HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso;** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 4ª ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006.

_____. **Papel da memória.** In: Achard, Pierre [et al.].Papel da memória. Campinas/SP: Pontes, 2010.

_____. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, F; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PEDROSO, R. N. Sobre ordem da produção: considerações acerca da teoria e da análise do jornalismo. In: **Vozes e Diálogos.** Revista do laboratório de mídia, cultura e estética do CEHCOM/Univale. Ano 6, nº 6. Itajeú:Univale, jul. 2002/ jun. 2003. p. 61-68.

PIMENTEL, Renata L. **Versões de um ritual de linguagem telejornalístico.** Campinas, 2008. Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000436880>

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico.** São Paulo: Editora Limiar, 1996.

RAMIRES, Lídia Maria Marinho da Pureza. **Eles conseguiram!:** análise discursiva dos efeitos de sentidos de “sucesso” no Globo Repórter. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – PPGLL, UFAL, 2012.

RAMOS, Roberto. **Rede Globo de Televisão: 50 anos - a integração cultural e ideológica.** 2015. Acessível em: file:///C:/Users/raqu/Downloads/GTHMID_RAMOS-%20Roberto_%20FREITAS-%20Fernanda.pdf

RANGEL, Heder Cleber de Castro. **Nossos comerciais por favor!:** uma análise discursiva sobre a linguagem publicitária. 2009. 164f. tese (Doutorado em Linguística) - PPGLL, UFAL, Maceió/AL, 2009.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas, in: **60 anos de telejornalismo no Brasil:** história, análise e crítica. VIZEU, Alfredo (org). Florianópolis:Insular, 2010.

_____. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal:** da forma ao sentido. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

ROMÃO, Lucília Maria Souza. Formação discursiva e movimentos do sujeito: de como o cortador de cana é falado na mídia. In: BARONAS, R. L (org.) **Análise de discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, Sônia Sueli. Pêcheux. In: **Estudos do discurso:** perspectivas teóricas.

OLIVEIRA, L.A. (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SANT'ANNA, Armando. **Propaganda:** teoria, técnica e prática. São Paulo : Pioneira, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA SOBRINHO, H. Análise do discurso e a insuportável luta de classes na teoria e na prática. In: TFOUNI, L.V. et al (orgs.). **A análise do discurso e suas Interfaces.** São Carlos: Pedro e João Editore, 2011.

SILVA, Zander Campos da. **Dicionário de Marketing e propaganda.** Goiânia, GO: Referência, 2000.

SILVA, T.D. da. **A língua escrita jornalística.** In: GUIMARÃES, E. (Org.) Produção e circulação do conhecimento. Vol.1. Estado, mídia e sociedade. Campinas: Pontes, 2001.

SILVA, Telma Domingues da (org.). **Imagens na comunicação e discurso.** São Paulo: Annablume; BH: Fapemig, 2012.

SONTAG, Susan. **Questão de ênfase.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão Brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

SQUARISI, Dad. **A arte de escrever bem:** um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo: Contexto, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. VIZEU, Alfredo et al (orgs.). Florianópolis: Insular, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 3. Ed. ver. 2012.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. In: **A necessária crise na esquerda**. São Paulo: Editora Ensaio, 1989.

VEJA (1969). O País numa rede. Revista **Veja**. Setembro de 1969, vol. 52.

VIZEU, Alfredo et al (Org.) **60 Anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

_____. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

ZANCHETTA, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal**. São Paulo: UNESP, 2004.

ZANDWAIS, Ana. Como os domínios da filosofia da linguagem e da semântica contribuíram para delimitar o objeto da análise do discurso. In: **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 47-62. 2ª parte. 2011

_____. **Perspectiva da análise do discurso por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em letras, 2009.

ESPELHOS DO JORNAL NACIONAL

DIA 08 DE JUNHO DE 2015 (SEGUNDA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
BLOCO 1		
ESCALADA	MANCHETES	00:55
Aumento do desemprego no Brasil (“a solução para o desemprego é melhorar a qualidade da educação”)	VT – nac. SP	
Inscrições abertas para o SISU – vagas nas Universidades Públicas	VT – nac. BH	
Lançamento de disco voador – NASA - EUA	VT – int. NY	
PREVISÃO DE TEMPO	Serviço	
Seca no NE, problemas numa adutora em PE (nota pé do ministério)	VT – nac. Arcoverde PE	
PASSAGEM DE BLOCO: sangue do cordão umbilical é guardado e justiça do Paraná convoca motoristas que passaram pelos pedágios sem pagar		
BLOCO 2		
Receita Federal libera o primeiro lote do IR	NP	
Queda na venda e na produção de automóveis no Brasil	NP	
Motoristas passam pelos pedágios sem pagar a tarifa (como nota pé – serviços)	VT – nac. Arapongas PR	
Número de mortes no feriado – comparação com o ano anterior	NP	
Guardar ou não o sangue do cordão umbilical	VT – nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: encontro do G7 e relíquias destruídas por terroristas são recriadas em computador		
BLOCO 2		
Imigrantes desembarcam na Itália	NC	
Encontro do G7 – países mais ricos do mundo	VT – int. Alemanha	
Problemas de estrangeiros para trabalhar no Reino Unido	VT – int. Londres	
Peças de arte são reconstruídas – pós vandalismo no Iraque e Síria – em 3D	VT – int. Londres	
Dois condenados fogem de um presídio em NY	NC – int. NY	
PASSAGEM DE BLOCO: futebol		
BLOCO 3		
Escândalo na FIFA, nota de Obama	NP	
Nota da Pres. Dilma sobre a FIFA	NP	
Nota – Técnico de futebol é demitido Chama repórter ao VIVO – RS – jogo da seleção Brasil	NP AO VIVO	
JORNAL NACIONAL – DIA 09 DE JUNHO DE 2015 (TERÇA-FEIRA)	TEMPO : 42.05	
BLOCO 1		
ESCALADA	55'	

Inflação em alta, trabalho valendo menos	VT – nac BH		
Professores encerram greve no Paraná	NC		
Greve nos transportes na Argentina cancela vários voos entre Brasil e Buenos Aires	NC		
PREVISÃO DO TEMPO			
Queda da produção na indústria brasileira – pesquisa do IBGE	NC		
Plano de privatizações do governo federal para portos, aeroportos, ferrovias, rodovias.	VT – nac. BR		
PASSAGEM DE BLOCO:			
BLOCO 2			
HSBC anuncia q vai vender as operações no Brasil	VT – nac. Curitiba		
Chama repórter ao vivo para falar sobre a queda de inscrições no ENEM, falar de fraude na taxa e novas regras do FIES	Ao vivo - Brasília		
Máfia das próteses – CPI – depoimento de médico	VT – nac. Brasília		
Chamada do “Profissão Repórter” – cirurgia plástica em alta no país			
PASSAGEM DE BLOCO: operação lava jato e escândalo no futebol			
BLOCO 3			
Ministr. do TSE – ação contra o governador de Minas, do PT, por abuso de poder econômico. Gov. Federal ajudou a candidatura	NP		
Perícia da PF: operação lava jato , doações ao inst. Lula	VT – nac. Curitiba		
O inst. Lula recebe verbas de empreiteiras	N Pé		
CPI da PETROBRÁS – depoimento de Júlio Ferman	VT – nac. Brasília		
Pres. da CBF vai à Câmara dos Deputados	VT – nac. Brasília		
Preso pela INTERPOL – empresário argentino – escândalo na FIFA	VT – int. Nova York		
PASSAGEM DE BLOCO: futebol e boxe			
BLOCO 4			
Sorteio dos jogos olímpicos - RIO	VT – nac. Rio		
BOXE terá mudanças para os jogos olímpicos	VT – nac. São Paulo		
SURFISTA, Brasil, país do surf, como as ondas são computadas	VT – nac. Rio		
Campeonato brasileiro de futebol derruba mais um técnico Seleção Brasileira – Neymar - treino	NP VT – Porto Alegre		

JN DIA 10 DE JUNHO DE 2015 (QUARTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	T:25:20
BLOCO 1		
ESCALADA		
Alta da inflação, alta da luz, alimentos, etc. crise	VT – nac. Rio de Janeiro	
Sonora do Ministro da Fazenda sobre a alta da inflação. crise	Sonora, exclusiva para o JN	
Dilma Rousseff está em Bruxelas, participa de uma reunião com países europeus e latino-americanos	VT – int. Bruxelas	
Por causa do ajuste fiscal, o Governo Federal vai reduzir o PRONATEC	NP	
Hospital no RJ pede socorro para se manter, pacientes cardíacos (Inst. de cardiologia) – com nota pé do hospital e do governador.	VT – nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: presos no Paraná e a Itália autoriza a extradição de Pizzolato, acusado no mensalão do PT		
BLOCO 2		
A ITÁLIA autoriza a extradição de H. PIZZOLATO, ex- dir. de marketing do BB	VT – int. Roma	
Polícia do PARANÁ prende 49 pessoas – fraude na RECEITA (como nota pé – do governo e acusados)	VT – nac. Londrina, Paraná	
Justiça do RJ condenou um ex-PM que matou uma criança, em 2008	NC	
Polícia de SP prende, por acaso, um dos integrantes do roubo em Fortaleza, ao banco central.	NC	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
PASSAGEM DE BLOCO: STF libera as biografias		
BLOCO 3		
A liberdade de expressão teve hoje uma vitória importante na mais alta corte do país:	VT – nac. Brasília	
Papa Francisco cria um tribunal para julgar bispos acusados de abuso sexual	NC	
PASSAGEM DE BLOCO: adiado processo de escolha da Copa de 2026		
BLOCO 4		
Denúncias de corrupção levam a FIFA a adiar a decisão da copa de 2016	VT – int. Londres	
ZICO diz em entrevista que quer se candidatar a presidência da FIFA (com nota pé)	Sonora - RJ	
FUTEBOL: Chama repórter AO VIVO, em Porto Alegre, mostrando a seleção brasileira q vai jogar com Honduras.	AO VIVO – nac. Porto Alegre	

JORNAL NACIONAL 11 DE JUNHO DE 2015 (QUINTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	EMPO:39.29
BLOCO 1		
ESCALADA		
Alta da inflação, alimentos com preços altos, IBGE - crise	VT – nac. São Paulo	
Contas de luz, aumento - crise	VT – nac. Brasília	
Dilma diz que o aumento das tarifas preocupa – ela participa de um encontro internacional - crise	VT – int. Bruxelas	
BC diz que os esforços não foram suficientes para barra a alta da inflação - crise	NP	
Falta de saneamento no BRASIL, as pessoas não pagam a taxa de esgoto e liga na rede de águas de chuvas	VT – nac. São Paulo	
PREVISÃO DO TEMPO		
PASSAGEM DE BLOCO: lista de 10 mais, soldados britânicos e morte de ator	Tempo do bloco: 14:23	
BLOCO 2		
Meninas sofrem bullying nas redes sociais – TOP 10	VT – nac. São Paulo	
ONU revela uma face assustadora dos militares que vivem em missão de paz: trocam comida por sexo	VT – int. Nova York	
Cápsula espacial volta a Terra	NC – int.	
Morte do ator inglês CHRISTOPHER F. LEE	NC – int.	
Nota de correção de um erro – biografias autorizadas	NP	
Relatório esclarece as causas da explosão de um navio plataforma da PETROBRAS	VT – nac. Vitória ES	
PASSAGEM DE BLOCO: corrupção na Receita do Paraná e fraude na Petrobras – Inst. Lula	Tempo do bloco: 10'	
BLOCO 3		
A delação premiada de um auditor fiscal – PARANÁ (com nota pé)	VT – nac. Londrina PR	
CPI DA PETROBRAS vai ouvir o pres. do Inst. Lula e vários outros serão convocados (com nota pé)	VT – nac. Brasília	
PF prende 11 pessoas em várias partes do país, entre elas o ex vice pres. do BB	NC - nac	
Reforma política, Câmara e Senado	VT – nac. Brasília	
Congresso em Brasília discute financiamento de campanha eleitoral	VT – nac. Brasília	
PASSAGEM DE BLOCO: parlamento europeu pede o afastamento do pres. da FIFA	TEMPO DO BLOCO: 10'	
BLOCO 4		
Chama repórter, ao vivo, de Nova York para falar sobre os casos de corrupção na FIFA	AO VIVO – Nova York	
Pres. da CBF – assembléia geral para mudar estatuto	VT – nac. Rio de Janeiro	
	Tempo do bloco:5'	

JORNAL NACIONAL – DIA 12 DE JUNHO (SEXTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO: 40:20
BLOCO 1		T:
ESCALADA		
Liquidação de inverno antes do tempo, crise . A luz subiu, alimento subiu	VT – nac. São Paulo	
Supermercados entram em acordo com o PROCON no Maranhão– problemas resolvidos na hora.	VT – nac. São Luiz/MA	
Pesquisadores examinam produtos vendidos no mercado –UFMG - laboratório	VT – nac. BH	
PREVISÃO DO TEMPO	Serviços	
Fim da greve dos professores de SP, eles votaram pelo fim da paralisação.	NC	
Dificuldade para encontrar trabalho depois que termina o curso de especialização	VT – nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: doador de medula encontra quem recebeu e o caso Pizzolato	T:14:28	
BLOCO 2		
A OMS e o banco Mundial divulgaram hoje um número triste: 400 milhões pessoas no mundo ainda não têm acesso a serviços básicos de saúde. O Brasil é citado como o país q consegue oferecer um sistema universal	NP com selo	
Existem situações que o simples acesso a medicina não basta para restabelecer a saúde do paciente. Ele precisa ainda de solidariedade. Hoje no RJ, um menino de 10 anos q teve acesso ao tratamento médico pode conhecer alguém que salvou vida dele.	VT nac. RJ	
O empresário acusado de chefiar a corrupção na Receita (estadual) do Paraná se entregou ontem à noite. (com nota pé)	VT nac. Paraná	
A Itália suspendeu, de novo, a extradição do ex-diretor de MKT do BB, Henrique Pizzolato. Ele foi condenado no Brasil por corrupção passiva, peculato e lavagem de dinheiro no mensalão do PT .	VT int. Itália	
Na Suíça, promotores encontraram indícios de que o ex-diretor da PETROBRAS Nestor Cerveró recebeu propinas em contas bancárias	VT nac. Curitiba	
Congresso do PT reuniu a cúpula do partido em Salvador. Um dos principais assuntos de hoje foi a volta da CPMF...o tema botou dois ministros em posições opostas:o da saúde defende, o da fazenda disse que nem cogita.	VT nac. Salvador	
PASSAGEM DE BLOCO: a justiça francesa o ex-diretor do FMI de acusações crimes sexuais e uma exposição reúne objetos esquecidos no metrô de São Paulo.		
BLOCO 3		
O Ex-diretor gerente do FMI foi absolvido hoje das acusações de crimes sexuais	NC int. França	
A INTERPOL anunciou a suspensão do programa com a FIFA para investigar a manipulação de resultados em jogos de futebol	NP	
Hoje tem seleção brasileira estreando na copa América no Peru, chama repórter ao VIVO	AO VIVO Peru NC	
Uma estação do metrô de SP se tornou mais interessante do que outras nos últimos dias por causa de uma exposição montada lá.	VT nac. SP	
Uma outra exposição em Florianópolis é criatividade pura:design	VT nac. SC	
PASSAGEM DE BLOCO: a iniciativa para deixar São Paulo mais bonita no dia dos namorados		
BLOCO 4		
Uma lei aprovada no senado torna o assassinato de policiais, crime hediondo e qualificado. Na prática isso representa...		
Tudo ano 12 de julho é dedicado a delicadeza: hoje é dedicado a oferecer um presente à cidade de São Paulo.	NP VT nac. São Paulo	
Chamada do Globo Repórter – sobre o dia dos namorados		
Chamada do Programa do Jô – entrevista com a pres. Dilma		

JORNAL NACIONAL 13 DE JUNHO DE 2015 (SÁBADO)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 33:59
BLOCO 1		
ESCALADA		
Imagine 620 mil caminhões lotados de frutas, legumes e verduras. Essa é a enorme quantidade de comida q os brasileiros jogam fora em um ano.	VT nac. MG	
Em Lisboa, 16 toneladas de frutas e verduras deixaram de ir p lixo todo mês// (exemplo que vem de fora)	VT nac. Portugal	
Em SP um mutirão dar uma ajuda a quem não está conseguindo pagar a conta de luz q disparou esse ano. (Renegociação dívida)	VT nac. SP	
Atiradores de elite mataram hj um homem que atacou a sede da polícia de Dallas (EUA)	NC int EUA	
Erupção de um vulcão na Indonésia	NC int	
PREVISÃO DO TEMPO		
PASSAGEM DE BLOCO: no interior de SP funcionários públicos usam carros oficiais em benefício próprio e o compositor Fernando Brant é enterrado em Belo Horizonte		
BLOCO 2		
A distribuição de cesta básica em Sorocaba, interior de SP, virou caso de polícia. Funcionários da	VT nac. Sorocaba,SP	

prefeitura estão usando até as ambulâncias durante o horário de serviço p buscar o benefício.		
A população de Natal enfrenta um problema duro p conseguir atendimento médico. Os hospitais estão superlotados, a alternativa é um hospital da PM q passa por uma reforma que não acaba nunca//	VT nac. Natal/RN	
Um feirão do MINHA CASA MINHA VIDA terminou em protesto no interior de AL por causa de suspeita de fraude no sorteio das casas.	VT nac. S. Miguel dos Campos/AL	
São Paulo virou um grande arraial neste sábado, dia de Santo Antônio e de muitos pedidos.	VT nac. SP	
E milhares de pessoas comemoram o dia de santo Antônio pelo Brasil (Aracaju,recife,fortaleza)	NC nac.	
Foi enterrado em BH o compositor Fernando Brant, autor de versos que emocionaram várias gerações brasileiras	VT nac. BH	
Nota de Dilma Rouseff sobre a morte de Fernando Brant	NP	
PASSAGEM DE BLOCO: Congresso do PT decide manter a aliança com o PMDB e a ex-sec. De estado americana, Hilary Clinton, lança oficialmente a candidatura a pres. Dos EUA		
BLOCO 3		
Terminou hj em Salvador o congresso do partido dos trabalhadores. No documento final q só vai sair nos próximos dias, o PT evitou críticas a política econômica e manteve o apoio a aliança com o PMDB.	VT nac. Salvador/BA	
Hilary Clinton lançou hj oficialmente em NY a campanha dela para a sucessão do pres. Barak Obama.	VT int. EUA	
A OMS vai fazer uma reunião de emergência p avaliar o surto de síndrome respiratória na Coreia do sul	NC int. Coreia	
FUTEBOL : a estreia do Brasil...chama Galvão Bueno	AO VIVO Santiago	
Recepção da seleção brasileira de futebol no Chile....Copa América		
GOLS DO CAMPEONATO BRASILEIRO	VT nac.	

JN 20 DE JULHO DE 2015 (SEGUNDA FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO: 44:15
BLOCO 1		T:15'
ESCALADA		
AUMENTO DO DESEMPREGO NO PAÍS (procura de emprego nas agências) - crise	VT nac. SP	
NOME EMPRESTADO PARA FAZER COMPRAS (por causa de nome sujo no comércio) - crise	VT nac. SP	
AUMENTO DA INFLAÇÃO/AUMENTO DO CUSTO DE VIDA - crise	VT nac. RJ	
A TAM anuncia demissões e redução de vôos no país - crise	NP	
CHUVAS NO SUL DO PAÍS/ENCHENTES/culpa da natureza?	VT nac. RS	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
Cientistas buscam a caçada de seres em outros planetas – projeto (notícia mais leve)	VT int. Londres	
PASSAGEM DE BLOCO: a polêmica da redução de velocidade em vias em SP e a abertura da embaixada nos EUA e em Cuba		
BLOCO 2		T: 10'
Mudança na velocidade nas marginais de são paulo/vias mais importantes da cidade (com nota pé)	VT nac. SP	
Simulador nas auto-escolas para ensinar a dirigir	VT nac. Brasília	
Bancos voltam a funcionar na Grécia	VT int. Grécia	
Cuba e EUA reabrem embaixadas nos países – retomada das relações diplomáticas	VT int. EUA Washington	
Acordo nuclear – reunião da ONU -	VT int. EUA NY	
PASSAGEM DE BLOCO: primeiras condenações de empreiteiras na lava jato e FIFA		
BLOCO 3		T: 7'
Governo tenta reaproximação com o PMDB depois do rompimento de Eduardo Cunha	VT nac. Brasília	
LAVA JATO: JUIZ SÉRGIO MORO condena empreiteiros (com nota pé)	VT nac. PR Curitiba	
Reunião do comitê da FIFA , na Suíça, houve protesto (com nota pé)	VT int. Suíça	
PASSAGEM DE BLOCO: Pelé tem alta do hospital e a prevenção contra ataque de tubarão		
BLOCO 4		T:12'
Surfista é atacado por tubarão/Austrália	NC int.	
Pelé tem alta do hospital depois de uma cirurgia.	VT nac. São Paulo VT nac.	
Jogos de futebol do final de semana	VT int. Canadá	
Jogos pan americano Canadá – medalhas brasileiras	NP	
Quadro de medalhas do pan	VT nac. RJ	
Olimpíadas de matemática – exemplo de superação – escolas públicas.		

JORNAL NACIONAL 21 DE JULHO DE 2015 (TERÇA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
BLOCO 1		44:34
ESCALADA		14:52
Prática do brasileiro de pechinchar, pedir descontos nas compras - crise	VT nac. SP	
Alta no preço do feijão na mesa do brasileiro - crise	VT nac. BH	
PROJETO DE LEI – gorjeta obrigatória – 10% da conta	VT nac. Brasília	
Redução da jornada de trabalho-programa do Governo Federal para manutenção de emprego - crise	VT nac. Brasília	
Dúvidas de trabalhadores e empresários sobre o programa (VT anterior) - crise	VT nac. SP	
Presidente Dilma veta o aumento dos servidores do judiciário	NP	
PASSAGEM DE BLOCO: aumento o número de cidades em situação de emergência por causa dos temporais e poluição no rio Tietê		
BLOCO 2		10:30
Temporais alagam cidades na região sul do país	NC	
Papa Francisco se reúne com governadores	NC	
Inverno mais quente no mundo	VT nac. RJ	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
Poluição no Tietê, um ano depois do mutirão de limpeza (com nota pé)	VT nac. SP	
PASSAGEM DE BLOCO: assassinatos em Manaus e atentado na Turquia		
BLOCO 3		
Polícia do Amazonas começa um policiamento ostensivo para evitar assassinatos após 32 mortes no final de semana.	VT nac. Manaus	
No Rio a polícia prende um suspeito de ter matado um prefeito	NC	
No Piauí, secretário de assistência social exonera os dirigentes das unidades sócio-educativas.	VT nac. PI	
Imagens do atentado terrorista Turquia	NC	
Palestino é libertado da prisão	NC	
Campanha eleitoral americana	VT int. EUA	
PASSAGEM DE BLOCO: lava jato e morte do ex prefeito do RJ		
BLOCO 4		
Operação lava jato – empreiteiros (com nota pé)	VT nac. PR	
Pres. do STF pede informações ao juiz Sérgio Moro	NP	
Chamada do “profissão repórter” do dia	CHAMADA	
Morte do ex-prefeito do Rio - Conde	VT nac. RJ	
Piloto de fórmula um é enterrado na França	NC int	
PASSAGEM DE BLOCO: jogos pan americanos e futebol		
BLOCO 5		
Futebol – copa libertadores	VT México	
Jogos pan americanos Canadá - quadro de medalhas	VT Canadá	

JORNAL NACIONAL 22 DE JULHO DE 2015 (QUARTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
BLOCO 1		29:58
ESCALADA		T:12:53
Aumento da inflação – o maior em 7 anos	NP	
Aumento dos preços, comida, IPCA	VT nac. RJ	
Senhas eletrônicas – profissão em alta – especialista em proteger essas senhas	VT nac. SP	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
Obras inacabadas da copa do mundo viram criadouro de mosquito da dengue em Cuiabá	VT nac. Cuiabá	
Cientistas americanos apresentam um estudo contra a doença de alzheimer	VT int. NY	
Aposentado britânico recebe um olho biônico	NC int. Inglaterra	
PASSAGEM DE BLOCO: punição a torcedores de futebol na Europa e os 10 anos da morte de Jean Charles, em Londres		
BLOCO 2		6'
Justiça de Londres proíbe torcedores de entrar no estádio – acusados de racismo	NC int.	
10 Anos da morte do brasileiro Jean Charles em Londres	VT int. LONDRES	
Minist. Público Suíço – Operação lava jato – informações sobre a operação (com nota pé)	VT int. e nac	
Nota Pelada – pedido dos advogados de José Dirceu – lava jato	NP	
Nota Pelada – Eduardo Cunha e a lava jato		
PASSAGEM DE BLOCO: NOVOS CORTES NO ORÇAMENTO e preciosidades históricas		
BLOCO 3		
Investigação sobre Lula a partir da corregedoria	NP	
Subida do dólar – economia – queda na arrecadação do Governo Federal	VT nac. Brasília	
Bancos públicos são investigados para saber se emprestaram dinheiro ao governo nas eleições	NP	
Documentos históricos fragmentos do Alcorão	VT int. Londres	
Enterrado no Brasil, aos 88 anos, sobrevivente do holocausto. Ele era Polonês.	VT na. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: jogos		
BLOCO 4		
Tênis de mesa – jogos pan americano	VT int. Toronto	
Quadro de medalhas no pan		
Chama repórter ao vivo de natal – copa do Brasil de futebol	AO VIVO Natal	
Chama repórter ao vivo de São Paulo – copa do Brasil	Ao vivo	

Chama repórter ao vivo do México	Ao vivo	
----------------------------------	---------	--

JORNAL NACIONAL 23 DE JULHO DE 2015 (QUINTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 39:58
BLOCO 1		14:00
ESCALADA		
Retomada de carros pelas financiadoras-bancos por falta de pagamento/aumento (crise) a saída na mão do consumidor	VT nac. São Paulo	
Economizar com a ajuda da internet/grupo de noivas se junta para trocar informações (crise) a saída está na mão do consumidor	VT nac. Recife	
Transformar a cidade num lugar mais agradável para se viver/exemplos de moradores que adotaram espaços na cidade (acaba o VT com o exemplo de um morador de rua que varre a calçada – silencia a falta de moradia) – depende de você.	VT nac. São Paulo	
Executivo Coreano e família são assaltados no caminho do aeroporto ao chegar em São Paulo	VT nac. São paulo	
Traficantes se instalam num conjunto do Projeto Minha Casa Minha Vida no RJ	NC Rio	
EUA pré-candidato faz uma declaração polêmica sobre o México	NC EUA	
Novo planeta descoberto pela NASA	VT int. EUA	
PASSAGEM DE BLOCO: temporais no sul do Brasil e transtornos da prática de exercícios no fim do inverno		
BLOCO DOIS		T: 9:00
Desabrigados no sul do país por causa das chuvas – moradores sem água potável (culpa da chuva?)	VT nac. RS	
PREVISÃO DO TEMPO		
Riscos de se fazer atividades físicas no inverno	VT nac. São Paulo	
Aumento do desemprego no país é o maior dos últimos cinco anos	NP com infográfico	
Mercado financeiro – aumento do dólar – o Brasil passa a ser um país ruim para investir	NP com infográfico	
Dívida pública do Governo Federal aumenta/e vai continuar a subir até 2016	VT nac. Brasília	
Alta da taxa de juros do FIES é autorizada pelo COPOM	NP	
PASSAGEM DE BLOCO: Advogada deixa a defesa dos acusados na lava jato e MPF pede a condenação de Nestor Cerveró e mais 3 réus		
BLOCO TRÊS		T:
MPF pede a condenação de Nestor Cerveró e mais 3 réus – Lava Jato (com nota pé)	VT nac. Curitiba	
Advogada responsável por defender vários acusados na lava jato deixa os casos (com nota pé)	VT nac. Brasília	
FUTEBOL – copa do Brasil	VT nac. RJ	
Jogos pan americanos	VT int.	
Quadro de medalhas	Toronto	
PASSAGEM DE BLOCO: exposição interativa das novelas da Globo em Portugal		
BLOCO QUATRO		
EXPOSIÇÃO SOBRE A TV GLOBO NA EUROPA – novelas, cultura brasileira que conquista os Portugueses	VT int. Portugal	

JN 24 DE JULHO DE 2015 (SEXTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 42:45
BLOCO 1		13:47
ESCALADA		
Um carro pega fogo na marginal Tiête, causando um grande engarrafamento em São Paulo	VT nac. São Paulo	
Taxistas protestam no centro do RJ contra o UBER	VT nac. RIO	
Mercado financeiro – dólar em alta, maior cotação em 12 anos	VT nac. SP	
FIES fica mais caro para o estudante – mas ainda é a melhor opção de financiamento para entrar numa universidade paga	VT nac. Brasília	
PREVISÃO DO TEMPO		
PASSAGEM DE BLOCO: notícias internacionais...		
BLOCO 2		
Tiroteio numa sessão de cinema nos EUA, mais uma tragédia sem explicação – o VT lembra outros casos.	VT int. EUA	
OBAMA visita o QUÊNIA	NC	
Corte de justiça aprova uma lei polêmica – espionagem total de celulares, tablets, computadores na França.	VT int. França	
Cientistas internacionais apresentam o fóssil de uma serpente de 4 patas no Ceará	NC Ceará	
PASSAGEM DE BLOCO: operação lava Jato		
BLOCO 3		

PF apreende dois milhões de reais falsos no aeroporto de Brasília	NC nac. BRASÍLIA	
Fiscais da Receita cobram propina – foram presos em SP	VT nac. SP	
MP denuncia 22 pessoas – corrupção, desvios, OPERAÇÃO LAVA JATO. Vários presidentes de empreiteiras e diretores da Petrobrás também foram presos. (com nota pé) várias	VT nac. CURITIBA	
JUIZ SÉRGIO MORO decreta prisão preventiva dos executivos da Odebrecht e da ANDRADE GUTIERREZ (com nota pé) várias	VT nac. CURITIBA	
JUIZ SÉRGIO MORO manda soltar Adarico – subordinado na operação lava jato	VT nac. Brasília	
FUTEBOL – Brasileiro	VT nac.	
FIFA anuncia o sorteio dos jogos – copa de 2018 na RÚSSIA	VT int. Rússia	
Uma nota de correção – operação lava jato		
PASSAGEM DE BLOCO: atleta brasileiro acusado de abuso sexual		
BLOCO 4		
Polícia Canadense investiga atleta brasileiro acusado de abuso sexual	VT int. Toronto e Rússia	
Quadro de medalhas no PAN AMERICANO		
JAPÃO REVELA AS MARCAS DOS JOGOS OLÍMPICOS EM 2020	VT int. Japão	
MATEMÁTICA – casos que envolvem a matemática, várias situações do cotidiano – o mundo é matemática e quem a domina, domina o mundo.	VT nac. RJ	

JN 25 DE JULHO DE 2015 (SÁBADO)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
BLOCO 1		
ESCALADA		
Lava jato: presidentes das empreiteiras são transferidos da carceragem da PF para o presídio	VT nac. Curitiba	
Governo suspende a construção de um aquário em CAMPO GRANDE – suspeita de desvio de recursos públicos, fraudes – operação da PF (com nota pé)	VT nac. Campo Grande	
EX gov. do RIO G. do NORTE é preso no RJ. Acusado de desvio de recursos públicos (esquema fraudulento de pagamento de funcionários)	NC nac. RJ	
Alunos fantasmas – matrículas de alunos que não existiam - 11 mil em Cuiabá	VT nac. Cuiabá	
Passageiro leva um tiro no ônibus – SP – um policial militar atira – PM foi preso	VT nac. SP	
Imigrantes na ITÁLIA são resgatados no mar quando tentavam entrar na Europa ilegalmente	NC int. Itália	
PASSAGEM DE BLOCO: morte de um atleta que pulou da pedra da Gávea, no RJ, e a compra anotada em cadernos		
BLOCO DOIS		
Salto de um atleta na pedra da Gávea, no RIO, morre a caminho do hospital (morte)	VT nac. RJ	
4 pessoas morreram numa BR em Santa Catarina – acidente (mortes)	NC nac. PR	
PREVISÃO DO TEMPO		
A crise econômica complica a vida de quem comprava fiado com o caderninho, alguns usam o escambo para comprar	VT nac. MG	
Chamada do FANTÁSTICO (GLOBO)		
PASSAGEM DE BLOCO: Campos Party em Recife - tecnologia		
BLOCO 3		
OMC reduz os impostos sobre os produtos eletrônicos	NC	
CAMPOS PARTY : Recife – encontro de tecnologia	VT nac. Olinda	
Chama o repórter em NOVA YORK – Obama defende os direitos dos homossexuais no Quênia – mostrou imagens de Obama no Quênia	Ao vivo NY	
Aviões - bombardeio na Síria	NC int	
Chamada do “Esporte espetacular” (GLOBO)		
PASSAGEM DE BLOCO: O dia do Brasil no PAN e a seleção de futebol do Brasil vai pegar uma pedreira		
BLOCO 4		
A seleção brasileira vai enfrentar um adversário bem difícil nas eliminatórias da copa do mundo de 2018.	VT int. Rússia	
Atleta brasileiro de pólo aquático é acusado de abuso sexual no Canadá volta ao Brasil	VT int. Rússia	
JOGOS PAN AMERICANOS DE TORONTO – resultados das brasileiras de handbool	VT int. Toronto	
Quadro de medalhas	Indicadores na tela	
PASSAGEM DE BLOCO: gols pelo Brasil e festão do Japão em São Paulo		
BLOCO 5		
FUTEBOL: gols do campeonato Brasileiro	VT nac.	
Festival celebra os anos de amizade entre Brasil e Japão, em São Paulo (Neide Duarte)	VT nac. SP	

JN 03 DE AGOSTO DE 2015 (SEGUNDA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO
BLOCO 1		
ESCALADA		
O JN começa com a 17ª fase da op. Lava Jato: A PF prende 8 pessoas, entre elas, José Dirceu, ex-ministro da Casa Civil do Gov. Lula (com nota pé)	VT nac. Curitiba	
PRISÃO DE JOSÉ DIRCEU – O juiz afirma que José Dirceu recebeu propina – tudo começou com	VT nac. Brasília	

a nomeação de Renato Duque – O Lula pode vir a ser investigado?		
CASO DO MENSALÃO DO PT – condenação de José Dirceu, O VT FALA DA VIDA de JD, um dos fundadores do PT.	VT nac. Brasília	
Repercussão da prisão de JD em Brasília: partidos políticos emitem nota, ministro Marco Aurélio Melo comenta a prisão.	VT nac. Brasília	
STF autoriza a transferência de JD de Brasília para Curitiba: chama o repórter em Brasília (notícia em cima da hora)	AO VIVO Brasília	
Chama repórter em Curitiba: expectativa de que os presos cheguem de Brasília	AO VIVO Curitiba	
PASSAGEM DE BLOCO: Bradesco compra a filial brasileira do HSBC e começam as inscrições do FIES.		
BLOCO DOIS		
PESQUISA DO INCOR-SP sobre a saúde das mulheres – depois dos 60 anos o enfarte mata mais mulheres do que homens.	VT nac. SP	
INSCRIÇÕES DO FIES – restrições impostas pelo Governo Federal.	VT nac. Brasília	
BRADESCO anuncia a compra do HSBC no Brasil	NP	
BRASIL – BALANÇO DAS IMPORTAÇÕES	NP	
JUSTIÇA BRITÂNICA CONDENA O EX- PREF. PAULO MALUF a devolver dinheiro de desvio.	NP	
PASSAGEM DE BLOCO: integrantes do MST protestam em várias cidades e paralisação de servidores reduz o número de policiais nas ruas e fecha bancos e escolas no RS (CRISE NO RS)		
BLOCO TRÊS		
SERVIDORES GAÚCHOS fizeram uma paralisação que atingiram os serviços básicos: segurança, transporte e educação	VT nac. RS	
CHAMA repórter ao vivo em Porto Alegre, últimas notícias das manifestações .	AO VIVO RS – Porto Alegre	
GREVE NA REGIÃO metropolitana do Recife atinge 2 milhões de passageiros – greve dos motoristas e cobradores	NC nac. Recife	
MST faz manifestações em várias cidades brasileiras; os manifestantes invadiram e bloquearam estradas...	NC várias cidades	
PASSAGEM DE BLOCO: programa ambicioso do pres. Barack Obama para combater o aquecimento global e um incêndio gigantesco na Califórnia		
BLOCO QUATRO		
OBAMA anuncia um programa ambicioso para combater o aquecimento global – usar fontes renováveis	VT int. EUA	
Incêndio florestal na Califórnia – regiões devastadas pelo fogo	NC int. EUA	
No Brasil, incêndio num lixão, sul de MG	NC nac. MG	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
Troca de técnico na Ponte Preta	NP	
Série de reportagens sobre os jogos: mostra o país que é referência na ginástica : Rússia	SÉRIE DE Reportagens Moscou	

JN 04 DE AGOSTO DE 2015 (TERÇA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 41:57
BLOCO 1		
ESCALADA		
Milhares de estudantes levaram um banho de água fria do Governo Federal – redução no FIES (VT bastante longo) – compara o Brasil e os EUA.	VT nac. SP e int. EUA	5' Brasil
Queda na produção da indústria Brasileira – 6,3	NP	
Subida do dólar	NP	
No Reino Unido, a crise é no setor de laticínios – super produção	NC	
PREVISÃO DO TEMPO	serviço	
PASSAGEM DE BLOCO: daqui a pouco a gente volta com um alerta, as dores de coluna que afetam 80% da população mundial e os restaurantes capixabas contornam a proibição de colocar sal nas mesas.		
BLOCO 2		
Problemas de coluna é o principal motivo de afastamento do trabalho no mundo.	VT nac. SP	
Restaurantes do ES contornam com a criatividade a proibição de colocar sal nas mesas.	VT nac. ES	
PROJETO em MG do “Criança Esperança”(GLOBO)	VT nac. MG	
PASSAGEM DE BLOCO: um pré candidato à pres. Americana empunha uma metralhadora para chamar atenção e um policial provoca indignação internacional ao algemar uma criança nos EUA.		
BLOCO 3		
A justiça aceitou a denúncia do acidente que causou o desabamento do viaduto em BH, ano passado, durante a Copa do mundo.	NC nac. BH	
Fiscalização das balanças de pesagem de caminhões nas estradas brasileiras – problemas nas estradas com o excesso de peso.	VT nac. M. Grosso	
AS IMAGENS nos EUA de um policial algemando uma criança provocaram INDIGNAÇÃO – o menino é hiperativo.	VT int. EUA	
E também: A CORRIDA PRESIDENCIAL americana provocou uma atitude polêmica: um senador divulga um vídeo onde cozinha bacon no cabo da metralhadora.	NC int. EUA	
PASSAGEM DE BLOCO: uma pesquisa conclui que qualquer brasileiro sabe comprar melhor que os governos e o ex-ministro JD é transferido para um presídio no Paraná.		
BLOCO 4		

Uma pesquisa divulgada hoje mostra que os órgãos públicos têm o péssimo hábito de comprar mais caro	VT nac. SP	
O EX MINISTRO JD já está preso na carceragem da PF em Curitiba – ele foi condenado no mensalão do PT e agora é suspeito na Lava jato.	VT nac. Curitiba	
A POLÍCIA de Goiás está investigando a morte de um prefeito e da esposa numa cidade do interior do estado.	NC nac. Goiás	
Primeira reunião da CPI para investigar a corrupção no futebol	NP	
PASSAGEM DE BLOCO : segunda reportagem da série especial sobre as potências nos jogos olímpicos – Jamaica- atletismo		
BLOCO 5		
Sorteio dos jogos da Copa do Brasil - futebol	NP com arte	
Lutadora americana de UFC tira uns dias de férias no Rio	NC Rio	
Pres. do comitê Olímpico chega ao RJ, um ano antes da abertura das olimpíadas no Brasil	NC Rio	
Série Terras Olímpicas : mostra o atletismo : país - Jamaica	Série de vts	
Chamada do “Profissão repórter” (GLOBO)		

JN 05 DE AGOSTO DE 2015 (QUARTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 38:32
BLOCO 1		
ESCALADA		
Fazia 12 anos que o dólar não era negociado com um valor tão alto no Brasil – crise no país – explicação da subida 3.50 – problema econômico e político	VT nac. SP	
A CRISE tem ligação com os dias tensos em Brasília – crise política – O vice-pres. Michel Temer se reúne com vários ministros- derrota do governo no Senado. (VT grande)	VT nac. Brasília	
MICHEL TEMER conversa com Dilma e depois chama os jornalistas para uma coletiva: faz um apelo como articulador político do governo.	VT SONORA	
A JUSTIÇA FEDERAL no Paraná condenou hoje o pres. da OAS por envolvimento em esquema de corrupção na Petrobrás – operação Lava jato (com nota pé)	VT nac. Curitiba	
O pres. da Eletronuclear pede demissão do cargo no Rio, ele foi preso da operação Lava jato .	NP	
TRIBUNAL DE JUSTIÇA do Rio vai começar os testes para acelerar a resolução de conflitos – na internet (com nota pé)	VT nac. RIO	
MEC divulga as notas do ENEM: as 10 maiores notas são de escolas particulares.	NP com ilustração	
FIES: não são só os estudantes que precisam, o país também se beneficia muito com esse financiamento: um pintor de parede estuda para ser arquiteto. Aqui e nos EUA.	VT nac. SP e int. EUA	
PASSAGEM DE BLOCO : barco superlotado naufraga na costa da Namíbia e encontrado um pedaço do Boeing desaparecido a mais de um ano		
BLOCO 2		
CHAMA O CORRESPONDENTE EM TÓQUIO - 70 ANOS DA BOMBA DE HIROSHIMA – com imagens	AO VIVO Tóquio	
OBAMA fala sobre o acordo nuclear entre o Irã e a comunidade internacional	VT int. EUA	
UM barco superlotado de imigrantes afundou no mar mediterrâneo	NC int.	
Encontrado um pedaço do avião da Malasya airline que desapareceu faz um ano.	NC int	
PREVISÃO DO TEMPO		
Ministério de Minas e Energia vai desligar as termoeletricas por causa do regime de chuvas que melhorou.	NP	
PASSAGEM DE BLOCO : a avaliação dos aeroportos brasileiros feita pelos passageiros e uma data marcante dos jogos olímpicos		
BLOCO 3		
Sessão especial no Senado em homenagem aos 60 anos da TV Globo (GLOBO)	VT nac. Brasília	
Pesquisa mostra a avaliação dos aeroportos brasileiros	NP com números	
FALTA UM ANO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016 – festa no Rio – contagem regressiva	VT nac. RIO	
Londres – como os ingleses estão usando os locais da realização dos jogos olímpicos de 2012	VT int. Londres	

JN 06 DE AGOSTO DE 2015 (QUINTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 40:22
BLOCO 1		12:36
ESCALADA		
Abre a edição chamando a repórter que está em Brasília: em clima de crise política – reunião de Dilma com os ministros petistas para discutir a crise política.	AO VIVO - Brasília	
Polícia de SP prendeu um rapaz suspeito de matar e esquartejar a tia. Ele foi denunciado pelo pai.	VT nac. SP	
No sul do Brasil, moradores de Chaqueada, próximo a Porto Alegre, fizeram um protesto por mais segurança: um garoto foi espancado e morto na saída de uma festa.	NC nac. RS	
Calor e tempo seco provocam queimadas em Mato Grosso este ano (Cuiabá).	VT nac. MS	
PREVISÃO DO TEMPO		
O QUE A GENTE VAI VER AGORA É A DENÚNCIA DE UM DESRESPEITO A LEI: faz exatamente um ano que terminou o prazo para que todos os lixões do Brasil tivessem sido fechados – aterro sanitário.	VT nac. CE	
PASSAGEM DE BLOCO : as potências olímpicas...como é que a China produz craques de tênis de		

mesa		
	BLOCO 2	7'
Nadador Cesar Cielo abandona o campeonato mundial de natação.	SONORA	
SÉRIE TERRAS OLÍMPICAS: desembarca na China, PAÍS ONDE O TÊNIS DE MESA É PRATICADO POR 10 milhões de pessoas	SÉRIE VT int. China	
Demissão de um técnico de futebol em Porto Alegre	NC	
PASSAGEM DE BLOCO: daqui a pouco a CRÍSE política em Brasília, governo sofre novas derrotas no Congresso. Industriais de SP e do Rio apóiam o apelo do vice Michel Temer pró união.		
	BLOCO 3	
A QUINTA-FEIRA FOI MAIS UM dia difícil para o governo que é derrotado no Congresso.	VT nac. Brasília	
Os principais empresários do Brasil divulgaram hoje um manifesto pela governabilidade e que apóiam a proposta do vice –pres. Michel Temer de buscar entendimento entre as diversas forças políticas.	VT nac. Brasília	
INST. DATAFOLHA divulga pesquisa de avaliação do governo Dilma: a taxa de reprovação da pres. É a maior já registrada desde 1990	DADOS PESQUISA	
Durante o programa político do PT, exibido agora à noite, houve protestos com buzinas e painéis em 21 capitais de todas as regiões brasileiras.	NC várias cidades	
Pelo sexto dia seguido o REAL perde valor em relação à moeda americana	INDICADORES	
PETROBRAS divulga o balanço financeiro do semestre: um lucro menor do que o ano passado.	Np INDICADORES	
Três informações de hoje da op. LAVA JATO: entre elas..José Dirceu diz que morre na cadeia, mas não faz delação premiada...	NP	
FERNANDO COLLOR se defendeu das acusações feitas pelo procurador Geral da República. Collor falou um palavão na tribuna do Senado contra Rodrigo Jannot	Som do discurso no senado	
Representante da justiça italiana visitou hoje o complexo penitenciário de Itajaí para avaliar se tem condições de receber Henrique Pizzolato, que está na Itália.	NC nac. Itajaí	
PASSAGEM DE BLOCO: vetado o projeto do aplicativo UBER no DF e a polícia americana recupera um violino roubado q vale milhões		
	BLOCO 4	8
A DISPUTA ENTRE MOTORISTA DE TAXI E UBER teve mais um lance hoje em Brasília; O governo do DF vetou o projeto que proibia o UBER.	VT nac. Brasília	
A Polícia americana recupera um violino raro que tinha sido roubado	NC int. EUA	
CRIANÇA ESPERANÇA – mais um projeto mostrado (GLOBO)	VT nac. DF	
PASSAGEM DE BLOCO: o jornalismo da Globo é indicado a prêmio.		
	BLOCO 5	
Globo é indicada no EMMY INTERNACIONAL , o JN foi um dos programas indicados – pela cobertura da morte de Eduardo Campos	NC	

JN 07 DE AGOSTO DE 2015 (SEXTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 37:00
BLOCO 1		19:00
ESCALADA		
A COTAÇÃO DO DÓLAR CAIU hoje depois de 6 valorizações seguidas – o avanço foi resultado da CRÍSE política aqui dentro	NC indicadores	
Em julho a inflação caiu, mas foi a mais alta do mês em 11 anos	NC ind.	
A pres.. DR esteve hoje em Boa Vista e falou sobre a CRÍSE POLÍTICA E ECONÔMICA. Dilma disse que aguenta pressão e tem a legitimidade do voto popular. (com sobe som do discurso – longo)	NC nac. Roraima	
VOTAÇÃO DAS CONTAS na Câmara Federal de governos anteriores aprovadas rapidamente (FHC e LULA), o PT protestou pela pressão na votação.	VT nac. Brasília	
MP de MG pediu o arquivamento do inquérito da construção de um aeroporto na gestão do então gov. Aécio Neves, do PSDB (com NP)	VT nac. MG	
O GOV. do RS entregou a ALE proposta de corte de gastos e aumento de receita, ajuste fiscal	NC com arte	
APESAR de o dólar ter ficado muito mais caro, muito brasileiro tem conseguido embarcar para o exterior com algumas adaptações	VT nac. Rio	
A pres. DR vetou o projeto de lei que regulamentava a profissão de garçon e que tornava obrigatório o pagamento de 10% de gorjeta	NP	
PREVISÃO DO TEMPO		
Chamada do Globo repórter – qualidade de vida		
PASSAGEM DE BLOCO: manifestantes exigem investigação pela bomba caseira q foi atirada no inst. Lula. Mais de 30 presos escapam de um comboio da polícia numa estrada em SP		
	BLOCO 2	
O JN vai apresentar agora cenas cariocas no subúrbio de Quintino: as imagens mostram como mais um cidadão brasileiro perdeu a vida sem ter nada a ver com bandidos e policiais.	NC nac. Rio	
Em SP um bandido morreu na tentativa de assalto a um shopping	NC SP	
No interior paulista 37 presos fugiram de um comboio policial usando os carros da própria polícia...	VT nac. SP	
A Polícia do Ceará prendeu dois suspeitos de envolvimento no assassinato de um radialista	NC	
MILITANTES DO PT e integrantes de movimentos sociais e sindicais fizeram hoje manifestação em frente ao instituto Lula em SP	NC nac. SP	
O juiz SÉRGIO MORO prorrogou as prisões temporárias de 3 detidos na 17ª fase da op. Lava Jato	NC nac.	
A diretoria executiva da ELETRONUCLEAR comunicou aos funcionários a suspensão de 60 dias da montagem da usina de Angra III.	NP	
PASSAGEM DE BLOCO: submarino de fundo de quintal que leva cocaína para os EUA e a brasileira que arrancou gargalhadas do Papa		

BLOCO 3		6
Algumas invenções que mudaram a humanidade foram a inspiração para alguns artistas reunidos numa exposição em São Paulo	VT nac. SP	
A guarda costeira americana anunciou que no mês passado descobriu mais de 7 toneladas de cocaína num submarino	NC int EUA	
A SÉRIE: Potências Olímpicas vai ao Japão mostrar o judô – esporte que é uma filosofia de vida	VT int. Japão	
PASSAGEM DE BLOCO: Daqui a pouco a gente vai conhecer um grupo de brasileiros q adorou essa sexta-feira		
BLOCO 4		
CRIANÇAS com câncer pulam de asa delta no RIO (VT para emocionar)	VT nac.	

JN 08 DE AGOSTO DE 2015 (SÁBADO)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 36:16
BLOCO 1		14:52
ESCALADA		
O traficante mais procurado do RJ morreu hoje numa operação policial...o playboy – tráfico de drogas	VT nac. Rio	
Em SP foram presos 14 policiais do Grupo de elite da polícia militar. Suspeitos no envolvimento na morte de duas pessoas.	VT nac. SP	
A polícia do RS investiga a morte de 4 pessoas da mesma família...suspeita de crime passionai	NC nac. RS	
Motoristas estão suspendendo a traseira dos caminhões para andar com a carga mais pesada e enganar a fiscalização nas estradas.	VT nac. SP	
PREVISÃO DO TEMPO		
Vamos agora as notícias internacionais: passagem de um tufão em Taiwan provoca 6 mortes – chama repórter em Tóquio	VIVO int. Tóquio NC	
PASSAGEM DE BLOCO: A pres. DR confirma a indicação de Rodrigo Jannot para mais um mandato como Procurador Geral e o comércio prevê crescimento ZERO no dia dos pais.		
BLOCO 2		11:20
Começo do ano os hotéis andam mais vazios, apelando para promoções para tentar atrair os hóspedes. Queda em várias capitais...crise	VT nac. SP	
Véspera do dia dos pais: o comércio deve faturar o mesmo que o ano passado, dar uma lembrancinha...crise	VT nac. SP	
Pesquisa indica q 40% dos brasileiros têm colesterol acima do normal	VT nac. MG	
A pres. DR confirmou hoje a indicação de Rodrigo Jannot para o segundo mandato à frente da Procuradoria Geral da República	VT nac. Brasília	
O EX-chefe da polícia secreta do ditador Augusto Pinochet morreu ontem à noite em Santiago, no Chile.	NC int Chile	
12 pessoas morreram durante o cerco a hotel que durou 24 horas na região central do Mali. (Internacional)	NC com arte	
800 imigrantes desembarcaram hoje no porto italiano. Eles foram resgatados de barcos no mediterrâneo, vieram da África	NC int. Itália	
PASSAGEM DE BLOCO: OS gols do sábado no brasileiro		
BLOCO 3		
FUTEBOL: no campeonato brasileiro, o Havaí....	VT nac. Gols	
Time de basquete do Brasil vence o Uruguai. Amanhã tem basquete na tela da Globo	VT nac.	
Chamada do ESPORTE ESPETACULAR	chamada	
Nesta época do ano a capital Campo Grande vira a capital das ARARAS	VT nac. Camp.Grande	
Chamada do FANTÁSTICO	chamada	
PASSAGEM DE BLOCO: a seguir você vai ver o piscinão de Washginton , um Milhão de bolinhas de plástico.		
BLOCO 4		
A justiça federal suspendeu a divulgação dos nomes dos estudantes selecionados para os novos contratos do FIES	NP	
Inauguração da sede do CRIANÇA ESPERANÇA em BH (GLOBO)	VT nac. BH	
O calor do verão no hemisfério norte está levando muita gente para um piscinão	VT int. EUA	
JN 17 DE AGOSTO DE 2015 (SEGUNDA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 45:51
BLOCO 1		20:41
ESCALADA		
O ministro da Comunicação Social Edinho Silva disse hoje que é preciso quebrar o clima de intolerância no país. Depois de duas reuniões entre ministros e a pres. Dilma foi a primeira manifestação do governo depois dos protestos que ocuparam as ruas em mais de 200 cidades no domingo. (O VT fala dos protestos pelo país)	VT nac. Brasília	
O PT informou que considera que todas as manifestações são democráticas mas que condena o caráter golpista de vários grupos	NP	
O PT afirma que a sede do diretório municipal foi invadida em SP. Foi registrado um BO	NP	
A Justiça Federal condenou 3 pessoas por fraude na contratação de navios sondas pela Petrobras	NC nac. Brasília	
A Justiça Gaúcha determinou que os políticos condenados que ainda não devolveram o dinheiro dos cofres públicos recebam o mesmo tratamento que as pessoas que não pagaram suas dívidas. Vão ficar com o nome sujo na praça.	VT nac. RS	
O gov. de SP vai pagar recompensa de 50 mil reais para quem der informações que levem ao esclarecimento	NP	

do crime ou dos assassinos de 18 pessoas na chacina da semana passada em Osasco e Barueri, na grande SP. A denúncia deve ser feita pela internet...		
Hoje a PF fez uma operação em 3 estados para recolher provas e prender integrantes de uma seita (lavagem de dinheiro)	VT nac. MG	
A Polícia do Paraná concluiu que houve negligência no caso da mulher que morreu em frente a uma unidade de pronto atendimento de Curitiba no fim de junho	NC	
Duas pessoas morreram e uma ficou ferida num assalto hoje no Rio. Bandidos atiraram para roubar um malote de dinheiro que estava sendo levado para o banco.	NC nac. RJ	
Acidentes de moto no RJ...mais um desafio que a cidade tem de enfrentar para se preparar para os jogos do ano que vem	VT nac. RJ	
Duas crianças morreram no desabamento do teto de uma loja no centro de Fortaleza	NC nac. CE	
Por causa de um nevoeiro na Indonésia foram suspensas as buscas de um avião que caiu ontem numa região montanhosa	NP	
Explosão mata no centro de Bangkok, capital da Tailândia	NC	
80 focos de incêndios florestais nos EUA	NC int EUA	
No Japão a estação mais quente do ano é celebrada com vários rituais religiosos	VT int. Japão	
PASSAGEM DE BLOCO: as cidades que estão completando um ano de racionamento de água no Brasil e o jeito errado de combater a falta de vitamina D e porque os saguins viraram um problema ambiental em SC		
BLOCO 2		
300 mil moradores da região de Campinas, região de SP, tem convivido todos os dias com o racionamento de água. Já faz um ano	VT nac. Campinas SP	
No interior de SP as indústrias também vão precisar racionar água	NP	
PREVISÃO DO TEMPO		
A crise da água no Brasil e no mundo é o tema de uma série especial que começa hoje no Jornal da Globo.	chamada	
Muitos brasileiros tem recebido um diagnóstico médico de deficiência de vitamina D...tem gente deixando de se proteger.	VT nac. RJ	
Um dos bichos mais simpáticos da fauna brasileira acabou virando um problema p o meio ambiente no estado de SC	VT nac. SC	
PASSAGEM DE BLOCO: a seguir uma estatística preocupante pro Vasco no Brasileirão e a perda de importância dos orelhões em nossas cidades e o vale tudo no comércio p fazer as moedas voltarem a circular		
BLOCO 3		
O empresário Eduardo Marciano está cobrando do governo brasileiro uma dívida em dólar equivalente a 350 mil reais...ele alugou carros para comitiva da pres. DR em São Francisco, EUA	NC int. EUA	
No comércio, aqui no Brasil, está faltando moedas. Isso dá uma dor de cabeça enorme	VT nac. SP	
No esporte o campeonato Brasileiro chegou a (brasileirão) metade...Corinthians...FUTEBOL no FDS	VT nac.	
Teve um tempo que ninguém saía de casa sem uma ficha telefônica...tempo que o celular nem existia...a ficha virou cartão. As coisas mudaram	VT nac. SP	
PASSAGEM DE BLOCO: a última dos gêmeos, os brasileiros que conquistaram o mundo apresentam a obra mais recente		
BLOCO 4		
Dois irmãos gêmeos artistas plásticos brasileiros mais conhecidos no exterior dão um presente a Nova York	VT int. EUA	

JN 18 DE AGOSTO DE 2015 (TERÇA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO 42:54
BLOCO 1		
ESCALADA		
Os moradores de uma cidade paranaense estão comemorando os resultados de uma mobilização popular. Um movimento que começou numa igreja e acabou na câmara dos vereadores//	VT nac. Paraná	
A FEBRABAN anunciou que bancos privados suspenderam operações de crédito consignados de serv. Públicos federais – créditos novos	NP	
A Justiça decretou hoje a prisão preventiva por tempo indeterminado do ex-vereador do PT Alexandre Romano – lava jato	NC nac.	
A polícia do Rio prendeu hoje 2 mulheres por venda de passaportes falsificados	NC nac RJ	
No norte do Brasil uma situação dramática: a exploração sexual de menores de idade na ilha Marajó.	VT nac. PA	
Chamada do “Profissão repórter” – mortes em SP		
Um problema de segurança pública registrado no RJ agora está se reproduzindo em Santa Catarina. Criminosos invadiram residências do programa minha casa,minha vida e expulsaram as famílias.	VT nac. SC	
O JN já mostrou um caso parecido no RJ, vamos ver como ficou	NC nac. RJ	
Milhares de brasileiros acabam doentes pela falta de estrutura dentro de casa. Por causa disso está crescendo o número de empresas que investe em reformas p melhorar a qualidade de vida dos moradores.	VT nac. SP	
Uma pesquisa chegou a conclusões que mostram uma contradição no comportamento dos brasileiros. Uma dela é que a gente tem medo de envelhecer, medo de ficar doente...	VT nac. SP	
A agência que controla os alimentos e os remédios nos EUA aprovou a pílula que aumenta o desejo sexual da mulher	NC int EUA	
CRIANÇA ESPERANÇA – flauta mágica em Cuiabá	VT nac.	
PASSAGEM DE BLOCO: previsão do tempo e um estacionamento que oferece sombra e energia solar		
BLOCO 2		
De jan. a julho a arrecadação de impostos no Brasil caiu quase 3%	NP	
O Gov. fez uma proposta para reduzir as dívidas das geradoras de energia, mas a conta pode acabar sendo paga, de novo, pelo consumidor.	VT nac. Brasília	
PREVISÃO DO TEMPO		

Olha q legal! A UFRJ lançou uma ideia p aproveitar melhor esse tempo firme, esse sol q o Brasil tem o tempo inteiro(estacionamento solar)	VT nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: um tribunal manda os funcionários trabalhares em casa p render mais. A Petrobrás vende parte da BR distribuidora.		
BLOCO 3		
O cons. De Adm. Da PETROBRAS aprovou a venda de 25% da BR distribuidora.	VT nac.RJ	
Olha a novidade q surgiu em SP: o Tribunal de justiça está mudando a rotina de trabalho dos funcionários p aumentar a produtividade deles.	VT nac. SP	
O dia em Brasília foi de grande movimentação no Congresso Nacional. Chama a repórter em Brasília...falou sobre as mudanças no FGTS	AO VIVO Brasília	
Na Indonésia equipes de resgates encontraram os corpos dos 54 ocupantes do voo...da air que caiu no Rio Nilo	NC	
O turismo internacional está em alerta: matar estrangeiros tem sido a estratégia dos terroristas nos países que dependem muito do turismo. Ontem isso aconteceu na Tailândia.	VT int. Londres	
A bolsa de valores de bankok fechou em queda...		
PASSAGEM DE BLOCO: os confrontos cheios de rivalidade na copa do Brasil e a redescoberta de uma relíquia olímpica		
BLOCO 4		
Uma relíquia olímpica foi encontrada na Alemanha	NC int. Alemanha	
FUTEBOL: campeonato brasileiro faz uma pausa para a copa do Brasil	VT nac. SP	

JN 19 DE AGOSTO DE 2015 (QUARTA-FEIRA)	TIPO DE NOTICIA	TEMPO28:03
BLOCO 1		
ESCALADA		
A Morte de um aposentado atropelado por um ciclista na maior cidade do país reabriu o debate sobre a segurança das ciclovias que tem sido aberta s em São Paulo.	VT nac. SP	
No norte do Brasil o trecho da BR 104 – que liga Roraima a Venezuela ficou interditado – rio transbordou	NC nac.	
Em algumas regiões do Tocantins não chove a mais de 3 meses e quase 11 mil sisternas não foram instaladas/	VT nac. TO	
No Brasil, o governo de SP reconheceu pela primeira vez que é crítica a situação nos reservatórios de água /	VT nac. SP	
PREVISÃO DO TEMPO		
Nas últimas 24h, a notícia mais comentada no planeta foi o surgimento de uma pílula capaz de estimular a libido das mulheres . Ela foi aprovada pelas autoridades que regulam os medicamentos nos EUA. A reportagem diz como funciona.	VT int. EUA	
Piratas de computador publicaram na internet os dados pessoais de 37 milhões de frequentadores de um site q promove encontros extraconjugais...	NC int.	
Um estudo publicado hoje pela revista médica mais importante do mundo faz um alerta p a carga horária p a saúde do trabalhador//	VT nac. Londres	
Em campo Grande, por pouco, uma mulher não caiu no golpe do falso sequestro/	NC nac.	
A PF fez uma operação em Moji das Cruzes, SP, contra a importação fraudulenta de vidros p carros...os vidros vinham da china e era distribuídos em todo Brasil	NC nac.	
PASSAGEM DE BLOCO: A expectativa de uma denúncia contra o pres. Da Câmara,, Eduardo Cunha, deixa Brasília em suspense e a construtora Camargo Correa vai pagar multa de mais de 100 milhões...		
BLOCO 2		
Brasília passou o dia na expectativa de um capítulo politicamente importante das investigações da lava jato . A denúncia contra o pres. Da Câmara, EC, do PMDB, no STF. Chama ao vivo	AO VIVO Brasília	
Sonora de EDUARDO CUNHA, em Brasília	SONORA	
Ainda sobre Lava Jato, a construtora Camargo Correia fechou um acordo com o cons. Adm. De def. econ. (CADE) ...vai pagar 104 milhões de multa e ajudar nas investigações	NP	
Chama repórter em Brasília... FALA SOBRE O dia no Congresso com a expectativa da denúncia contra EC. Projeto da redução da maioridade penal aprovado na câmara...	AO VIVO Brasília	
Alguns dos órgãos mais abrangentes da Sociedade civil apresentaram hoje proposta p tirar a economia da crise e combater a corrupção .	VT nac. Brasília	
Governo e oposição fecharam um acordo e aprovou a câmara aprovou ontem a correção escalonada do FGTS	NC nac. com arte	
Recessão técnica...índices econômicos	NP	
O BB vai liberar até o fim do ano 3 bilhões de reais p reanimar o setor automotivo. A CEF tm anunciou linhas de créditos de 5 bilhões com objetivos parecidos	NP	
No RJ o minist. Da Faz. JL disse q o arranjo da compromete o esforço do governo para equilibrar as contas	SONORA	
Funcionários públicos do RS protestaram contra as medidas do governo para conter a crise financeira no estado: as escolas ficaram fechadas e a polícia só atendeu os casos mais graves...	NC nac. RS	
PASSAGEM DE BLOCO: daqui a pouco tem copa do brasil		
BLOCO 3		
Hoje é quarta feira, 5 jogos abrindo as 8 de finais ...chama repórter no Rio, no maracanã.	AO VIVO Rio	

JN 20 DE AGOSTO DE 2015 (QUINTA-FEIRA)	TIPO DE NOTÍCIA	TEMPO43:21
BLOCO 1		17:00
ESCALADA		
O Procurador Geral da República denunciou hj ao STF o pres. da Câmara, Eduardo Cunha, do PMDB, e o senador Fernando Collor de Mello e mais 5 pessoas por corrupção na Petrobras. Pela primeira vez políticos com mandatos e com foro privilegiado são denunciados na lava jato. Corrupção passiva e lavagem de \$\$\$\$	VT nac. Brasília	
O dep. EC se defendeu das denúncias de corrupção//a repórter mostra agora o que pode acontecer com o cargo de EC caso o STF resolva aceitar a denúncia contra ele...	VT nac. Brasília	
Nota da Pres. Dilma	NP	
Na denúncia ao Supremo, o senador ex-pres. Da República, FCM é acusado de ter recebido 26 milhões de reais de corrupção Lava jato (BR Distribuidora)	VT nac. Brasília	
O Juiz Sergio Moro, responsável pelo os casos da lava Jato, disse hj que a operação não é a esperança p o fim da corrupção no Brasil, diante de advogados em SP e que o poder público não pode ser tratado com único responsável pela corrupção.	SONORA	
O STF decidiu manter a obrigatoriedade das chamadas audiências de custódia. Assim, os presos em flagrantes terão q ser apresentados ao juiz ate 48hs depois da detenção//	NP e SONORA do Ministro	
UM preso não se deixou ser solto e provocou confusão na cadeia pública de Natal, eles rasgou o documento...	NP nac. Natal	
PASSAGEM DE BLOCO: O relatório do Minist. Do Supremo defende q a posse de drogas p consumo próprio deixe de ser crime e PT, PCdoB e mais 30 entidades da soc. Civil vão as ruas em defesa da presidente		
BLOCO 2		9'
O desemprego chegou a 7,5% em julho. É a taxa mais alto do mês desde 2009. 1,8 milhão brasileiros...pesquisa do IBGE	NP	
O Senado aprovou o aumento da contribuição previdenciária na folha de pagamento das empresas...	NP	
AS ruas das capitais brasileiras voltaram a ter manifestações nesta quinta-feira. Segundo o levantamento feito pelo G1, portal de notícias da Globo, 37 cidades em 25 estados e o DF participaram dos protestos. Dessa vez em defesa do governo e contra o impeachment da pres. Dilma	VT nac. várias cidades	
Nota da sec. Da Pres. Da República: os movimentos sociais deram uma grande demonstração de compromisso com a democracia...	NP	
A justiça do DF determinou q o func. Público Luiz Alberto Vieira preste serviços a comunidade nos próximos 10 meses...queixa crime dos jornalistas Mirian Leitão e Sadenberg na TV Globo. Luiz Alberto usou a rede do palácio do planato p alterar...	NP	
O Minist. Gilmar Mendes votou hj a favor q a posse de drogas p consumo próprio deixe de ser crime..	VT nac. Brasília	
PASSAGEM DE BLOCO: A empresa q inventou a pílula da libido muda de dono e a ouvidoria da polícia suspeita q outra chacina em Osasco tenha ligação com a da semana passada		
BLOCO 3		
PREVISÃO DO TEMPO		
Uma semana depois dos assassinatos de 18 pessoas na grande SP, o ouvidor das polícias do estado disse q pode haver uma ligação entre a chacina e outros 6 homicídios ocorridos dias antes	VT nac. SP Osasco	
Um ano de 90 anos de idade esteve hj no centro das atenções dos EUA. Ele foi presidente da rep. na segunda metade d...o ex-pres. Jimmy Carter anunciou hj q está com um câncer	VT int. EUA	
O laboratório canadense valian anunciou a compra do laboratório q fabrica a pílula rosa – libido feminina		
PASSAGEM DE BLOCO: A novela da crise na Grécia: o primeiro ministro renuncia depois de 7 meses no cargo		
BLOCO 4		
A pres. Dilma Rousseff recebeu hj a primeira ministra alemã Angela Merkel. Elas assinaram um acordo de cooperação...	NC Brasília	
O primeiro ministro da Grécia renunciou ao cargo e abriu caminha p a convocação de eleições antecipadas...	NC int. Grécia	
CRIANÇA ESPERANÇA(projeto Axé, salvador, BA)	VT nac. Salvador	
PASSAGEM DE BLOCO: as decisões da CPI do futebol e nos gramados as 8 de final da copa do Brasil		
BLOCO 5		
A CPI do futebol aprovou o requerimento da quebra do sigilo bancário do pres. Da CBF...	NC	
Futebol: os resultados dos 5 jogos da Copa do Brasil...	VT nac. Geral RJ	

JN 21 DE AGOSTO DE 2015 (SEXTA-FEIRA)	TIPO	TEMPO
BLOCO 1		40:54
ESCALADA		17:24
Os aposentados e pensionistas do INSS podem ter que esperar um pouco mais esse ano p receber o adiantamento do 13º. O ministério da fazenda propôs em 3 parcelas.	VT nac. Brasília	
O PROCON do Espírito Santo, em Vitória, começou o dia com uma fila enorme...	NC nac.	
Em julho, a economia brasileira fechou quase 158 mil empregos com carteira assinada. Foi o pior resultado do mês desde do começo do levantamento Há 24 anos.	NP	
As bolsas internacionais e Tb as do Brasil também tiveram uma sexta-feira terrível, e o motivo vem de longe, vem da China. Chama o repórter em Nova York...tombo na bolsa de NY	AO VIVO EUA	
Aqui no Brasil, em SP, a bolsa Tb caiu. Chama o repórter direto da Bovespa...”os economistas dizem que o q mais impacta a queda é a crise política no Brasil”..	AO VIVO SP	
Sonora com um economista da FGV falando sobre a queda nas bolsas e o impacto na economia brasileira...motivos internos	Sonora	
Falando da CRISE hídrica, os moradores da grande SP estão vivendo com 30% a menos de água q o ano passado...	VT nac. SP	
PREVISÃO DO TEMPO		
Uma pesquisa divulgada hoje pelo IBGE concluiu q em uma década o número brasileiro acima do peso ideal deu um salto:	VT nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: Passa de 800 milhões reais o que a Camargo Correa vai devolver ao tesouro por causa da corrupção na Petrobrás. Depois de ser denunciado, Eduardo Cunha diz que não vai renunciar.		
BLOCO 2		
O Pres. Da Câmara Eduardo Cunha, do PMDB, disse hj q renúncia e covardia não fazem parte do vocabulário dele...falou num evento sindical em SP.	VT nac. Brasília	
A Construtora Camargo Correa fechou hj um acordo com os procuradores da Lava jato e vai devolver 800 milhões...	VT nac. Curitiba	
A PF indiciou 14 pessoas na investigação de desvio de dinheiro do programa federal de agricultura familiar no RS...	NC nac. RS	
PASSAGEM DE BLOCO: militares americanos estão na lista de frequentadores de um site de relacionamentos extra- conjugais. Um atirador fere 3 pessoas num trem de alta velocidade na França		
BLOCO 3		
A revelação de frequentadores de um site de relacionamento q promove encontros...está dando o que falar no mundo inteiro.	VT int. EUA	
A prefeitura de NY está tentando acabar com uma situação q tem provocado constrangimento p milhões de turistas q visitam a cidade todos anos...	VT int. EUA	
Na Grécia q vive uma crise grave na economia e na política...	VT int.	
A Polícia da Macedônia lançou bombas de efeito moral contra os imigrantes..	VT int.	
Um Marroquino abriu fogo dentro de um trem de alta velocidade paris-amsterdan...duas pessoas ficaram feridas...	NC int	
PASSAGEM DE BLOCO: Protestos contra indiciamento de um jornalista pela polícia de São Paulo		
BLOCO 4		
A organização dos jogos olímpicos do Rio divulgou hj um balanço do andamento das obras.	NC nac. com sonora	
O Brasil conquistou hj a 1ª medalha de ouro na vela	NC	
Gols da Copa do Brasil	NC	
A associação Bras. De jornalismo investigativo criticou hoje o indiciamento pela polícia civil paulista de um repórter do jornal o diário da região, de São José do Rio Preto.	VT nac. SP	
PASSAGEM DE BLOCO: daqui a pouco a gente volta com um momento de beleza p os olhos e p os ouvidos		
BLOCO 5		
Nos últimos dias os moradores de Belém tiveram a oportunidade de ver ópera – música e teatro.	VT nac. belém	

JN 22 DE AGOSTO DE 2015 (SÁBADO)	TIPO DE NOTICIA	TEMPO
BLOCO 1		12:21
ESCALADA		
A corregedoria da PM de SP já tem 19 suspeitos da chacina da semana passada, 18 deles são PMs.	VT nac. SP	
A polícia descobriu uma quadrilha que invadia computadores do IBAMA p cometer crimes ambientais. 2 pessoas foram presas e 3 estão foragidas.	VT nac. PA Belém	
Um Atentado suicida matou 15 pessoas e feriu outras 60, em CABUL, região do Afeganistão	NC int	
O autor do ataque ao trem que ia de Amsterdan a Paris estava na mira do serviço secreto francês. 4 passageiros estão sendo tratados como heróis porque impediram uma matança.	VT int. NY	
Na Inglaterra um show aéreo acabou em tragédia. Um avião caiu e matou 7 pessoas...	VT int. Londres	
PREVISÃO DO TEMPO		
PASSAGEM DE BLOCO: O min. Gilmar Mendes do TSE pede a investigação das contas de campanha da presidente Dilma. 39 alunos de uma escola particular de SP são internados com suspeita de infecção intestinal e o hosp. Do Câncer de Barretos recebe ajuda de um ídolo da música country americana.	Passagem de bloco	
BLOCO 2		
O maior ídolo da música country americana vai se apresentar na festa do peão de Barretos, interior de SP.	VT nac.	

Toda renda do show vai p o hosp. Do Câncer da cidade, referência no tratamento da doença.	Barretos SP	
Estudantes de uma escola particular de Santo André, no ABC paulista, foram internados hj com suspeita de infecção intestinal...	NC nac. SP	
Projetos CRIANÇA ESPERANÇA...	VT	
Chamada do FANTÁSTICO		
O Min. Gilmar Mendes do TSE pediu q a procuradoria geral da república e a PF investigue se houve crime eleitoral durante a campanha de Dilma Rouseff nas eleições do ano passado...	NP	
Nota pé do PT...	np	
A justiça federal em SP negou o pedido da câmara dos deputados p q a advogada Beatriz Cata preta desse detalhe dos motivos q a levou a dizer q se sentia ameaçada pó integrantes da CPI da PEtrobbras	NC	
PASSAGEM DE BLOCO: O dia dos eventos testes p os jogos olímpicos do RJ, o nome mais rápido do atletismo mundial e os novos produtos		
BLOCO 3		
Agora uma notficia q interessa a mais de 28 milhões de aposentados e pensionistas:o minist. Da Faz. Confirmou: vai dividir em 2 parcelas o pagamento da 1ª metade do 13º salário	NP	
Uma feira em SP mostra as novidades no campo da estética para homens e mulheres... (Neide Duarte)	VT nac. SP	
No esporte, o Brasil conquistou uma medalha importante no mundial de canoagem na Itália	VT int. Itália	
E o 1º dia do campeonato mundial de atletismo na China, mostrou q o reinado de Usan Bolt...	VT int. China	
Terminou hj a semana de testes para a maratona aquática das olimpíadas no RJ	VT nac. RJ	
PASSAGEM DE BLOCO: Os gols de sábado do campeonato brasileiro, das séries A e B do brasileiro. E a música do projeto aquário no centro histórico do RJ		
BLOCO 4		
Nota da PM de SP, caso do Jornalista	NC	
FUTEBOL: rodada de gols do sábado, séries A e C	VT nac.	
Chamada do ESPORTE ESPETACULAR		
Um dos prédios históricos mais imponentes do centro do Rio serviu de cenário para um concerto de música clássica e escola de samba...aniversário de O Globo	VT nac. Rio	

